

Habitação rural em Mirandela. Caso de estudo em Vale de Juncal.

Pousada e Restaurante em Sines

ISCTE-IUL
Outubro, 2016

Ana Catarina Matos Pinto

Vertente Teórica

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Vertente Projetual

Trabalho Prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Tutor(a):

Doutor, Pedro Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Orientador(a):

Doutor, Soraya Genin, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

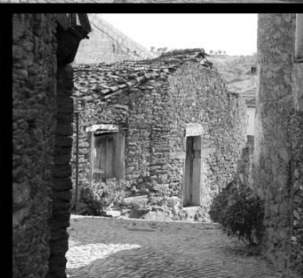
Índice geral

Parte I - Vertente Teórica

1. Introdução	21
2. Enquadramento.....	25
3. Arquitetura Popular Transmontana.....	37
4. Caso de estudo.....	65
5. Considerações finais.....	129
6. Bibliografia.....	132

Parte II - Vertente prática

1. Introdução.....	143
2. Análise Urbana.....	144
3. Proposta de grupo.....	163
4. Proposta individual.....	171
5. Bibliografia.....	200



Parte I

Vertente Teórica

**Arquitetura Popular em Mirandela.
Caso de Estudo em Vale de Juncal**

ISCTE-IUL | Ana Pinto | 2016

**Todas as ilustrações, quadros ou desenhos são da minha autoria,
exceto indicação em contrário.
O presente trabalho está redigido segundo o novo acordo ortográfico.**

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientadora:

Professora Doutora Soraya Genin, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Novembro, 2016

Abstract

The purpose of this thesis is to study the *Vale de Juncal* village in *Mirandela*, by making an inventory of the typical “*transmontana*” houses, studying the constructive systems and the characteristic typologies in the *Trás-os-Montes* area.

To understand the area where Vale de Juncal is, a description of the different regions of Portugal was made, with a special attention to the *Trás-os-Montes* area where this thesis is focused. Several typologies of the typical “*transmontana*” houses were identified in the *Mirandela* area. The most important traits are the external and internal typologies, as well as the constructive elements that are typical from this region. This thesis has 3 main chapters, which interline and bring together a wide range of topics, including a database that serves as a model for the case study.

The main objective of this report is to spread the historical value of this place to its citizens. The main methodology used was direct analysis and photographic work of the constructions, since there wasn't much information from the village available elsewhere.

By making an inventory of the houses in this village, there is a general degradation in the stone infrastructures that used to be predominant in the region and the loss of many typological characteristics, with the appearance of new infrastructures.

Keywords

Folk Architecture; Trás-os-Montes; Patrimony; Vale de Juncal.

Resumo

A aldeia de Vale de Juncal, em Mirandela, é o objeto de estudo deste trabalho, onde fizemos um inventário das casas típicas transmontanas, quanto ao seu sistema construtivo e tipologias características na zona de Trás-os-Montes.

Para perceber o território onde se insere a aldeia de Vale de Juncal, fez-se um enquadramento do geral para o particular, das várias regiões de Portugal continental, em particular a zona de Trás-os-Montes. Identificou-se algumas tipologias de casa transmontana no concelho de Mirandela, e na freguesia de Abambres. Das tipologias destacam-se as exteriores e as interiores, tanto como os elementos construtivos característicos desta região. Deste modo, o trabalho divide-se em 3 capítulos principais, que se interligam e fazem uma aproximação detalhada de vários temas, com uma base de registos que servem de modelo para o caso de estudo.

Tem como principal objetivo sensibilizar a população local do valor histórico destes locais, e apelar à sua valorização. A metodologia principal foi através da análise direta e levantamento fotográfico das construções, visto a informação sobre a aldeia ser escassa.

Com o inventário desta aldeia percebe-se a existência de várias construções em pedra, o seu abandono, e a perda de vários exemplos tipológicos com o aparecimento de novas construções.

Palavras-Chave

Arquitetura Popular; Trás-os-Montes; Património; Vale de Juncal.

Agradecimentos

À minha orientadora, professora Soraya Genin, pelo apoio, disponibilidade e simpatia.

Ao meu orientador Arq. Pedro Pinto.

Aos meus pais pela paciência e apoio incondicional nas minhas escolhas.

À minha irmã pela paciência e ajuda nos momentos mais difíceis ao longo do curso.

À minha família pelo apoio, ajuda e força.

Aos meus amigos pelo acompanhamento e ajuda neste percurso, em especial aos colegas de curso pela partilha e interajuda.

Muito obrigada!

Índice

1	Introdução.....	21
1.1	Objetivos.....	22
1.2	Metodologia e estrutura.....	22
2	Enquadramento.....	25
2.1	Portugal.....	25
2.2	Trás-os-Montes.....	31
3	Arquitetura Popular Transmontana.....	37
3.1	Tipologia exterior.....	37
3.2	Tipologia interior.....	45
3.3	Elementos construtivos.....	57
3.3.1	Escada.....	57
3.3.2	Cobertura.....	59
3.3.3	Varanda.....	60
3.3.4	Outros Elementos.....	63
4	Caso de estudo.....	65
4.1	O concelho de Mirandela.....	65
4.2	A Freguesia de Abambres.....	77
4.3	A Aldeia Vale de Juncal.....	81
4.3.1	A aldeia.....	85
4.3.2	Os Conjuntos.....	89
4.3.3	As construções.....	91
5	Considerações Finais.....	129
6	Bibliografia.....	132

Índice das ilustrações

Figura 1: Mapa de Portugal com identificação das zonas caraterísticas da Arquitetura Popular em Portugal.	26
Figura 2: Mapa de Portugal com identificação das zonas caraterísticas em Arquitetura Popular Portuguesa. (Mário Moutinho, 1979, p.38).....	26
Figura 3 - Os concelhos de Trás-os-Montes.....	30
Figura 4: Locais referidos no inquérito, na zona 2. Montes, Rio de Onor, Miranda do Douro e Em destaque Mirandela e Vale Juncal.....	30
Figura 5 : Terra fria e terra quente. (1988, p.124).....	32
Figura 6: Altimetria e rios. Presença marcante dos rios. (1988, p.124)	32
Figura 7 : Mapa tipológico da zona transmontana (zona 2). Identificação do caso de estudo.	38
Figura 8: Legenda completa do mapa tipológico da fig.7.	39
Figura 9: Exemplo de tipologia:.....	40
Figura 10: Exemplo de tipologia:.....	40
Figura 11: Exemplo de tipologia:.....	40
Figura 12: Exemplo de tipologia:.....	41
Figura 13:Exemplo de tipologia:.....	41
Figura 14: Exemplo de tipologia:.....	41
Figura 15: Exemplo de tipologia:.....	42
Figura 16:Exemplo de tipologia:.....	42
Figura 17: Exemplo não encontrado na bibliografia.	42
Figura 18: Tipologia não encontrada.	43
Figura 19: Exemplo de tipologia:.....	43
Figura 20: Tipologia não encontrada.	43
Figura 21: Casa de um único piso. Planta e corte, em Montes. (1988, p.133)	46
Figura 22: Casa tipo serrana (tipo 1). Com dois pisos. (Mário Moutinho, 1979, p.60).....	46
Figura 23: Casa de 2 pisos com pátio exterior. Em Boticas, Carvalhelhos. (tipo 2).....	48
Figura 24: Casa de 2 pisos, com pátio interior. Em Boticas, Campos (tipo 3).	48
Figura 25: Casa de 2 pisos, com escada e balcão corrido, ao longo da fachada. Distribuição dos espaços paralelamente à rua (tipo 4). Em Bragança, Rio de Onor.....	50
Figura 26: Casa de 2 piso, com distribuição dos espaços perpendicularmente à rua. Frente com escada e balcão e alpendre (tipo 5). Em Bragança, Rio de Onor.	50
Figura 27: Vinhais. Centro de interpretação. Forno.	54
Figura 28: Escano. Em Vale de Juncal.	54

Figura 29: Vinhais. Centro de interpretação,	54
Figura 30: Aglomerado de casas, Vale da campeã. (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.129)	58
Figura 31: Cobertura em lousa, Montes. (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.138).....	58
Figura 32: Cobertura em lousa, com argamassa nas juntas, Boavista, Marão. (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.139).....	58
Figura 33: Pormenor das «latas» (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.183)	58
Figura 34: Planta da capela do senhor dos aflitos, Valpaços. (Carvalho Dias, 2013, p.116)	62
Figura 35: Pombais. Abambres,	62
Figura 36: Pombais. Abambres.	62
Figura 37: Concelho de Mirandela, e suas 30 freguesias.	64
Figura 38: Ponte sobre o Tua.	68
Figura 39: Castelo em Mirandela	68
Figura 40: Solar dos condes de Vinhais.	69
Figura 41: Paço dos Távoras.	69
Figura 42: Igreja da misericórdia.	69
Figura 43: Igreja de São Tomé, Abambres.....	71
Figura 44: Tipologias em Trás-os-Montes, encontrado em Mirandela: Alminhas, varanda saliente e varanda saliente com escada. (Com base no mapa tipológico da “Arquitetura Popular em Portugal).....	72
Figura 45: Casa de varanda saliente, Mirandela.....	74
Figura 46: Casa de varanda saliente, Mirandela.....	74
Figura 47: Casa de varanda saliente, Mirandela.....	74
Figura 48: Casa de varanda saliente, Mirandela.....	74
Figura 49: “Casa de varanda saliente”, Mirandela.	74
Figura 51: Casa de varanda «procissão» em mau estado, Mirandela.....	74
Figura 50: Casa tipo com escada saliente e alpendre, Mirandela.	74
Figura 52: Armazém em Mirandela.	75
Figura 53: Casa em Mirandela.	75
Figura 54: Freguesia de Abambres, aldeias de Vale de Juncal e Vale de Martinho.	76
Figura 55: Planta urbana da aldeia de Vale de Martinho. (Com base no mapa Google)	78
Figura 56: Planta urbana da aldeia de Abambres. (Com base no mapa Google)	78
Figura 57:Casa com varanda saliente, Vale de Martinho.	79
Figura 58: Casa em pedra com alterações	79
Figura 59: Casa tipo de 2 pisos, Abambres.	79
Figura 60: Portão com decoração, Abambres.	79

Figura 61: Casa de varanda saliente, Abambres.....	79
Figura 62: Casa varanda saliente com escada, Abambres. Possivelmente recente.....	79
Figura 63: Planta de Vale de Juncal.....	80
Figura 64: Gado no rio Tuela, Vale de Juncal.....	80
Figura 65: Presença das casas de Vale de Juncal.....	80
Figura 66: Paisagem rural transmontana de Vale de Juncal.....	82
Figura 67: Localização de antigos abastecimentos de água (1,2,3), Vale de Juncal.....	82
Figura 68 Fonte luminosa (1).....	83
Figura 69: Fonte do Freixo (2) construída em 1832, com tanque para animais.....	83
Figura 70: Poço de abastecimento de água, em Vale de Juncal (3).....	83
Figura 71 Planta atual de Vale de Juncal. (mapa com base no Google maps).....	84
Figura 72: Rede de abastecimento de +agua e de drenagem de águas residuais, em Vale de Juncal. Ano 2000. (Arquivo da camara municipal de Mirandela).....	84
Figura 73: Mapeamento do sistema construtivo dos imóveis, em Vale de Juncal.....	86
Figura 74: Identificação de 10 conjuntos de casas importantes para o estudo.....	86
Figura 75: Conjunto de plantas das 10 áreas de Vale de Juncal.....	88
Figura 76: Identificação da arquitetura popular e tipologias de acordo com a Arquitetura Popular em Portugal.....	92
Figura 77: Enumeração das casas em estudo.....	93
Figura 78: Casa com escada saliente e alpendre, Vale de Juncal (2015).....	126
Figura 79: Construção recente, Vale de Juncal. (2016).....	126

1 Introdução

O inquérito à arquitetura popular em Portugal editado em 1961, inclui um largo inventário de norte a sul do país. Este património arquitetónico tem vindo a perder-se continuamente, com o abandono da vida rural.

Na zona de Trás-os-Montes o abandono da arquitetura vernacular e da paisagem rural, apela ao seu estudo e levantamento, com vista à proteção e reabilitação deste património em extinção.

O estudo das tipologias arquitetónicas, dos elementos exteriores (escada, varanda, cobertura) e interiores (funções, localização e relação entre os espaços), permite caracterizar as construções e estabelecer critérios de valor. A comunidade local normalmente desconhece o valor histórico, arquitetónico e cultural, das casas que possui, ao nível regional e nacional.

Sendo o inventário, o primeiro meio de salvaguarda, selecionou-se um caso de estudo da região transmontana, a aldeia de Vale de Juncal, para levantamento e análise da arquitetura popular. A escolha deste caso deve-se às relações pessoais e afetivas com o local e a população, servindo de complemento ao inventário do Inquérito.

1.1 Objetivos

Este trabalho teve como principal objetivo sensibilizar a população local do valor histórico e arquitetónico das suas casas, típicas transmontanas. Pretende-se apelar à sua valorização e conservação, travando o processo de destruição constante, que se tem vindo a observar na aldeia de Vale Juncal.

Para o efeito, também foi objetivo estudar as características da casa popular, em particular da casa transmontana, criando bases para análise do caso de estudo. Os resultados são apresentados em forma de ficha, de forma simplificada e fácil leitura.

1.2 Metodologia e estrutura

A metodologia desenvolvida neste trabalho assenta na pesquisa bibliográfica e no trabalho de campo para análise direta das construções e levantamento fotográfico.

Primeiro foi feita a pesquisa bibliográfica sobre arquitetura popular portuguesa (capítulo 3). Duas obras de referência, a “Arquitetura Popular em Portugal” e “Portugal de Perto. Arquitetura Tradicional Portuguesa”, possibilitaram o conhecimento das tipologias da arquitetura popular, em particular da zona de Trás-os-Montes. Cruzaram-se os dados, das tipologias das casas transmontanas apresentadas no Inquérito, com o levantamento fotográfico apresentado na segunda obra, desenvolvendo fichas para cada tipologia.

Dado que as tipologias do inquérito definem sobretudo características exteriores das casas, fez-se uma análise dos interiores, com base em bibliografia diversa, algumas em “Arquitetura Popular em Portugal”, apenas referido um exemplar neste trabalho (os outros casos pouco acrescentavam), “A Arquitetura Popular Portuguesa” e “Portugal de Perto. Arquitetura Tradicional Portuguesa”, A partir deste estudo definiram-se cinco tipologias de interiores.

Com base na análise bibliográfica, desenvolveu-se o trabalho de campo. Esta observação incide apenas na análise das tipologias exteriores, uma vez que não foi possível o acesso ao interior das casas. O estudo partiu do geral para o particular, primeiro a análise do concelho de Mirandela (capítulo 4.1), seguindo-se a freguesia de Abambres, (capitulo 4.2), por último a análise da aldeia de Vale de Juncal (capitulo 4.3). Cada capítulo foi sempre acompanhado de fichas de caracterização dos imóveis, de acordo com as tipologias definidas no Inquérito.

A análise foi desenvolvida a partir da observação direta das construções e de levantamento fotográfico. O trabalho de campo em Vale de Juncal foi exaustivo e detalhado, com o levantamento de todas as construções tradicionais da aldeia. Desenvolveram-se mapas e fichas de caracterização das casas, relativamente ao seu sistema construtivo e tipologia exterior. Destacaram-se as construções em alvenaria de pedra, à vista ou rebocadas, e as novas construções em alvenaria de tijolo. Registaram-se as alterações recentes, as construções abandonadas, em avançado estado de degradação e em ruína.

2 Enquadramento

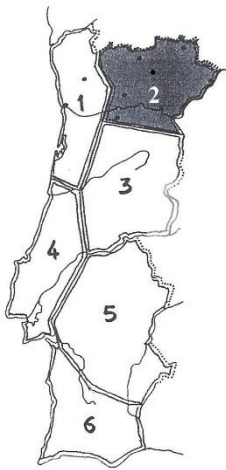
2.1 Portugal

Em Portugal continental, consoante a localização geográfica, existem várias tipologias de habitação. Estas variações tipológicas de casa têm vindo a ser alvo de estudos, ainda que pouco aprofundados, e começam a ser valorizados. De Norte a Sul do país, estas diferenças são visíveis, com características próprias consoante o clima, geologia, ocupação, recursos, entre outras.

Consoante a região e seus recursos, as casas tomavam a sua própria identidade, como Ernesto e Fernando referem:

“(…) a casa de pedra, estável, como a casa do lavrador; a de madeira – como o barco -, para o pescador e o cabaneiro pobre, que se acomodam como uma construção improvisada, incerta e provisória – quase colante – como as suas vidas.” (Ernesto Oliveira, 2003, p.15)

A obra mais emblemática e de referência, que caracteriza a habitação de acordo com a região é a “Arquitetura Popular em Portugal”, que inclui um inquérito à arquitetura regional portuguesa, entre 1955 e 1960. Refere as várias características regionais, através de levantamentos de vários locais. (Carlos Dias, 2013, p.21)



Zona 1: Minho, Douro Litoral e parte da Beira Litoral;

Zona 2: Trás-os-Montes e Alto Douro;

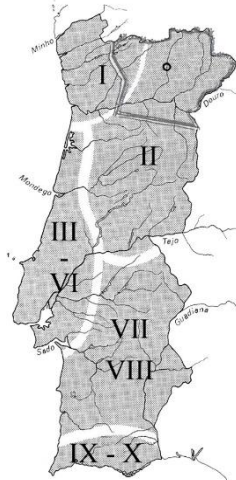
Zona 3: Beira Alta e Beira Baixa;

Zona 4: Ribatejo e Estremadura;

Zona 5: Alentejo interior;

Zona 6: Algarve, e mais uma faixa da costa alentejana.

Figura 1: Mapa de Portugal com identificação das zonas caraterísticas da Arquitetura Popular em Portugal. (Carlos Dias, 2013, p.29) Zona referente no Inquérito de 1961, 1ª Edição.



Norte: I – casa minhota; II – casa serrana.

Centro-Litoral: III – casa de madeira; IV – casa alpendrada; V – casa saloia;

VI – casa ribatejana.

Alentejo: VII – casa do monte; VIII – casa do povoado.

Algarve: IX – casa de pescadores; X – casa rural.

Figura 2: Mapa de Portugal com identificação das zonas caraterísticas em Arquitetura Popular Portuguesa. (Mário Moutinho, 1979, p.38)

Esta comunhão que existe entre o local e as casas é ainda hoje visível em vários locais. Carlos Dias relembra-nos a introdução de Nuno Teotónio Pereira na 3ª edição do livro, que refere uma das preocupações por parte de alguns arquitetos já nos anos 60

“o Inquérito foi “realizado no último momento possível para registar em toda a sua plenitude um mundo prestes a desaparecer” (Carlos Dias, 2013, p.10)

O inquérito foi importante para manter viva a memória de certos locais e construções que porventura estão a desaparecer, devido a novas construções e muitas vezes por abandono e desinteresse das pessoas em preservar e manter alguns destes locais. Tudo depende dos nossos atos, como refere Eduardo Lourenço, “o futuro do passado está confinado à nossa guarda” (2007, p.7)

No inquérito é referida uma divisão de Portugal continental em 6 Zonas (Fig.1), consoante as características regionais. Nas 6 Zonas referidas no inquérito, sugeridas por Orlando Ribeiro¹, foram feitos levantamentos sobre diversos locais. No Norte estão definidas duas zonas: a zona do Minho, Douro Litoral e parte da Beira Litoral (zona 1) e a zona de Trás-os-Montes e Alto Douro (zona 2).

Mário Moutinho define ainda dez regiões arquitetónicas no território continental, com uma divisão de cinco locais (Fig.2). Na região Norte, o norte litoral e o norte interior; e no Sul, a

¹ “Muito mais tarde, vim a saber que esta divisão foi apoiada – ou sugerida – por Orlando Ribeiro o reconhecido Mestre de geografia” (Carlos Carvalho Dias, 2013, p.29)

região do centro litoral, região do Alentejo e a região do Algarve. Estas regiões relacionam-se com as formas de povoamento e os tipos de casas. (Mário Moutinho, 1979, p.37)

O nosso caso de estudo, a aldeia de Vale de Juncal, no concelho de Mirandela, localiza-se na zona 2 do inquérito, em Trás-os-Montes e Alto Douro. O arquiteto que chefiou a zona 2 foi Octávio Lixa Filgueiras, e os estagiários selecionados foram Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias.

A aldeia de Vale de Juncal, não se encontra inventariada. Apenas é referido em anotações feitas por Carlos Dias, aquando da realização do inquérito, em Valpaços, Mirandela e Vinhais. (Carlos Dias, 2013, p.29)

No mapa de Mário Moutinho, Vale Juncal localiza-se na zona II, definida com a tipologia “casa serrana”.

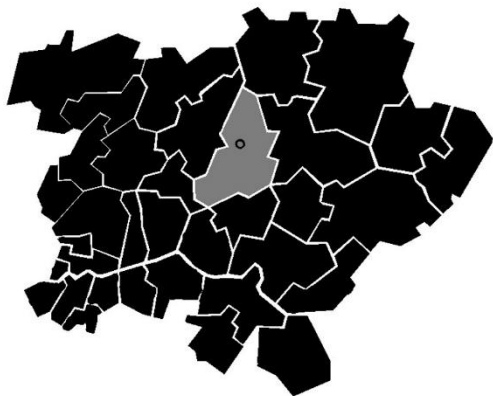
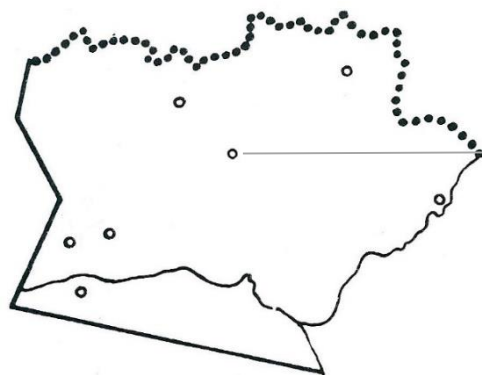


Figura 3 - Os concelhos de Trás-os-Montes.
Em destaque Mirandela e Vale Juncal



(Caso de estudo)

Figura 4: Locais referidos no inquérito, na zona 2. Montes,
Rio de Onor, Miranda do Douro e Em destaque Mirandela e
Vale Juncal

(1988, p. 128)

2.2 Trás-os-Montes

Como em qualquer cidade, ou em seu redor, as construções são marcadas pela passagem do tempo. Construir é colocar numa paisagem uma marca, que se modifica com o passar do tempo. No futuro, encontrar-se-ão vestígios do passado, sob as pedras.

Nestes pequenos pedaços, nas aldeias, as pedras ficam e as histórias perdem-se. Estas aldeias encontram-se espalhadas, em aglomerados, pelos vários concelhos de Trás-os-Montes (fig.3). No inquérito foram inventariados seis locais (fig.4). Este trabalho tem o objetivo de acrescentar mais um local.

As casas em extinção em Trás-os-Montes, são as casas típicas transmontanas, habitações em pedra, granito, xisto ou calcário, conforme a natureza do local. Eram usadas para abrigo dos animais e elementos agrícolas. Estas tipologias estão referidas em alguns estudos, mas pouco aprofundados, serão abordadas no capítulo seguinte. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.17)

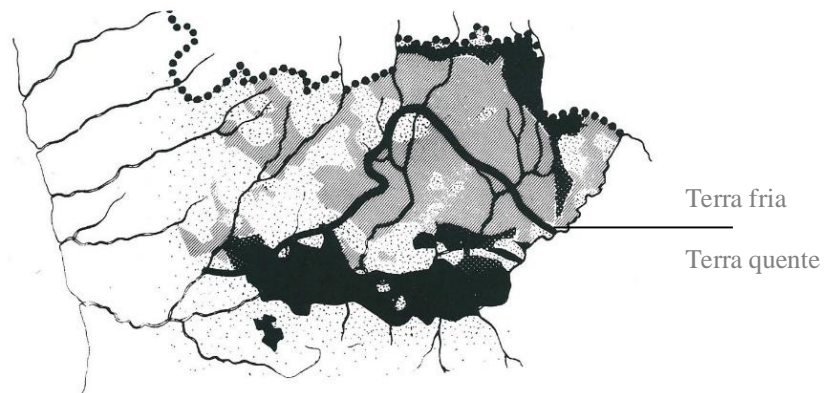


Figura 5 : Terra fria e terra quente. (1988, p.124)



Figura 6: Altimetria e rios. Presença marcante dos rios. (1988, p.124)

A zona de Trás-os-Montes divide-se em “terra fria”, a norte, e a sul “terra quente” (fig.5). Esta divisão referente ao clima, é um fator condicionante do tipo de vida e comportamento dos habitantes. A adaptação a estes fatores reflete-se no estilo de vida e nas suas habitações. (Carlos Dias, 2013, p. 44) É interessante reparar como na terra quente transmontana o povo desceu ao encontro das linhas de água (rios, ribeiros e regatos), ao contrário da terra fria onde se situam na meia encosta ou planalto. (Roger Lopes, 2002, p.11)

A localização destes povoamentos, como é natural, estão compreendidos nos vales, ribeiros, ou junto aos rios. Os rios têm uma presença forte nesta zona (fig.6). Na zona da terra quente, entre o rio Tuela e Rabaçal, os povoados situados no vale, tomaram a denominação de “vilar”, como: Vale das Fontes, Vale D’ouro, (...), **Vale de Juncal**, (...). As povoações mais pequenas são vulgarmente denominadas por “Quinta”. (1986, pp.21-22)

Uma das características do povoamento de Trás-os-Montes é ser concentrado, e daí surgem, e continua a existir desavenças entre a vizinhança, por causa do telhado, janela, parede meeira, etc. Por vezes quando algumas das casas já estão degradadas, cria um impasse para a habitação vizinha, uma vez que não podem fazer alterações pela proximidade do pedaço adjacente. Mas, ultimamente, com a dispersão demográfica, esta característica da “concentração” tem-se vindo a perder, tanto como a vivência de aldeia, com os caminhos confinados pelas casas. (Escola Secundária Mirandela, 1986, pp.21-22)

Com estes confrontos dos moradores e da observação exterior destes locais, consideramos importante este levantamento para complementar os dados existentes sobre a zona norte de Portugal.

De um modo geral, onde há pedra constrói-se em pedra, e onde ela falta constrói-se em terra, adobo ou tijolo, ou em madeira e outros materiais vegetais. (Ernesto Oliveira, 2003, p.15)

As aldeias transmontanas têm algumas características particulares, por serem casas contíguas e compactas, escuras, com feições rudes e arcaicas. Vistas de longe, as casas parecem ter um telhado único e corrido, parecendo um aglomerado de casas. Perto deste aglomerado de casas ficam os campos agrícolas, como as hortas e as vinhas. (Ernesto Oliveira, 2003, p.137)

É difícil quanto a comparação, a nível de arquitetura, a esta aparência primitiva das aldeias, e da sua forma urbana,

“Em verdade, a escala da aldeia é dada pela escala da rua ou, mais especificamente, pela escala resultante do volume que se sente construído e do espaço residual aberto, por onde escorrem os passos do homem.” (AAP, 1988, p.177)

A construção original das casas transmontanas é em pedra crua, solta com raras aberturas, sem reboco ou caiação, e sem argamassas, cobertas com lousa ou colmo. Atualmente há cada vez mais casas rebocadas e caiadas, escondendo o aspeto tosco do xisto ou granito. Frequentemente mostram um rodapé de cor. (Ernesto Oliveira, 2003, p.137)

A casa popular transmontana, nascida e ajustada a essa paisagem rural, está incluída na categoria geral da casa nortenha de rés-do-chão e andar funcionalmente distintos, com algumas características presentes, como a varanda e escada exterior. A natureza destes elementos e o seu exclusivismo devem-se às suas origens.

O tamanho das casas representa, por vezes, a riqueza do proprietário. As casas grandes, ou que se encontram isoladas, contêm um pátio ao lado ou no meio da casa, que serve de acesso às lojas, e onde por vezes se acumulam os estrumes. O nome deste espaço designa-se de curral ou curralada. Esta é uma das tipologias abordadas no capítulo seguinte. (Ernesto Oliveira, 2003, p.137)

Já nas casas pequenas, que se encostam em paredes meeiras às vizinhas, não existe a curralada, ou então localiza-se nas traseiras. Por vezes observam-se colunas feitas de pequenos blocos ou lascas de pedra, com várias formas, cilíndrica ou um pouco cónica, fazendo de suporte a varandas ou alpendres. (Ernesto Oliveira, 2003, p.138)

Os materiais mais comuns de construção, dependendo do local, são o granito e o xisto, sem argamassa e reboco. O xisto aparece com a forma de pequenas lajes, que leva a que as ombreiras, padieiras e aventais sejam de madeira ou granito, tanto como os cunhais. (Mário Moutinho, 1979, p. 42)

3 Arquitetura Popular Transmontana

A habitação transmontana tem algumas características notáveis, e existem alguns levantamentos de reconhecimento destes padrões que as distingue relativamente a outro tipo de arquitetura. Estas diferenças, ou variáveis, são observadas tanto no exterior como pela organização interior dos espaços da habitação.

3.1 Tipologia exterior

O inquérito define tipologias (fig. 7) da arquitetura popular, caracterizando sobretudo o exterior das construções. Na zona transmontana foram identificados 24 tipos (fig.8), e localizados em mapa. As tipologias identificam casas e outras construções ou elementos construtivos, como: forno, capela, espigueiro, sequeiro, pelourinho, alminhas e cruzeiro. Dentro dos exemplos das tipologias das casas transmontanas existem várias alternativas, consoante a localização dos elementos de transição, a escada e a varanda, para o interior da habitação.

O tipo de construção para que este trabalho está direcionado é a casa transmontana, e são 12 as tipologias identificadas no mapa do inquérito (fig. 9-20). São casas com dois pisos, em que as variantes mais marcantes são feitas pelos elementos de transição, como a escada e a varanda. As que não apresentam estes elementos são: casa típica da sub-região e a casa com 2º piso avançado. As restantes, e mais comuns, incluem estes elementos, como a casa com escada saliente e alpendre, ou apenas um deles, como a casa com varanda recuada.

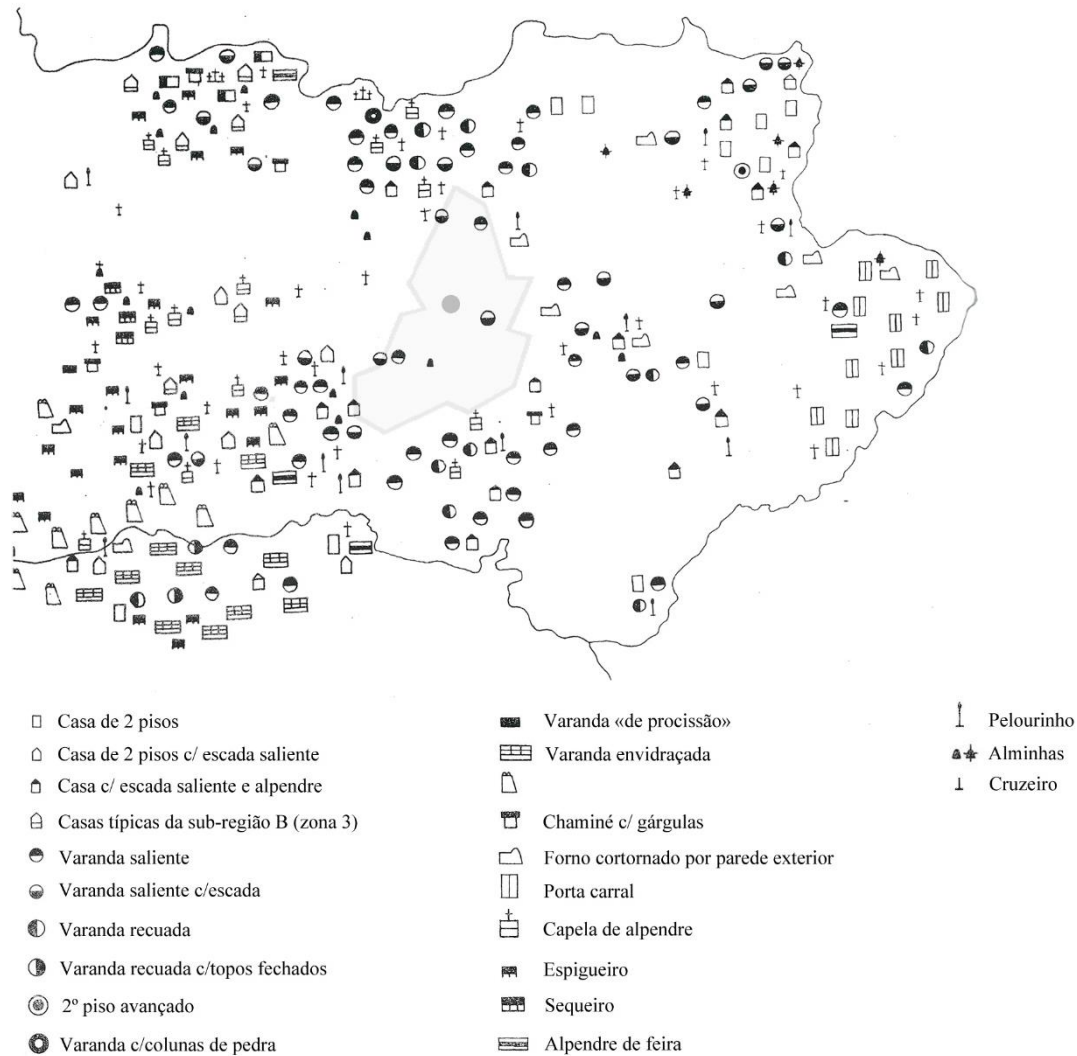


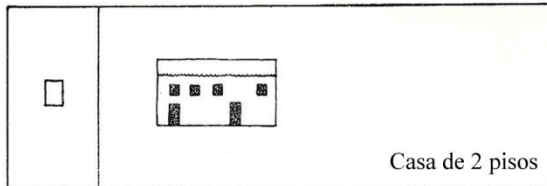
Figura 7 : Mapa tipológico da zona transmontana (zona 2). Identificação do caso de estudo.
(Com base no mapa tipológico de Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.222)

		Casa de 2 pisos			Varanda «de procissão»
		Casa de 2 pisos c/ escada saliente			Varanda envidraçada
		Casa c/escada saliente e alpendre			Chaminé c/gárgulas
		Casas típicas da sub-região B (Zona 3)			Forno cortornado por parede exterior
		Varanda saliente			Porta carral
		Idem, c/escada			Capela de alpendre
		Varanda recuada			Espigueiro
		Idem, c/topos fechados			Sequeiro
		2.º piso avançado			Forno colectivo
		Varanda c/colunas de pedra			Alpendre de feira
					Pelourinho
					Alminhas
					Cruzeiro

Figura 8: Legenda completa do mapa tipológico da fig.7.
(Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.223)

Legenda do mapa tipológico da zona 2, referente aos tipos de casa transmontana.

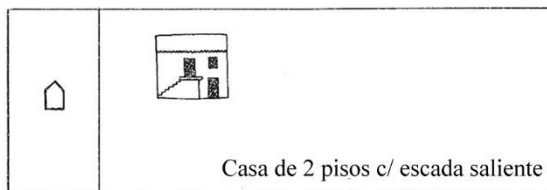
(Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.223)



Casa de 2 pisos

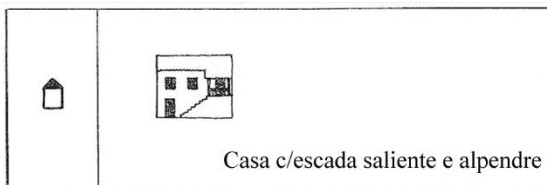
Figura 9: Exemplo de tipologia:
Casa em Montalegre, Salto. (Portugal de Perto)

Exemplos de tipologias.
(Portugal de perto, 2003)



Casa de 2 pisos c/ escada saliente

Figura 10: Exemplo de tipologia:
Casa em Mogadouro, Bemposta. (Portugal de Perto)



Casa c/escada saliente e alpendre

Figura 11: Exemplo de tipologia:
Casa em Montalegre, Tourém. (Portugal de Perto)



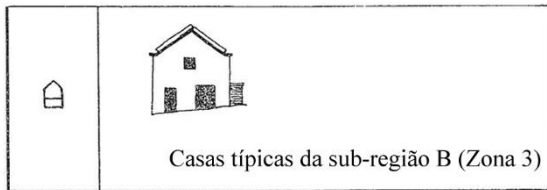


Figura 12: Exemplo de tipologia:
Casa em Lousã, Vaqueiros. (Portugal de Perto)

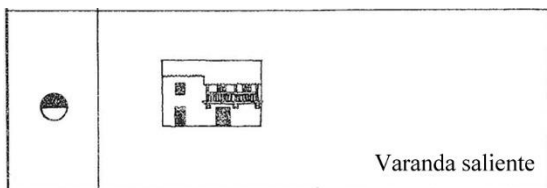
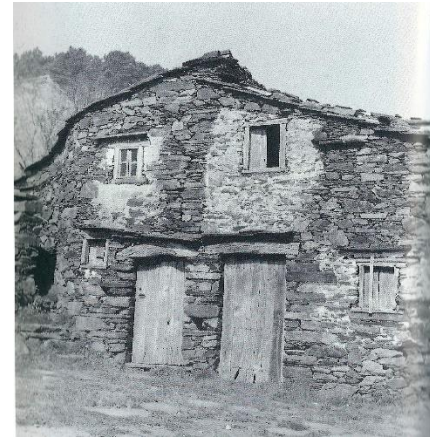


Figura 13: Exemplo de tipologia:
Casa em Mogadouro, Bemposta. (Portugal de Perto)

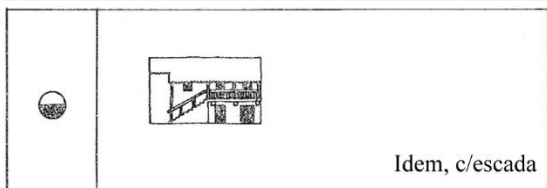


Figura 14: Exemplo de tipologia:
Vinhais, Mofreita. (Portugal de Perto)



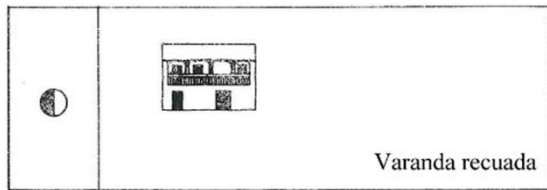


Figura 15: Exemplo de tipologia:
Casa em Covilhã, Paul. (Portugal de Perto)

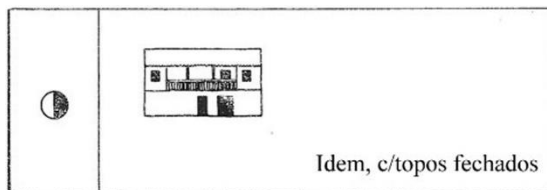


Figura 16: Exemplo de tipologia:
Casa em Tábua, Ázere. (Portugal de Perto)

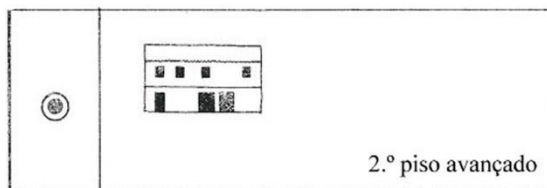


Figura 17: Exemplo não encontrado na bibliografia.

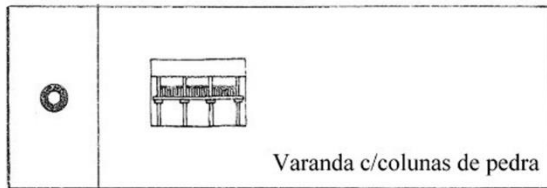


Figura 18: Tipologia não encontrada.

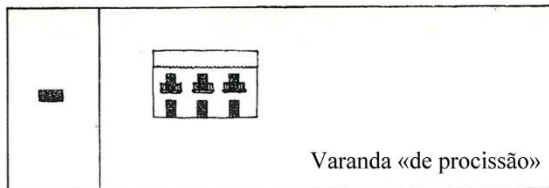


Figura 19: Exemplo de tipologia:
Casa em Vinhais, Mofreita. (Portugal de Perto)

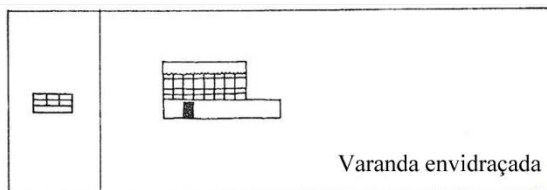


Figura 20: Tipologia não encontrada.

O mapa tipológico e sua legendagem foi importante para perceber as diferenças e características mais comuns encontradas na zona 2. Das 13 tipologias de casas identificadas apenas não encontrámos imagens referentes a três tipos: 2º piso avançado, varanda com colunas de pedra, e varanda envidraçada.

3.2 Tipologia interior

Para alguns autores², o que define uma habitação rural não é o aspeto exterior, e seus materiais, mas a sua organização interior e a relação entre os diferentes espaços. Principalmente devido à relação que existe entre os homens, o gado e as coisas, consoante as funções necessárias, agrícola, e expressão do ambiente natural. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.13)

Com a necessidade de criar um abrigo, tanto para as pessoas como animais, a organização dos espaços interiores na casa transmontana foi-se adaptando às necessidades. A casa primitiva era apenas de tipologia térrea, formada por uma única divisão, e uma única entrada. Neste espaço organizavam-se cantos para as várias atividades, como zona para o lume, zona de dormir (a família era por vezes numerosa), e zona para salga do porco. (1986, p.9)

A casa popular, e mesmo a casa rural, era considerada como um verdadeiro instrumento agrícola, que se adaptava às necessidades de exploração da terra. Esta constante adaptação é um fator importante na organização do espaço, nomeadamente no que se refere às suas dimensões e à importância e distribuição, tanto da zona de habitar, como dos espaços de trabalho, dos estábulos e das lojas de arrumação das ferramentas da lavoura. Estes dois espaços, para as pessoas e animais, sempre foram importantes na organização interior das casas transmontanas. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.13)

² Como Demangeon, referido por Ernesto Oliveira e Fernando Galhano.

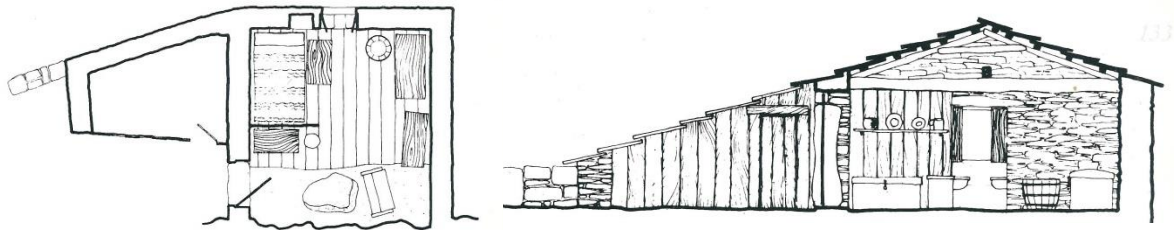


Figura 21: Casa de um único piso. Planta e corte, em Montes. (1988, p.133)

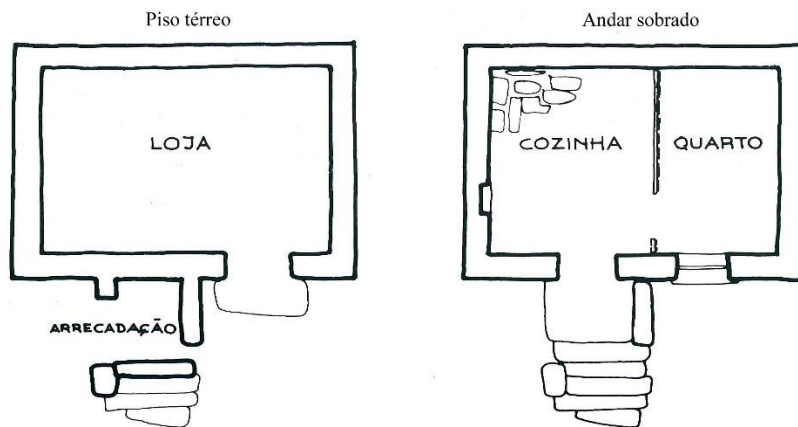


Figura 22: Casa tipo serrana (tipo 1). Com dois pisos. (Mário Moutinho, 1979, p.60)

No inquérito são referidos três tipos de casa rústica, distinção necessária pelos limites de espaço consoante o local, onde a casa mais simples não tem mais do que uma loja (fig.21), o termo médio é a casa com alpendre lateral, e a mais complexa não renuncia do pátio provido por uma ampla porta. (AAP, 1988, p.179)

Mário Moutinho caracteriza a casa serrana (fig.22), de planta quadrada ou retangular, com dois pisos. No piso térreo encontra-se a corte³ do gado e no andar sobrado, acessível pela escada exterior de pedra, um ou dois compartimentos, a cozinha com lareira e o quarto. (1979, p. 42)

Ernesto Oliveira e Fernando Galhano, definem a tipologia de casa bloco, térrea e de andar (tipo 2,3,4 e 5), em várias zonas, sendo também referido na zona transmontana. Este tipo de casa é característico da área geral nortenha. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.25)

Em alguns dos exemplos pode-se notar as cortes, pocilgas e outros espaços em volta de um espaço denominado «quinteiro», local de acesso pelo exterior a partir de um portão. Também se encontra, por vezes, um sobrado coberto onde se guarda o feno. (1979, p.42)

Alguns exemplos tipológicos encontrados, por Ernesto Oliveira e Fernando Galhano em Boticas e Rio de Onor, ajudam a perceber as pequenas variações de habitação encontradas na zona transmontana, sendo que não são exemplos únicos.

³ Corte: Área descoberta cercada ou recinto coberto fechado onde se recolhe o gado. = curral.
(<http://www.priberam.pt/dlpo/corte>)

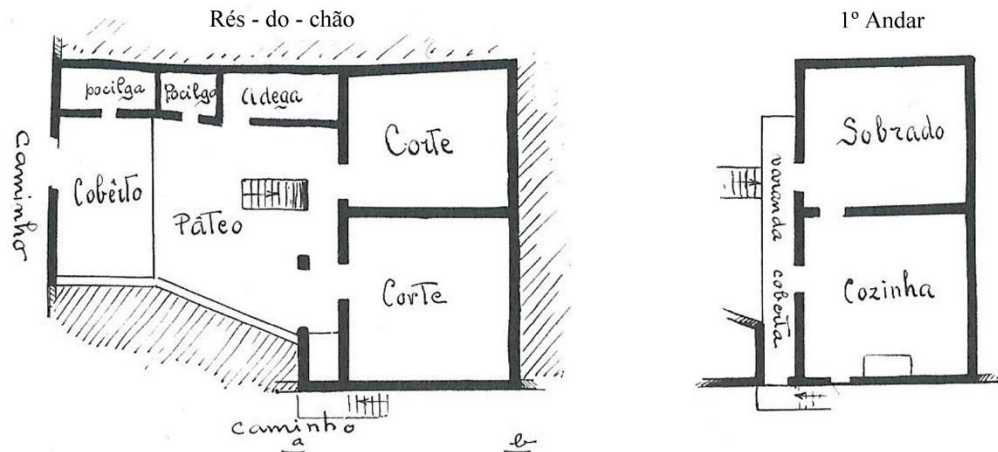


Figura 23: Casa de 2 pisos com pátio exterior. Em Boticas, Carvalhelhos. (tipo 2).

A casa encontra-se de paredes meeiras com outras construções, e a entrada é feita por dois caminhos. O caminho principal é feito pela fachada a-b, em pedra esquadrejada. O espaço “sobrado” é por vezes dividido por parede de tabuado para formar os quartos. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.138)

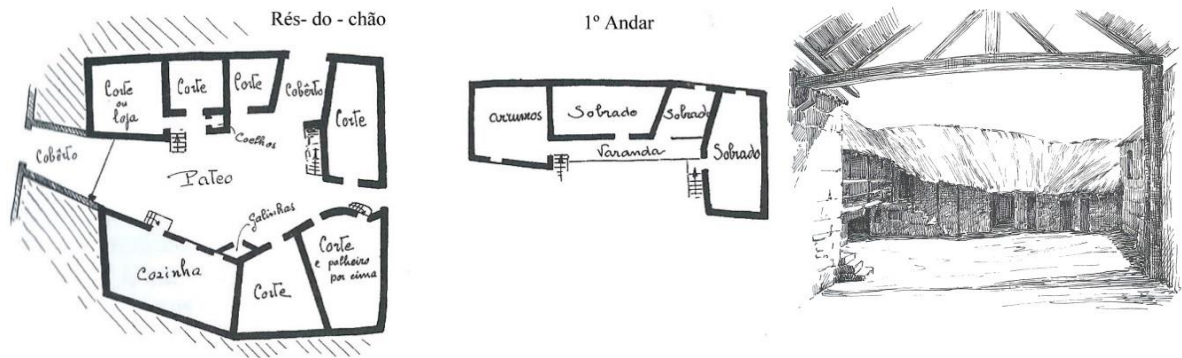


Figura 24: Casa de 2 pisos, com pátio interior. Em Boticas, Campos (tipo 3).

(Ernesto Oliveira et al, 2003, p.138)

O tipo de casa transmontana com pátio interior (fig. 23 e 24) é comum em casas com dimensões maiores, e potencia o espaço para os animais e de distribuição para as várias divisões da casa. No trabalho feito pela Escola Secundária de Mirandela, referem que no espaço, que rodeava a casa, situava-se o cabanal, onde se guardava a lenha retirada do sequeiro, já partida e livre da chuva, e as alfaias agrícolas. (Escola Secundária de Mirandela, 1986, p.11)

O pátio nem sempre será aberto, alternando com espaços cobertos, como no tipo 2 e 3, onde se pode ver que há zonas cobertas, nestes casos o espaço de entrada adjacente ao caminho. Em alguns casos, o perímetro tenta criar uma figura geométrica regular, para se adaptar à organização dos espaços. (Associação de Arquitetos Portugueses, 1988, p.179)

Tipo 2 e tipo 3. Casas pátio

O pátio permitia a entrada das pessoas e animais, e divisões da casa. Enquanto que no piso térreo do tipo 2 se encontra apenas o espaço para os animais (corte e pocilga) e a adega, no tipo 3 é ainda visível a cozinha com acesso pelo pátio e uma divisão mais compartimentada para os diferentes animais, coelhos e as galinhas. No piso superior, ambos são acessíveis por uma varanda, coberta ou não, com as restantes divisões de sobrado, e no tipo 3, a zona de cozinha.

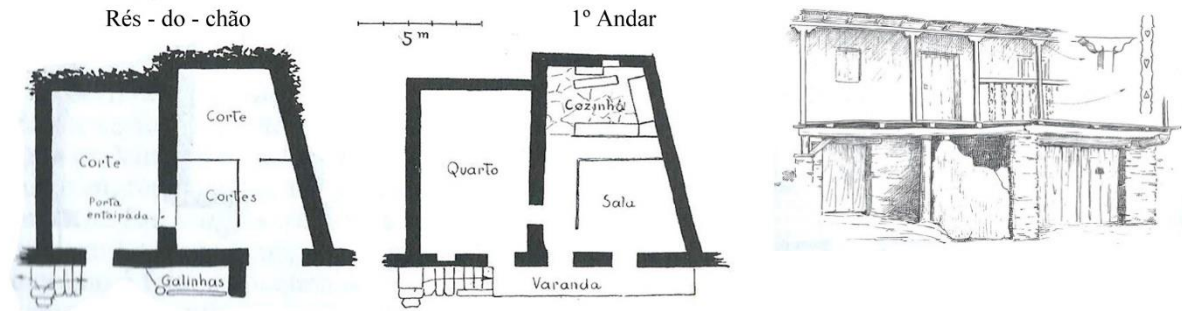


Figura 25: Casa de 2 pisos, com escada e balcão corrido, ao longo da fachada. Distribuição dos espaços paralelamente à rua (tipo 4). Em Bragança, Rio de Onor. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.139)

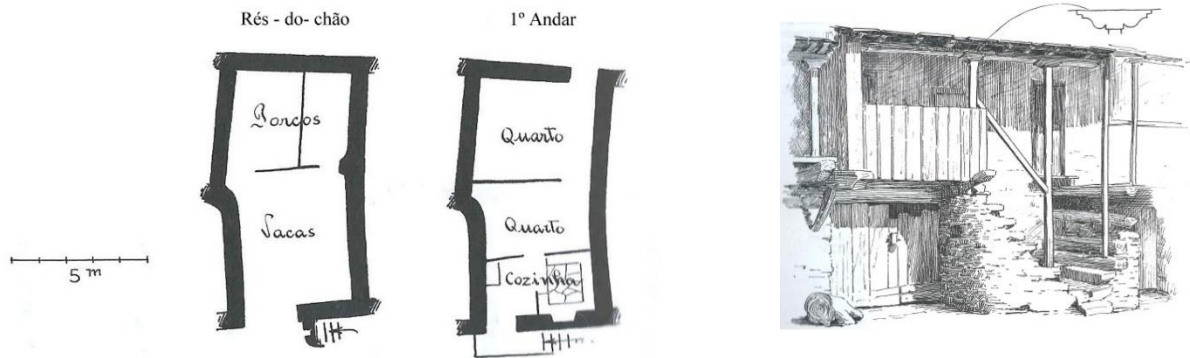


Figura 26: Casa de 2 piso, com distribuição dos espaços perpendicularmente à rua. Frente com escada e balcão e alpendre (tipo 5). Em Bragança, Rio de Onor. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.140)

Tipo 4 e tipo 5

Casas de dois pisos (fig. 25 e 26), de pequena dimensão, não permitindo a existência de um pátio. O piso térreo é destinado ao gado.

No tipo 4 há uma cozinha, uma sala e um quarto. No tipo 5, existe a cozinha que é o espaço de estar, e dois quartos, sendo um deles no interior. A construção tipo 4 desenvolve-se paralelo à rua, enquanto a tipo 5 é perpendicular. Ambas têm o acesso independente ao piso superior, através de escada exterior deixando o piso térreo para animais.

Nas casas transmontanas há várias características comuns. Apesar dos aspetos exteriores, e interiores, os elementos de transição para o interior da casa, serem os mais visíveis como a escada, cobertura e varanda; a organização interior também é bem marcante, como a disposição espacial da loja, no piso térreo, e da cozinha e quartos no piso de andar.

Organização espacial

Os elementos de transição são importantes e caracterizam as casas transmontanas, mas a organização espacial interior também é importante na caracterização destas casas.

Por razões funcionais, o piso térreo tem o pavimento em batida, é destinado aos animais, enquanto o lavrador habita o andar. Como é corrente dizer-se em Trás-os-Montes “há nove meses de inverno e três de inferno” servindo o gado para aquecer a casas. A cozinha normalmente ocupa o espaço maior e principal da casa, com acesso direto para o balcão exterior, entrada principal (tipo 2 e 5). Na zona extrema do Nordeste é usual a cozinha ser mais pequena, e a zona de estar ficar no centro do espaço, que abriga geralmente o forno (fig.27). Na cozinha é onde se encontra a lareira, que aquece os dias mais frios, e promove o aconchego e bem-estar da família. É corrente encontrarem-se escanos (fig.28) em madeira escurecida a rodear este espaço. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.144)

A saída do fumo da lareira era facilitada por um pequeno cabanal, encimado no declive do telhado. É comum haver traves usadas para o fumeiro, onde se penduram os presuntos e os enchidos para se finalizar a cura ao fumo. Como é raro a existência de chaminé, é pela cobertura de telha vã que se procede a saída do fumo em alguns casos. (1986, p.13)

Como refere Fernando Galhano, nas aldeias serranas existia um espírito comunitário. O povo usava o forno comum, mas em alguns casos havia um forno no interior das habitações. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.144)

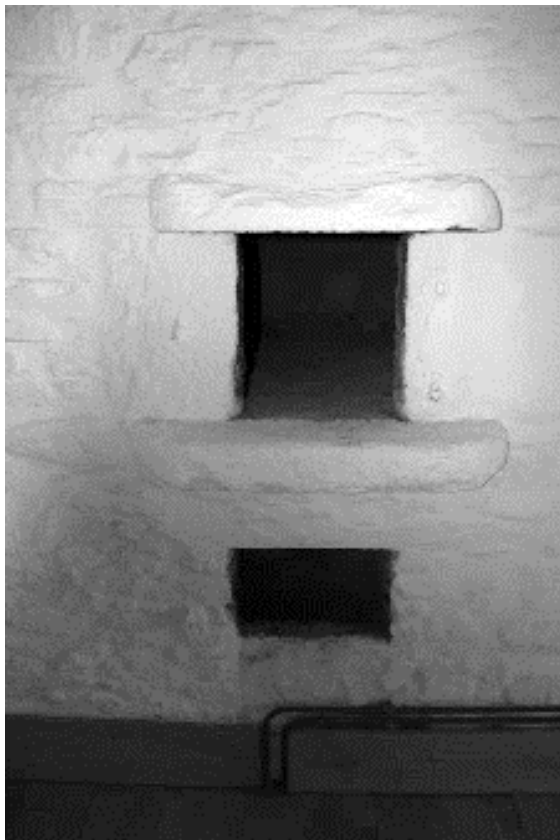


Figura 27: Vinhais. Centro de interpretação. Forno.



Figura 28: Escano. Em Vale de Juncal.



Figura 29: Vinhais. Centro de interpretação, casa da vila. Comedouro para os animais.

Por vezes nas cozinhas utilizava-se um funil (cubo ou embódio) com ligação direta para o comedouro dos animais (fig.29), por onde se atirava o alimento para o piso térreo. As cinzas são depositadas em potes de ferro ou caldeiras de cobre⁴.

Um dos espaços pouco comuns é a sala, que em algumas casas desempenha funções cerimoniais. Este espaço está por norma adjacente à cozinha (tipo 4). A comunicação entre as divisões é feita através de portas. Os tetos costumam ser em forro de saia de camisa, e na sala de masseira ou gamela. (2007, p.63)

⁴ Catálogo. Casas típicas de Portugal. Cultura, língua e comunicação. Associação nacional das empresas. (<https://pt.scribd.com/doc/18050900/CATALOGO-CASAS-TIPICAS-DE-PORTUGAL>)

3.3 Elementos construtivos

3.3.1 Escada

Na casa transmontana, um dos elementos principais de transição, que permite o acesso ao piso superior é a escada exterior. É o elemento mais marcante neste tipo de casa. Subindo pelas escadas, de um aspeto tosco, em granito ou xisto, dependendo do local, encontra-se o patamar de entrada com ou sem alpendre, ou varanda saliente. (1986, p.11)

A escada localiza-se paralela ou perpendicularmente à fachada, sendo que a primeira é a mais comum, com o acesso pela rua principal ou caminho adjacente. Por vezes, na zona inferior das escadas, localiza-se o acesso à loja, ou serve para guardar a lenha, já partida e protegida da chuva. (1986, p.11)

Como se pode ver nos exemplos de tipo 2 e 3, as escadas ora perpendiculares ora paralelas encontram-se mais soltas, e rodeadas pelo pátio. Nos exemplos de casas mais pequenas, como os tipos 4 e 5, as escadas são paralelas ao caminho.

A escada é um elemento que de uma certa maneira cria um caminho mais largo pelo afastamento que cria entre as casas. Torna-se um sitio onde as pessoas aproveitam para descansar e passar um pouco da tarde nos dias de calor, ou ficam a conversar com os vizinhos.

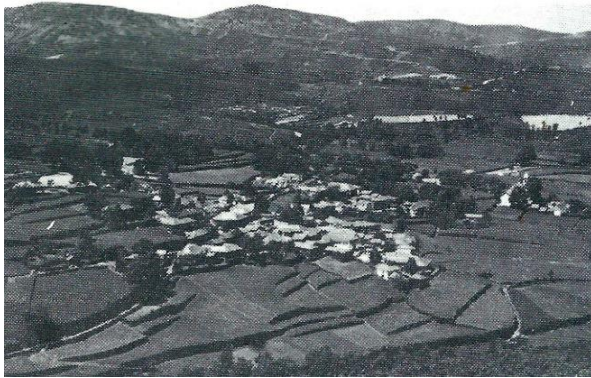


Figura 30: Aglomerado de casas, Vale da campeã. (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.129)



Figura 31: Cobertura em lousa, Montes. (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.138)

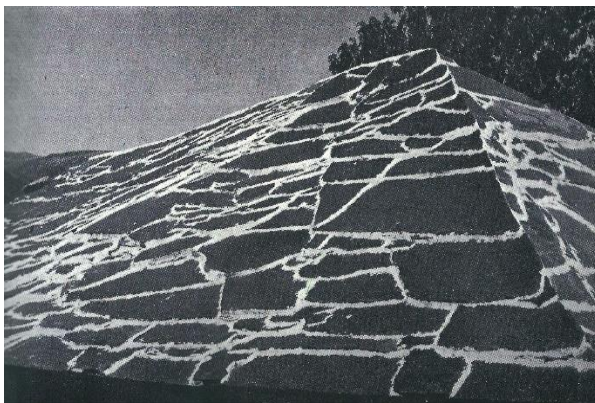


Figura 32: Cobertura em lousa, com argamassa nas juntas, Boavista, Marão. (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.139)



Figura 33: Pormenor das «latas» (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.183)

3.3.2 Cobertura

Não se consegue distinguir com facilidade a separação entre cada habitação, pois as coberturas unificam os aglomerados (fig.30). Pontualmente podem observar-se vazios, que marcam a presença de um pátio interior ou uma curralada.

Os materiais usados nas coberturas, dependendo da região, eram em colmo ou telha vã fabricada artesanalmente, placas de xisto ou em lousa (fig.31 e 32). Nas coberturas de colmo, técnica em desuso, as armações são de paus entrecruzados, que se denominam «latas» (fig.33), e os grampos se amarravam às beiradas (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p.183). Atualmente observam-se maioritariamente coberturas de telha, mas ainda se encontram latas em alguns locais.

As coberturas que predominam em Trás-os-Montes são de duas águas, maioritariamente longas e pouco inclinadas, mas também é frequente coberturas de quatro águas, principalmente em casas isoladas ou de maior dimensão. Normalmente não incluem quaisquer elementos decorativos, sendo até as chaminés raras e de utilização recente. Algumas chaminés são diferenciadas, e com preocupações de vedação, com alguns toques decorativos. Designam-se de chupões ou bueiros, são normalmente baixas e com forma paralelepípedica. (2003, pp.139-141)

3.3.3 Varanda

A varanda é outro dos elementos de transição da casa transmontana. Não tem um local definido, mas é comum localizar-se entre as escadas, e a entrada da habitação. Caracteriza sem dúvida o tipo de casa rural. Está relacionada com a vida doméstica e coletiva da aldeia, onde os habitantes passam os serões em convívio, e conversam com os vizinhos que passam pelos caminhos das aldeias. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.142)

A varanda serve de espaço de local de arrumações, mas principalmente, é um espaço de estar e convivência social. Mário Moutinho refere que a varanda é, por vezes, denominada de «balcão», que é usado como sequeiro para o milho ou para a fruta. Muitas vezes a zona inferior da varanda serve de arrumação ou alpendre, galinheiro ou pocilgas, até taberna ou oficina. (2007, p.63)

Encontram-se vários tipos de varanda, voltadas para a rua, ocupando toda a fachada, à face, saliente ou recuada; ou apoiada em varões de pau ou ferro, esteios, por vezes simples blocos ou lascas em bruto, ou cachorros de granito ou xisto. Encontra-se também a varanda assente apenas nas vigas do pavimento, sem apoio no solo. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.143)

A varanda é normalmente em madeira, incluindo a guarda, geralmente orientada a sul ou nascente. É importante para a proteção dos ventos agrestes e regelados, e do calor característico desta zona. (1986, p.12) Infelizmente as varandas têm sido alteradas com novas construções. O espaço da casa que se está a perder.

O coberto do alpendre⁵ é forrado com tábuas e apoiado em pilares de madeira. Em alguns casos observam-se balaústres de pedra trabalhada ou lisa, com tabuinhas cruzadas, num reticulado oblíquo horizontal e vertical, gerando losangos, que cria algum efeito decorativo. (1986, p.12)

As dimensões e localização são variáveis. Poderá localizar-se ao longo de toda a fachada, na zona frontal (tipo 4) ou lateral, ou ainda circundando os quatro lados de um pátio interior aberto, ou apenas no acesso deste ao andar (tipo 2 e 3). (2007, p.63)

A varanda é quase sempre coberta, pelo telhado ou por um prolongamento deste. Quando este prolongamento é demasiado comprido, o frechal pousa em prumos de madeira e assenta na varanda, com cachorros do mesmo material. (Ernesto Oliveira et al, 2003, p.143)

⁵ Espaço coberto por telhado, mas sem paredes, pelo menos na frente. = telheiro.
(<http://www.priberam.pt/dlpo/alpendre>)

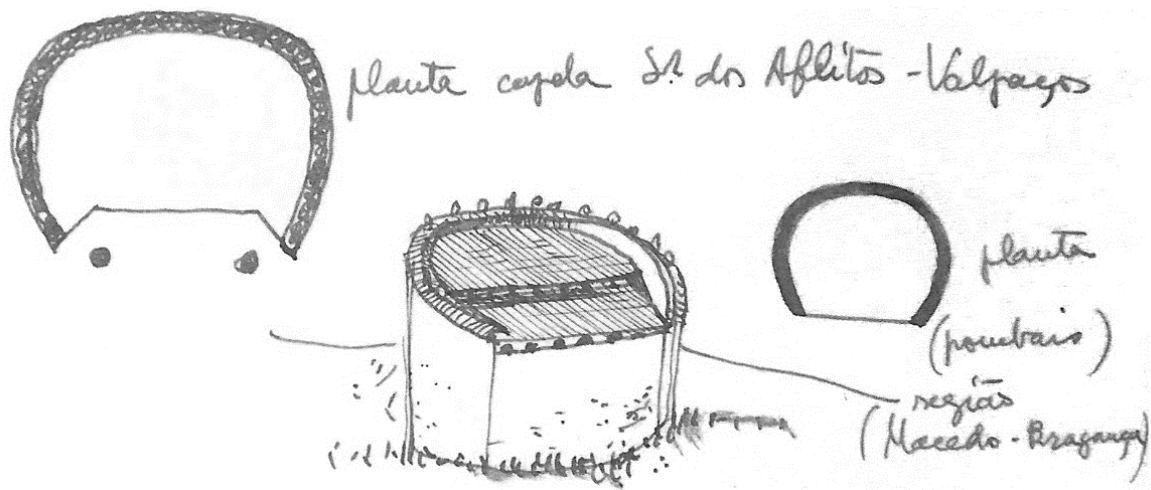


Figura 34: Planta da capela do senhor dos aflitos, Valpaços. (Carvalho Dias, 2013, p.116)



Figura 35: Pombais. Abambres,



Figura 36: Pombais. Abambres.

3.3.4 Outros Elementos

3.3.4.1 Pombal

Não é o foco principal neste trabalho, mas abordo apenas uma referência feita por Carvalho Dias onde refere o interesse destas estruturas, os pombais, mas que foi pouco (ou nada) aprofundado aquando da realização do inquérito. O único registo, é apenas de uma capela do senhor dos Aflitos, em Valpaços (fig.34), com uma forma idêntica.

Em algumas zonas de Trás-os-Montes observam-se na paisagem estes elementos isolados, de cor branca, sem qualquer relação uns com os outros. Estes elementos são os típicos pombais, que foram importantes em determinadas épocas, para a economia doméstica. Tinham uma função idêntica aos galinheiros, mas estes encontravam-se perto das casas enquanto os pombais ficavam mais distantes, em locais visíveis. (2013, p.116)

A criação dos pombos tinha diversas utilizações. Tanto serviam de alimento, como os seus dejetos (que se acumulavam no solo) para adubo. A maioria dos pombais tem planta circular ou ovalada. Encontram-se alguns com forma de ferradura. (2013, p.116)

Ainda se vêem estas estruturas em diversos locais, um pouco camuflados na paisagem, e muitos abandonados e em mau estado de conservação (fig.35 e 36).

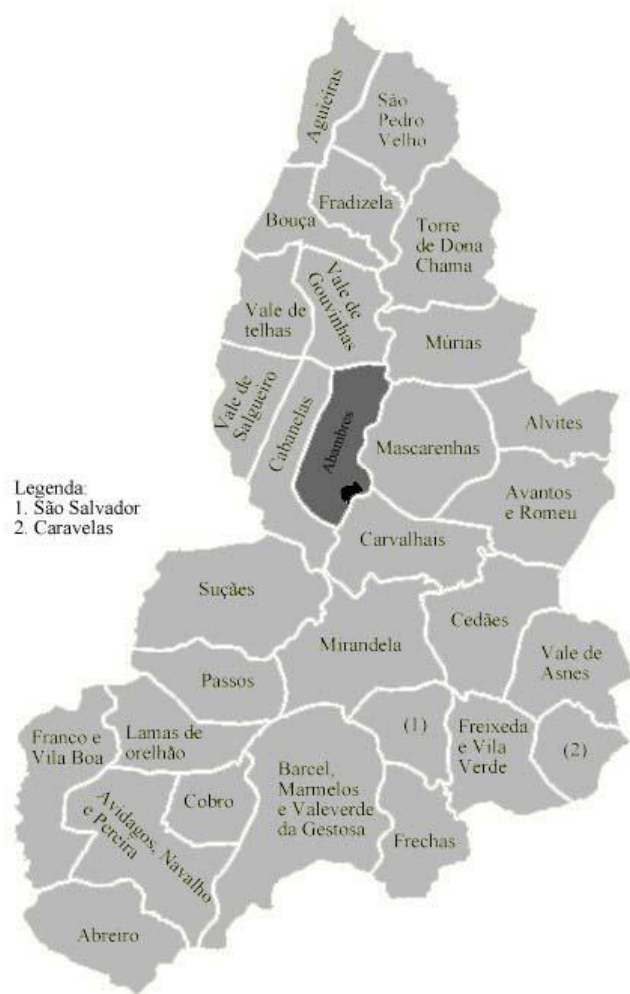


Figura 37: Concelho de Mirandela, e suas 30 freguesias.
(Com base no mapa do site: <http://www.cm-mirandela.pt/>)

4 Caso de estudo

4.1 O concelho de Mirandela

“A solidez do presente e do futuro deste concelho constrói-se com base na preservação da sua história e das suas memórias. Estes pedaços de história encontram-se espalhados pelas nossas aldeias que ao longo dos séculos lhes deram força, forma e expressão.” (Roger Lopes, 2002, p.7)

Na zona de Trás-os-Montes⁶, localiza-se o concelho de Mirandela onde fica o nosso objeto de estudo. É um concelho com 30 freguesias (fig.37), e 102 aldeias. Faz fronteira a Norte com o concelho de Vinhais, a Este com Macedo de Cavaleiros, a sul com Vila Flor, a Oeste com Murça e a Nordeste com Valpaços. Tem uma área ainda considerável, de 679 km², quase 0,8% de Portugal. (Roger Lopes, 2002, p.9)

Este concelho data de 1250 e tem vários tipos de paisagem agrária. A matéria prima mais comum é o xisto, o tipo de clima permite culturas mediterrânicas. Localiza-se na zona designada de terra quente, divisão mais a sul consoante o clima desta região. O concelho é demarcado por dois vales criados pelo rio Tuela e Rabaçal, que se unem e formam o rio Tua a Norte de Mirandela. (Roger Lopes, 2002, p.9)

⁶ Zona 2, no inquérito à “Arquitetura Popular em Portugal”.

Tabela 1: Património Arquitetónico em Mirandela

Designação	Situação Atual	Categoria de proteção	Categoria/Tipologia
Ponte sobre o Tua	Classificado	Classificado como MN – Monumento Nacional	Arquitetura Civil/Ponte
Igreja da Misericórdia de Mirandela	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Religiosa/Igreja
Paço dos Távoras	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil/Paço
Solar dos Condes de Vinhais	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil/Solar
Castelo de Mirandela	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Militar/Castelo

De uma variedade de categorias⁷ face ao património cultural em Portugal, existe um reconhecimento e classificação de vários monumentos importantes. É importante esta atribuição dos bens do património cultural, numa sociedade onde tudo se transforma de uma maneira acelerada, e os valores do passado tendem a perder-se. (2007, p.9)

No concelho de Mirandela há alguns monumentos (tabela 1) com valor histórico e arquitetónico identificados pela DGPC⁸. No total existem 19 inventariados⁹, quase todos classificados, onde apenas cinco se encontram na cidade de Mirandela: a ponte sobre o Tua (fig.38), castelo de Mirandela (fig.39), solar dos condes de vinhais (fig.40), Paço dos Távoras (fig.41), e a igreja da misericórdia de Mirandela (fig.42).

⁷ Património: arquitetónico, Arqueológico, Móvel, Imaterial, e de conservação e restauro.
(<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>)

⁸ Direção Geral do Património Cultural (DGPC)

⁹ Site da DGPC (<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>)

Património
arquitetónico
classificado,
Mirandela

Levantamento no site da DGPC
(<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>)

Registo fotográfico do autor

Figura 38: Ponte sobre o
Tua.

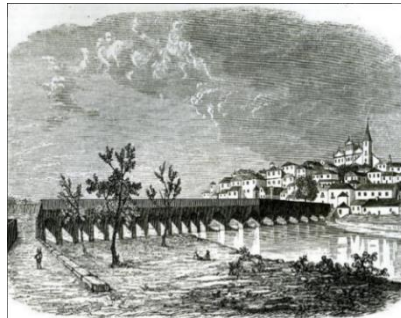


Figura 39: Castelo em
Mirandela

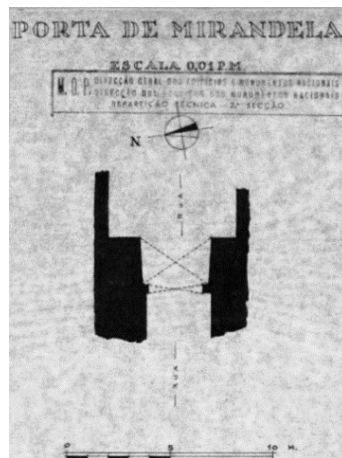




Figura 40: Solar dos condes de Vinhais.



Figura 41: Paço dos Távoras.



Figura 42: Igreja da misericórdia.



Tabela 2: Património Arquitetónico em Mirandela

Designação	Situação Atual	Categoria de proteção	Categoria/Tipologia
Igreja de Guide	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arquitetura religiosa/Igreja
Pelourinho de Torre D. Chama	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arquitetura civil/Pelourinho
Torre D. Chama	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arqueologia/Povoado Fortificado
Pelourinho de Lamas de Orelhão	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arquitetura civil/Pelourinho
Pelourinho de Abreiro	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arquitetura civil/Pelourinho
Pelourinho de Frechas	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arquitetura civil/Pelourinho
Castro de São Juzende	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arqueologia/Castro
Abrigos rupestres do regato das bouças	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arqueologia/Abrigo
Igreja de São Tomé	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arquitetura religiosa/igreja
Igreja paroquial de Avantos	Classificado	Classificado como IIP – Imóvel de interesse público	Arquitetura religiosa/igreja

Património
arquitetónico
classificado,
em Mirandela

Levantamento no site da DGPC
(<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>)

Registo fotográfico do autor.

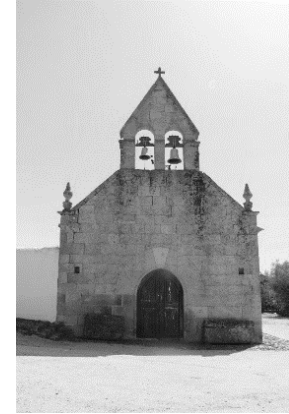
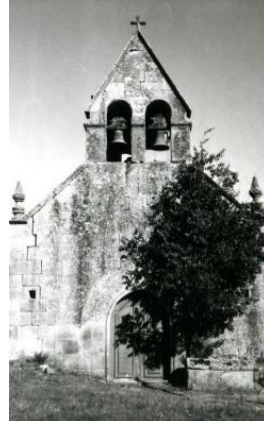


Figura 43: Igreja de
São Tomé, Abambres

Os restantes imóveis do património arquitetónico encontram-se dispersos (Tabela 2) por algumas localidades, como Torre D. Chama, Lamas de Orelhão, Abreiro, Frechas, Mascarenhas, Abambres. Na freguesia de Abambres, encontra-se um monumento classificado, a Igreja de São Tomé (fig.43).

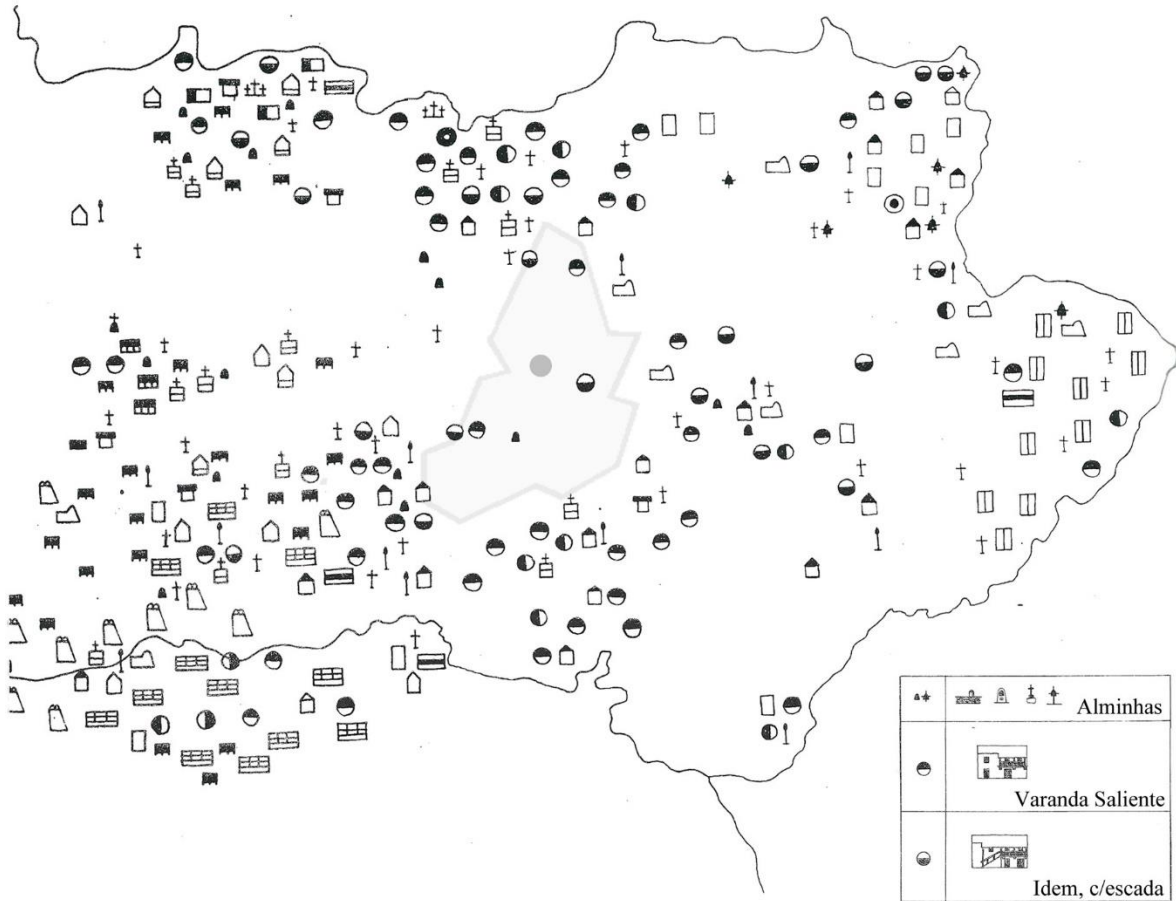


Figura 44: Tipologias em Trás-os-Montes, encontrado em Mirandela: Alminhas, varanda saliente e varanda saliente com escada. (Com base no mapa tipológico da “Arquitetura Popular em Portugal)

No concelho de Mirandela coexistem diferentes tipologias interiores: a casa térrea, a casa de pátio ou a casa alpendrada, e a casa sobradada (ou de andar); exemplos do tipo 1, 2 e 3, e 4 e 5 respetivamente. Na casa tradicional sobressaem dois grupos, as casas rurais e as casas dos morgadios. (2007, pp.61-62)

Como se pode observar no mapa (fig.44) referente às tipologias exteriores, levantamento feito no inquérito, as tipologias encontradas no concelho de Mirandela são: a varanda saliente, varanda saliente com escada e as Alminhas.

A maioria das casas são de dois ou três pisos com a varanda saliente (fig.45-49) e guardas em madeira, e casas com escada saliente e alpendre (fig.50). Mesmo no centro da cidade ainda se encontram, pelas ruas tortuosas, alguns exemplares destas casas em mau estado de conservação (fig.51). Algumas vão sendo recuperadas valorizando as suas características de casa popular. (fig.52 e 53).



Figura 45: Casa de varanda saliente, Mirandela.



Figura 46: Casa de varanda saliente, Mirandela.



Figura 47: Casa de varanda saliente, Mirandela.



Figura 48: Casa de varanda saliente, Mirandela.



Figura 49: “Casa de varanda saliente”, Mirandela.



Figura 50: Casa tipo com escada saliente e alpendre, Mirandela.



Figura 51: Casa de varanda «procissão» em mau estado, Mirandela.



Figura 52: Armazém em Mirandela.



Figura 53: Casa em Mirandela.

Estas características rurais visíveis ainda hoje em Mirandela são importantes de manter. É importante transmitir este património às próximas gerações, para não se perder a identidade deste local. Têm vindo a ser feitos esforços nesse sentido.

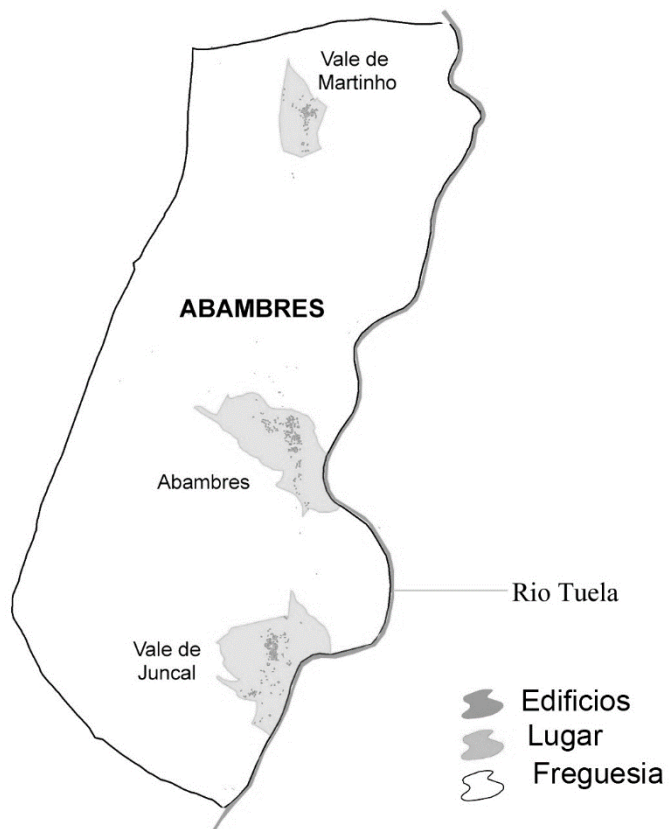


Figura 54: Freguesia de Abambres, aldeias de Vale de Juncal e Vale de Martinho.
(Câmara Municipal de Mirandela. Freguesias e lugares.)

4.2 A Freguesia de Abambres

Na freguesia de Abambres (fig.54), existem três aldeias, Abambres, Vale de Juncal a sul e Vale de Martinho a Norte. Estas aldeias encontram-se isoladas na paisagem de Mirandela. Têm 347 habitantes, segundo os censos de 2011¹⁰.

Em Abambres existe a igreja de São Tomé, classificada pela DGPC, de arquitetura românica e com acrescentos barrocos. (2002, p.64)

Os três locais (fig.55 e 56) são um pouco idênticos, os aglomerados de habitações encontram-se ao longo de uma rua principal que faz a distribuição rodoviária, mais visível em Abambres, e em seu redor encontram-se os campos de cultivo. Vale de Martinho é a aldeia que se encontra mais no interior, em relação ao rio Tuela.

Nestes três sítios encontram-se habitações em pedra, com características transmontanas. Algumas destas casas encontram-se em bom estado de conservação, enquanto outras estão ao abandono ou em degradação. Em Vale de Martinho também existem alguns exemplares (fig.57 e 58), e em Abambres encontram-se casas reabilitadas (fig.59-62), e junto à igreja, já distante do povoado, uma capelinha.

¹⁰Câmara Municipal de Mirandela: (<http://www.cm-mirandela.pt/pages/267/>)



Figura 55: Planta urbana da aldeia de Vale de Martinho. (Com base no mapa Google)



Figura 56: Planta urbana da aldeia de Abambres. (Com base no mapa Google)



Figura 57: Casa com varanda saliente, Vale de Martinho.



Figura 58: Casa em pedra com alterações recentes, Vale de Martinho.



Figura 59: Casa tipo de 2 pisos, Abambres.



Figura 60: Portão com decoração, Abambres.



Figura 61: Casa de varanda saliente, Abambres.



Figura 62: Casa varanda saliente com escada, Abambres. Possivelmente recente.



Figura 63: Planta de Vale de Juncal.
(Com base no mapa google)

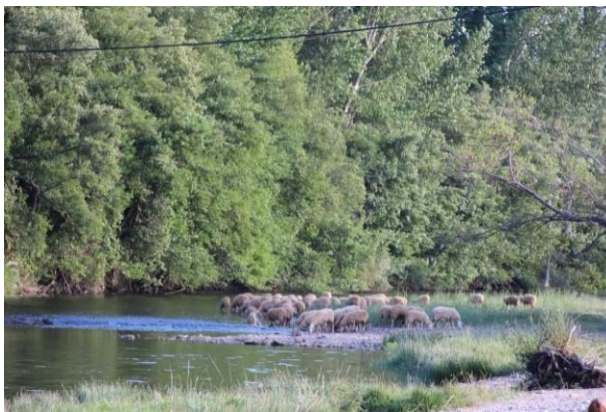


Figura 64: Gado no rio Tuela, Vale de Juncal.

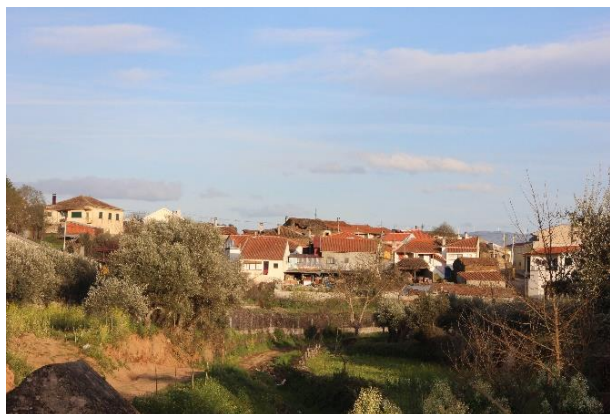


Figura 65: Presença das casas de Vale de Juncal.

4.3 A Aldeia Vale de Juncal

“A ‘aldeia’, fruto do paradigma da modernidade, constitui um desses espaços de convívio rural a necessitar urgentemente de ser reinventado.” Melchior Moreira¹¹

A aldeia é uma presença na paisagem rural, de um aglomerado de casas ligadas por vias que percorrem estes locais vazios, onde o povo vivia da agricultura. Estão próximos a uma linha de água que provia o essencial à vida. Muitas esquecidas, outras abandonadas, outras renascidas. Sítios marcantes e com identidade que não devem ser esquecidos.

O caso de estudo, a aldeia de Vale de Juncal (fig.63), localiza-se junto ao rio Tuela, perto de uma praia fluvial, onde as mulheres iam lavar a roupa e onde se tomava banho. Ainda hoje se vê o gado a matar a sede (fig.64). São poucas as pessoas que continuam a ter gado, mas ainda se vêem algumas a passar pelos caminhos da aldeia. Esta proximidade ao rio era importante para a vida diária da povoação. Hoje é usado mais como espaço de lazer.

Vale de Juncal é formada por um aglomerado de casas (fig.65 e 66) paralelo ao grande eixo viário IP, ainda com construções antigas com características rurais, e novas construções, muitas de emigrantes e estrangeiros, que se dispersam mais na paisagem com terreno adjacente, perdendo assim o conceito de aldeia, e vivência de rua.

¹¹ Aldeias Norte de Portugal. Melchior Moreira, presidente da entidade regional de turismo do Porto e Norte de Portugal.



Figura 66: Paisagem rural transmontana de Vale de Juncal.



Figura 67: Localização de antigos abastecimentos de água (1,2,3), Vale de Juncal.
(Com base no Google maps).

Apesar da proximidade aos rios ou ribeiras, nas aldeias, como em Vale de Juncal (fig.66), o abastecimento de água é feito por meio de Fontanários, tanques, fontes de mergulho, noras, poços (fig.67-69) e volantes. Estes elementos são estruturas de captação e abastecimento de água para a agricultura e população local. (2007, p.92)



Figura 68: Poço das almas (1).



Figura 69: Fonte do Freixo (2) construída em 1832, com tanque para animais.



Figura 70: Fonte do lugarl (3).



Figura 71 Planta atual de Vale de Juncal. (mapa com base no Google maps).

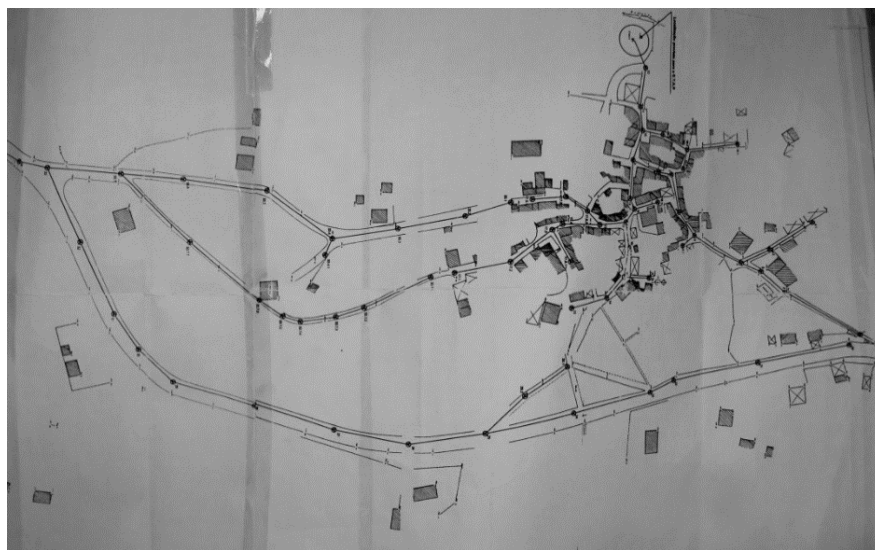


Figura 72: Rede de abastecimento de +água e de drenagem de águas residuais, em Vale de Juncal. Ano 2000. (Arquivo da camara municipal de Mirandela)

4.3.1 A aldeia

“Como todos os elementos culturais, casa é um espaço dinâmico, sujeita a evolução, a transformações e a influências. Mesmo nas suas formas mais tradicionais, ela constituiu o produto de uma evolução lenta a partir de formas remotas. No mundo rural, grande parte das suas casas não resistiram à degradação provocada pelo abandono da atividade agrícola nas últimas décadas, e muitas outras, foram substituídas por moradias de betão armado, mais adaptadas às condições de vida atuais, mas por vezes, construídas sem obedecer a qualquer regra de escala, proporção ou condicionantes e quase sempre, implantadas desastrosamente na paisagem.” (2007, p.61)

Em Vale de Juncal (fig.70) ainda se encontram algumas casas rurais construídas em xisto, abandonadas ou reabilitadas. Muitas sofreram alterações e adaptações feitas pelos moradores. Várias casas, originalmente não tinham instalações sanitárias, perdendo-se assim um elemento construtivo, tao característico da casa transmontana, como vimos no capítulo anterior. A transformação da varanda, elemento construtivo característico deste tipo de casa, como espaço privado de casa de banho.

Pode-se ver o mapa de abastecimento de água, datado de 2000 (fig.71) onde é feito o levantamento de algumas casas à face da rua, e dos pontos de abastecimento. Enquanto que no mapa anterior se percebe a caracterização atual e completa das casas de Vale de Juncal.



Figura 73: Mapeamento do sistema construtivo dos imóveis, em Vale de Juncal.



Figura 74: Identificação de 10 conjuntos de casas importantes para o estudo.

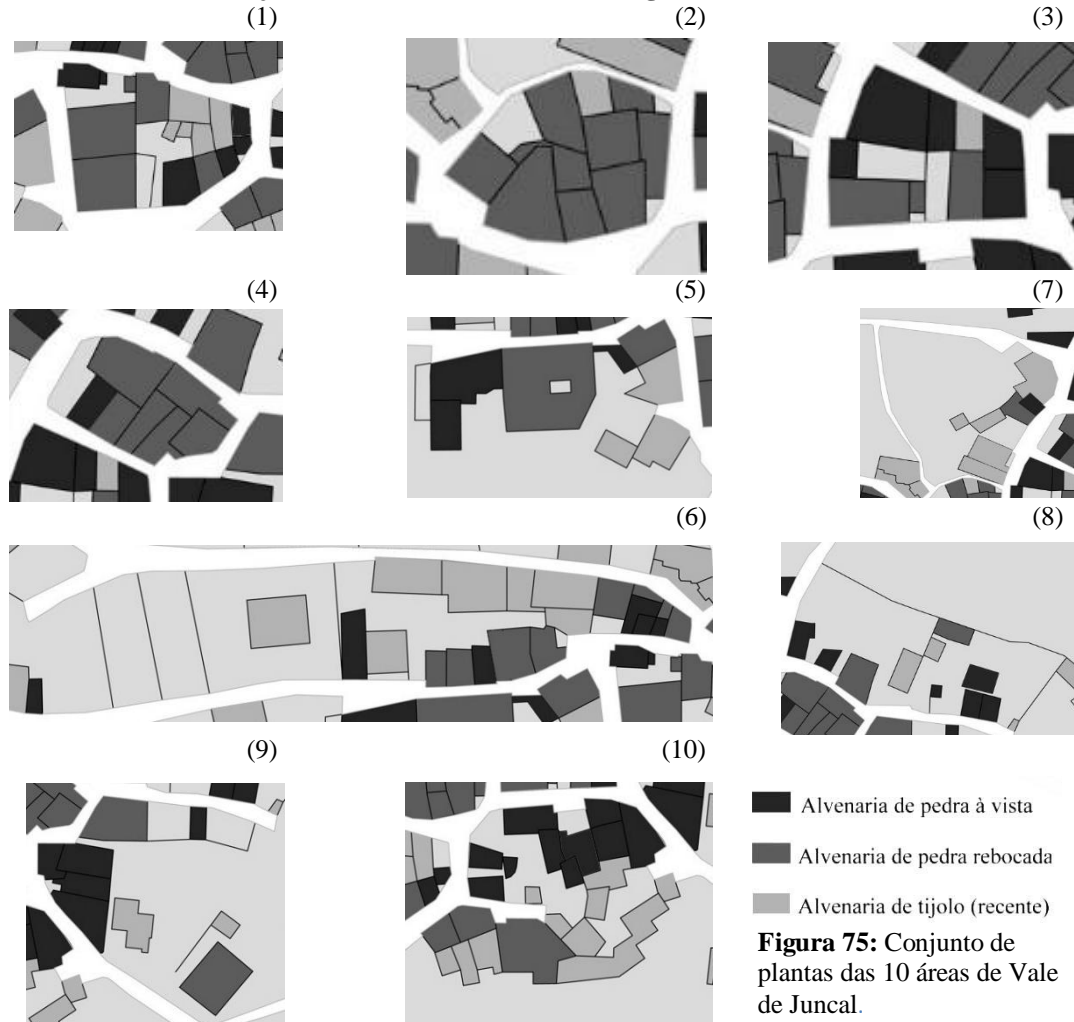
Fez-se o levantamento (fig.73) do tipo de construções, relativamente ao sistema construtivo, possíveis constatar pelo exterior. Identificam-se três categorias: construções em alvenaria de pedra à vista; construções em alvenaria de pedra com reboco exterior; construções em alvenaria de tijolo, rebocadas e pintadas (construções recentes).

Este mapeamento mostra a localização das casas antigas em alvenaria de pedra, à vista ou rebocada, no núcleo central da aldeia, com tipologias características da arquitetura popular.

Este levantamento foi feito com base na observação exterior das casas, conhecimento e vivência do local, e informação oral de alguns habitantes.

Percebe-se assim a presença de dez áreas (fig.74) importantes de estudo, onde se encontram as casas em pedra, à vista ou rebocada, onde algumas estão em bom estado e habitadas, e outras têm sofrido alterações e abandono ao longo dos anos. Dentro destas áreas, com o levantamento em planta e a pesquisa fotográfica, é possível chegar a uma conclusão quanto às tipologias encontradas, e mais abrangentes.

Conjunto das 10 áreas referentes na figura 74



4.3.2 Os Conjuntos

No aglomerado de casas central, é onde se encontra a maioria das casas típicas transmontanas. Estes conjuntos de casas (fig.75), têm tipologias de casa bloco, térrea e de andar. Por vezes encontram-se em aglomerados contíguos de casas (tipo 4 e 5), por vezes com espaços exteriores adjacentes, os pátios (tipo 2 e 3), envolvidas por ruas estreitas. Os pátios, na maioria dos casos servem de entrada para o gado e o habitante. Hoje, em alguns casos, este espaço é usado para estacionar o automóvel e os tratores e outros equipamentos para a agricultura.

Os conjuntos 1, 2, 3 e 4 (fig.75) formam quarteirões, onde as casas estão de paredes meeiras umas com as outras, idênticas ao tipo 4 e 5. No conjunto 4 é perceptível estes tipos, com casas perpendiculares e paralelas à rua. Mesmo nestes conjuntos percebe-se a presença de alguns vazios, os pátios, adjacentes às casas, nos conjuntos 1, 2 e 3.

Nos restantes conjuntos, do 5 ao 10, as casas estão muito mais dispersas no terreno, com pátios ou terreno nas traseiras das casas. No conjunto 5, as casas encontram-se à face da rua, deixando um terreno nas traseiras, onde se percebe a presença de uma casa de grandes dimensões com um pátio interior. No 6, as casas são maioritariamente do tipo 5, com disposição perpendicular à rua. O conjunto 7 é idêntico ao 5, mas com uma casa com acesso ao pátio pela rua; no 8, existem casas com pátios adjacentes; no 9 existe um aglomerado de casas ainda em pedra à vista, sendo que uma delas possui um pequeno pátio; e o conjunto 10, com um grande aglomerado de casas um pouco desorganizadas, algumas com pátio. Algumas destas casas são identificadas no capítulo seguinte.

4.3.3 As construções

As tipologias exterior e interior, não são completamente idênticas entre elas, variando em alguns aspetos. Cada casa tem os elementos de transição posicionados de maneira diferente.

Alguns dos elementos construtivos destacam-se. Nas paredes em alvenaria de pedra, observam-se grandes blocos de granito (ou outra pedra) a guarnecer os vãos de janela.

Algumas portas de madeira permitiam o acesso ao gado, com aspeto tosco, e outras de acesso aos habitantes.

As escadas, elemento de destaque nestas casas, compostas por degraus altos e com aspeto tosco.

As varandas são construídas em madeira, ora salientes ora apoiadas em muros de suporte ou a duas casas contíguas, permitindo o acesso a estas casas.

Fez-se o mapeamento com base no levantamento das tipologias encontradas (fig.76) em Vale de Juncal, e sua numeração (fig.77), conforme definidas no inquérito: a casa de 2 pisos, casa de 2 pisos com escada saliente (e alpendre), casas típicas da sub-região B, varanda saliente (com escada), varanda recuada. Também se encontrou uma alminha, casas pátio e casas de um único pisos (casa térrea).



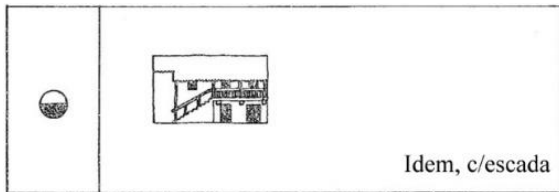
Figura 76: Identificação da arquitetura popular e tipologias de acordo com a Arquitetura Popular em Portugal.



Figura 77: Enumeração das casas em estudo (54) para 146 construções.



Conjunto 1



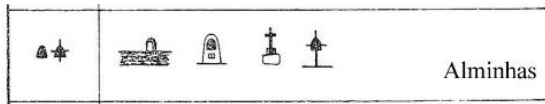
Construção 1

Casa em alvenaria de pedra rebocada. Uma das fachadas encontra-se em pedra à vista.

Casa com varanda saliente e escada. Observam-se algumas intervenções na varanda e na escada, feitas pelos moradores. Presença de uma porta em madeira no espaço inferior ao patamar da escada, possivelmente antigo acesso à corte.

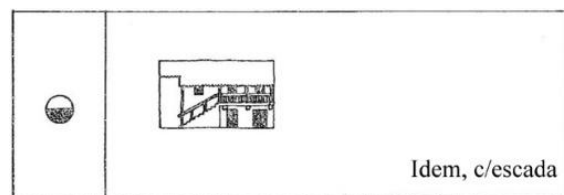
Casa de grandes dimensões, com duas frentes, e pátio lateral.





Construção 2

Alminha, junto a uma casa em pedra à vista.



Construção 3

Casa em alvenaria de pedra rebocada. Observa-se a escada, e antigo acesso à corte, ainda em pedra à vista.

Casa com varanda saliente e escada. Visíveis algumas alterações, e acrescentos em alvenaria de tijolo.



Construção 4

Muro em pedra à vista. Telheiro num pátio, usado para utensílios agrários.



Construção 5

Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa térrea, de um único piso.



Construção 6

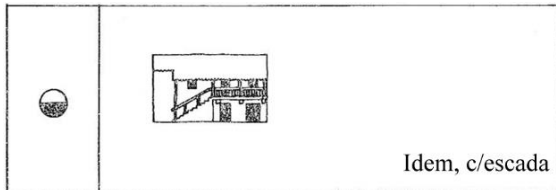
Casa em alvenaria de pedra à vista.

Bloco de pedra com único piso, com acesso pelo pátio.





Conjunto 2



Construção 7

Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa com varanda saliente e escada. Percebe-se a presença do acesso ao piso térreo no espaço inferior das escadas, e outro de maiores dimensões, possivelmente para os animais de maior porte, do lado esquerdo da casa. Cobertura em telha, que cobre o acesso principal no piso superior.



Construção 8

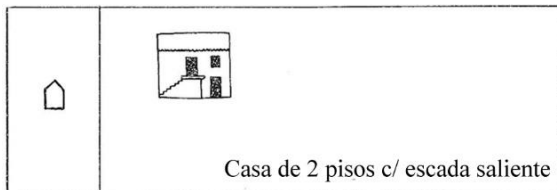
Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa pátio, do tipo 3, mas de pequenas dimensões.
Acesso principal através de um portão, que dá
acesso ao pátio. Varanda corrida em toda a casa, e
acesso por uma escada lateral.





Conjunto 3

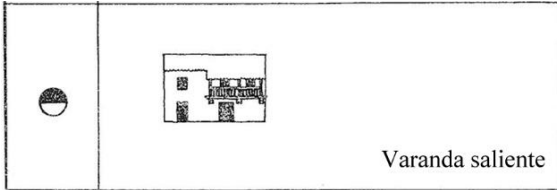


Construção 9

Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa abandonada, com algumas partes em ruína, cobertura e algumas paredes inexistentes. Presença da escada em pedra.





Construção 10

Casa em alvenaria de pedra rebocada. Acesso principal feito pelo lado direito da imagem, por uma escada num pequeno logradouro.



Construção 11

Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa térrea, com um único piso. Acesso principal por um pátio.



Construção 12

Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa térrea, de um único piso. Onde, ainda a pouco tempo, permanecia o burro de um habitante.



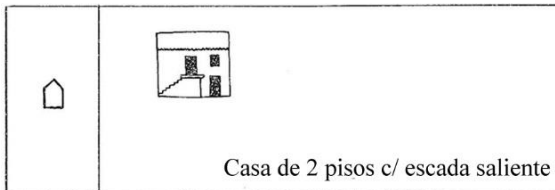
Construção 13

Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa térrea, próxima a uma casa em alvenaria de tijolo. Em mau estado de conservação.



Conjunto 4



Construção 14

Casa em alvenaria de pedra rebocada.



Construção 15

Casa em alvenaria de pedra rebocada, segundo conversa oral, com alterações visíveis no muro,

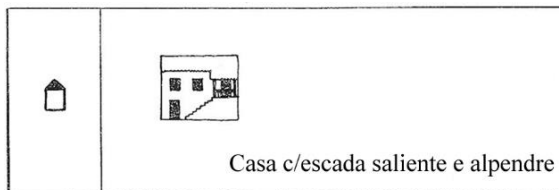
Casa de dois pisos recuada face à rua. Casa do tipo 5 com distribuição dos espaços perpendicularmente à rua.



Construção 16

Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa recuada face à rua, ainda com muro de pedra. Casa do tipo 5, idêntica à casa anterior.

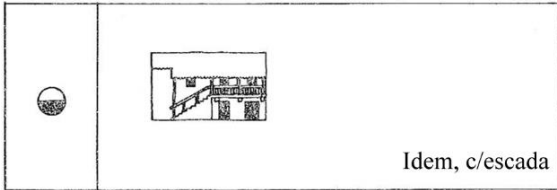


Construção 17

Casa em alvenaria de pedra à vista.

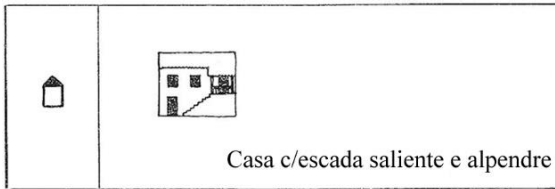
Atualmente abandonado, em mau estado de conservação.





Construção 18

Construção em alvenaria de pedra rebocada.
Casa com algumas modificações na escada e
varanda.



Construção 19

Construção em alvenaria de pedra rebocada.
Presença de pedra à vista na fachada lateral. Um
dos casos em que a varanda saliente foi fechada
para criar uma instalação sanitária.



Construção 20

Casa em alvenaria de pedra, rebocada e pintada.
Não se registou o acesso à casa, mas é feito por
uma escada e pequeno alpendre. Casa de três
pisos, de paredes meeiras com as vizinhas, num
espaço reduzido.





Conjunto 5

Construção 21

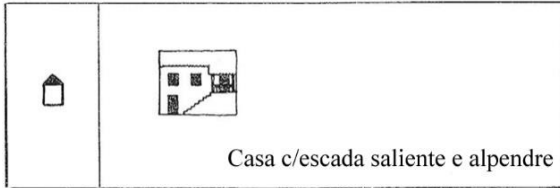
Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa térrea, de um único piso. Presença de vários vãos na fachada principal, com ombreira e peitoril em granito, peças imponentes nestas construções.

Casa de grandes dimensões, com terreno nas traseiras, e acesso pelo terreno possivelmente para os animais.

A rua onde se insere esta construção é mais larga, e vai estreitando à medida que nos aproximamos da zona de construções mais antigas.





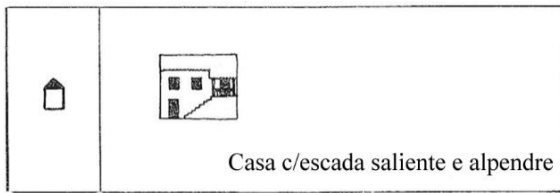
Construção 22

Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa de dois pisos, e com vários acessos. Um acesso pelo terreno, através de um portão como podemos ver na 1ª imagem; no piso térreo, uma porta de maiores dimensões para o gado, e uma mais pequena possivelmente para os utensílios, sendo que o acesso ao piso superior é feito por uma escada paralela à fachada. Outro acesso é feito pela rua, como se pode ver na 2ª imagem.

Casa de grandes dimensões, e que possui um pátio interior. Habitação abandonada, e em mau estado. Pode-se observar a linha curva que a parede exterior faz sobre a rua, mostrando o estado debilitado em que a casa se encontra a nível estrutural.





Construção 23

Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa de dois pisos, com o acesso principal ao piso superior por uma escada lateral, e um alpendre. Alterações visíveis na fachada quanto aos vãos, ao alpendre, e na cobertura.





Conjunto 6

Construção 24

Ruina de uma casa térrea, de um único piso em alvenaria de pedra à vista.

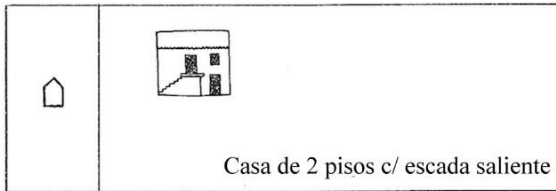


Construção 25

Casa em alvenaria de pedra à vista, com alterações e acrescentos em alvenaria de tijolo.

Casa térrea, de um único piso.





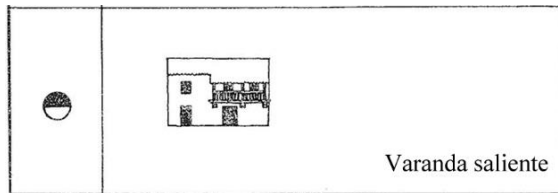
Construção 26

Casa em alvenaria de pedra, rebocada parcialmente. Considerámos rebocada por sofrer alterações na fachada.

Observa-se a presença da escada perpendicular à fachada, que permite o acesso principal. Zona de corte no piso inferior, com pé direito reduzido, para animais de pequeno porte.

Casa em mau estado de conservação.



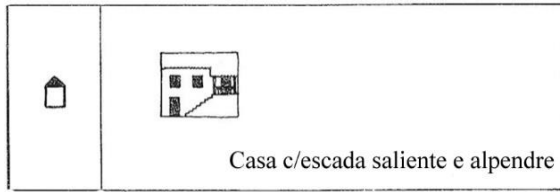


Construção 27

Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa de 2 pisos, com a acesso à casa no piso térreo. Presença de uma varanda saliente, com guardas em madeira, onde se pode ver o seu mau estado de conservação. A cobertura em telha prolonga-se pela varanda.





Construção 28

Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa com acesso pela escada perpendicular à entrada do piso superior. Presença do alpendre.



Construções 29, 30, 31, 32

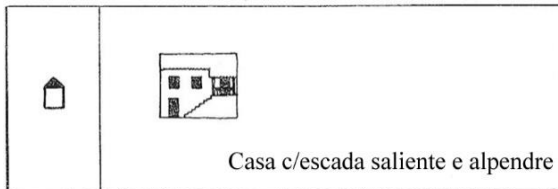
Casas em alvenaria de pedra à vista, 29,30 e 31, e alvenaria de pedra rebocada, 32.

Casas térreas, de um único piso, e um único acesso ao interior. Coberturas em telha.





Conjunto 7



Construção 33 e 34

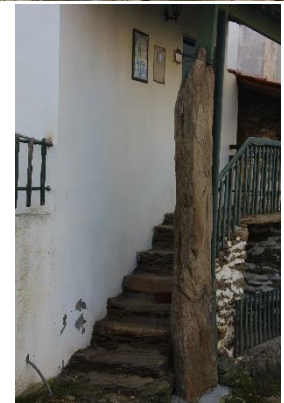
Casa em alvenaria de pedra rebocada, nº 33, e casa em pedra à vista, nº34.

Casas de dois pisos, do tipo 5, com organização interior perpendicular à rua. Ambas muito semelhantes, na tipologia exterior apresentada.



Construção 33 (cont.)

Presença do elemento construtivo, a escada, em pedra à vista, com juntas. Elemento em pedra, que ajuda a suportar a o prolongamento da cobertura sobre o alpendre.



Construção 35

Casa em alvenaria de pedra à vista. Em parte, é construída em bloco de cimento, pela queda dessas mesmas paredes, anteriormente em pedra.





Conjunto 8



Construção 36

Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa de 2 pisos, com dois acessos principais no piso térreo. Cobertura em telha de duas águas, a mais comum na zona de Trás-os-Montes.

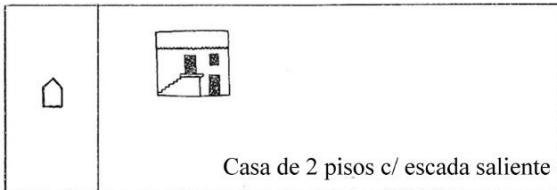
Em mau estado de conservação, presença de fissuras nas paredes.



Construção 37

Casa em alvenaria de pedra à vista, com alterações na fachada principal.

Casa térrea, de um único piso.



Construção 38

Casa em alvenaria de pedra rebocada. Na parte do piso inferior observa-se pedra à vista.

Casa de 2 pisos, com distribuição do tipo 4. Acesso por um pátio.



Construção 39

Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa térrea, com acesso por um pátio à face da rua.



Construção 40

Casa em alvenaria de pedra à vista.

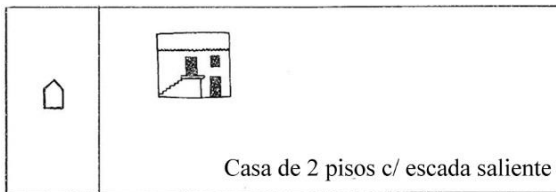
Casa térrea, com dois acessos. A porta de maiores dimensões, seria possivelmente o acesso do gado.

Em mau estado de conservação.





Conjunto 9



Casa de 2 pisos c/ escada saliente

Construção 41

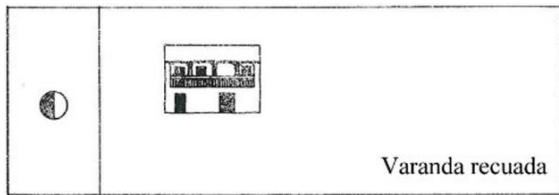
Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa de 2 pisos com escada saliente, e com varanda saliente. Pode-se ver a junção de duas tipologias normalmente encontradas em separado. Podem-se ver dois acessos no piso inferior, sendo que o terceiro é atualmente a uma garagem; e um acesso através de escadas, ao piso superior.



Imagem retirada de: (<http://www.livraria-academica.com/palivro.html>)





Construção 42 e 43

Casas em alvenaria de pedra à vista.

Duas casas, com acesso ao piso superior através de uma escada comum, e uma pequena varanda.

A casa 42, tem um acesso ao piso inferior por uma porta no terreno adjacente, e a casa 43 tem um acesso à face da rua, como se pode ver na última imagem.



Construção 44

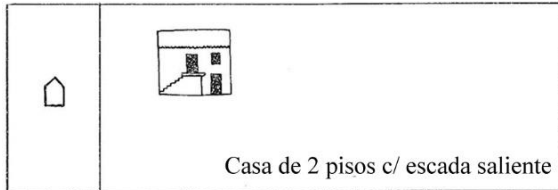
Casa em alvenaria de pedra à vista.

Nestas imagens observa-se o acesso a duas casas, 44 do lado esquerdo, e 45 com acesso por uma escada, do lado direito.

A casa 44 tem o acesso principal através de um pátio, do tipo 2, que faz a distribuição aos espaços.

Comparando as imagens, percebe-se a degradação e mau estado de conservação que esta casa sofreu entre 2015 e 2016.





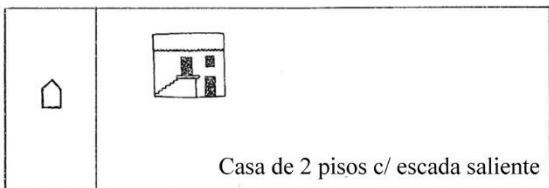
Construção 45

Casa em alvenaria de pedra à vista.

O acesso é feito por escada, como vimos nas imagens anteriores. E tem outro acesso, ao piso térreo pela rua, como se vê na 1ª imagem. Casa grande, e que tem outro anexo, 2ª imagem.

Esta casa também sofreu alterações entre 2015 e 2015, como a queda da cobertura.





Construção 46

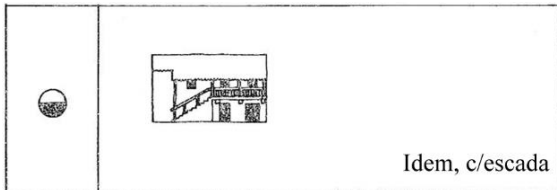
Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Casa com terreno a circundar a casa, e o acesso ao piso superior é feito por uma escada imponente de dois lanços.





Conjunto 10



Idem, c/escada

Construção 47

Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa de dois pisos, varanda saliente com escada. A varanda percorre toda a casa, facilitando a circulação entre os compartimentos.

Atualmente em mau estado, sofreu uma derrocada da varanda em madeira, da cobertura, e de algumas partes da parede.



(2014)



(2016)

Construção 47 (cont.)

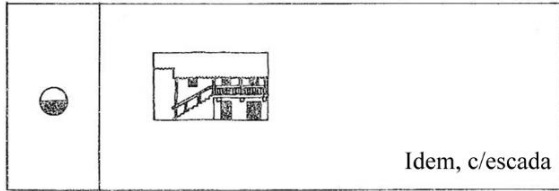


Construção 48

Casa em alvenaria de pedra à vista.

Casa com pequeno pátio na dianteira da casa.
Apenas se observa na imagem a entrada para o pátio.





Construção 49

Casa em alvenaria de pedra à vista.

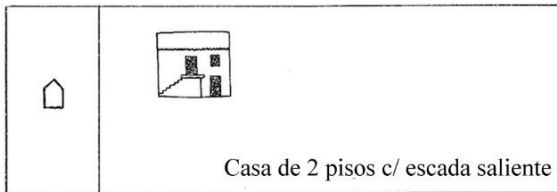
Casa de dois pisos, varanda saliente e escada. O acesso ao piso superior é feito por uma escada de dois lances, que dá a uma varanda em madeira. O acesso ao piso inferior é feito por baixo da varanda, por uma porta em madeira, por onde os animais acediam.



Construção 50 e 51

Casas em alvenaria de pedra à vista, com algumas alterações.

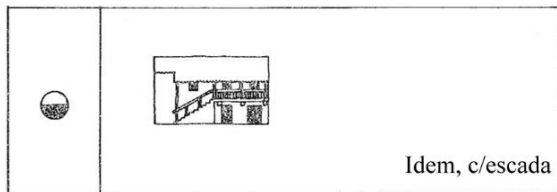
Acesso por um pátio, para os animais e utensílios. Atualmente é também um local para estacionar o carro.



Construção 52

Casa em alvenaria de pedra rebocada.

Acesso ao piso superior por escada.



Construção 53 e 54

Casas em alvenaria de pedra rebocada.





Figura 78: Casa com escada saliente e alpendre, Vale de Juncal (2015)



Figura 79: Construção recente, Vale de Juncal. (2016)

Foram identificadas 54 construções tradicionais em alvenaria de pedra. Destas construções, 29 são casas em alvenaria de pedra à vista, e as restantes 25 em alvenaria de pedra rebocada.

Quanto às tipologias exteriores de acordo com a arquitetura popular, casa de 2 pisos com escada saliente (8), casa com escada saliente e alpendre (7), casas típicas da sub-região B (1), Varanda saliente (2), e com escada (8), varanda recuada (2). Também se encontrou uma alminha, casas pátio (5) e casas de um único piso (20) (casa térrea).

Quanto ao seu estado, encontram-se algumas casas em mau estado de conservação, e outras abandonadas.

Em Vale de Juncal, como em tantas outras aldeias, existe a perda das casas em pedra, tanto por novas construções, acrescentos, ou apenas pelo abandono das habitações até à degradação e demolição total do edifício.

No prolongamento deste trabalho foi possível fazer o levantamento fotográfico de algumas casas onde estes problemas aconteceram, nas casas 44, 45 e 47 referentes aos conjuntos de casas. Casas em abandono há uns anos, e de uma importância face às tipologias encontradas, que se estão a perder.

Estas casas são o exemplo de alterações que vão acontecendo, nesta aldeia. Sítios que perdem a sua identidade. Casas que devem ser recuperadas para não se perder a origem destes locais.

6 Considerações Finais

O estudo da arquitetura popular das várias regiões de Portugal, em particular de Trás-os-Montes foi importante para conhecimento da matéria e identificação das tipologias. Esta primeira análise serviu de base para o caso de estudo, e permitiu caracterizar as construções tradicionais encontradas.

Elaborou-se o inventário de mais uma aldeia de Portugal, complementando a bibliografia existente. Identificaram-se diversas tipologias transmontanas no concelho de Mirandela, na freguesia de Abambres e na aldeia de Vale de Juncal.

Do levantamento efetuado em Vale de Juncal registou-se um grande número de construções em alvenaria de pedra 54, para um total de 146 construções. 29 mantêm a alvenaria de pedra à vista, 25 encontram-se rebocadas e 92 são edifícios recentes em alvenaria de tijolo.

Para as 54 construções em alvenaria de pedra, elaboraram-se fichas de caracterização, que incluem identificação da tipologia e observações relativamente ao estado de degradação e alterações visíveis ao exterior. Identificaram-se 8 do tipo casa de 2 pisos com escada saliente, 7 com escada saliente e alpendre, 1 casa típica da sub-região B, 2 varanda saliente, 8 varanda saliente com escada, 1 varanda recuada. 20 casas térreas, e 5 casas pátio.

Foi interessante observar recentemente, que este ano, foi demolida uma casa com escada saliente e alpendre. Foi substituída por uma construção em alvenaria de tijolo, mantendo diversas características da construção original.

É importante sensibilizar a população do valor histórico e arquitetónico das suas casas, contribuindo para a salvaguarda deste património.

Os resultados obtidos provam a necessidade de dar continuidade ao trabalho, alargando o estudo e análise da arquitetura popular a outras aldeias e concelhos de Mirandela, e Portugal.

7 Bibliografia

Livros consultados

Outubro de 2013. [autor do livro] Carlos Carvalho Dias. *Memórias de Trás-os-montes e alto-Douro nos 55 anos do "Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa"*. Guimarães : Opera Omnia, Outubro de 2013.

1986. [autor do livro] Escola Secundária Mirandela. *A casa transmontana*. Mirandela : s.n., 1986.

1988. [autor do livro] Associação Arquitectos Portugueses. *Arquitectura Popular em Portugal: 1º Volume*. Lisboa : s.n., 1988.

2003. [autor do livro] Fernando Galhano Errnesto Oliveira. *Portugal de Perto. Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa : Dom Quixote, 2003.

1979. [autor do livro] Mário Moutinho. *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Lisboa : Editorial Estampa, 1979.

2002. [autor do livro] Roger Teixeira Lopes. *Mirandela*. s.l. : João Azevedo Editor, 2002.

2007. *Património Cultural de Mirandela*. 2007.

Sítios consultados:

Aldeias Norte de Portugal. Porto e Norte

<http://www.portoenorte.pt/client/files/0000000001/2337.pdf>

Câmara Municipal Mirandela

<http://www.cm-mirandela.pt/index.php?oid=4011>

Património Cultural. Direção-geral do Património Cultural.

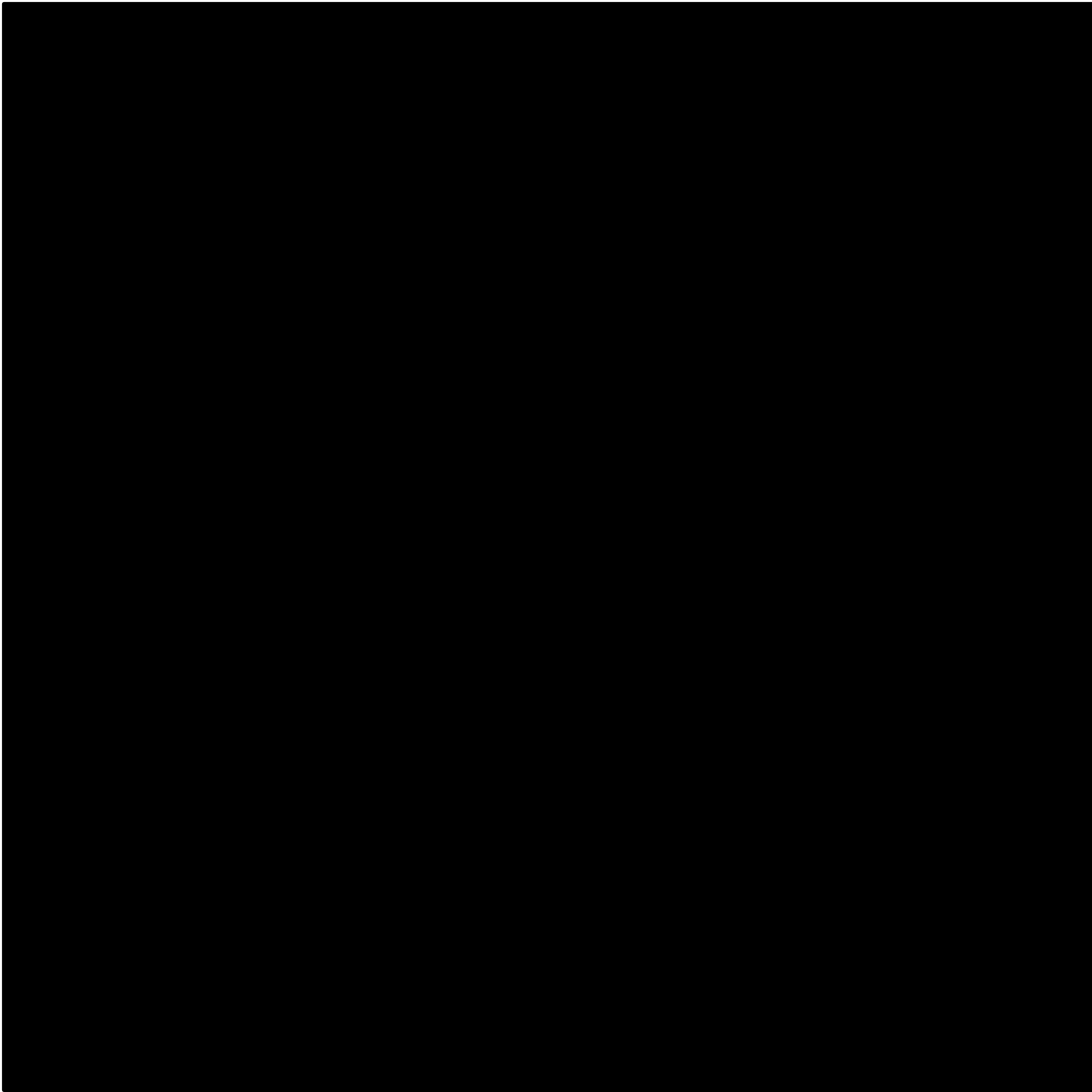
<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

Priberam. Dicionário.

<http://www.priberam.pt/dlpo/corte>

Catálogo. Casas típicas de Portugal. Cultura, língua e comunicação. Associação nacional das empresas.

<https://pt.scribd.com/doc/18050900/CATALOGO-CASAS-TIPICAS-DE-PORTUGAL>



Parte II

Vertente prática

Pousada e restaurante em Sines

ISCTE-IUL | Ana Pinto | 2016

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientadora:

Arquiteto Pedro Pinto, Professor Auxiliar,
ISCTE-IUL

Novembro, 2016

Índice

1. Introdução.....	143
2. Análise Urbana.....	144
2.1 História.....	144
2.2 Planos Urbanos.....	151
2.3 Biofísica.....	153
3. Proposta de grupo.....	163
4. Proposta Individual.....	171
4.1 Evolução.....	175
4.2 Referências.....	183
4.3 Memória descritiva.....	188
4.4 Desenhos técnicos.....	193
5. Bibliografia.....	200

1 Introdução

O trabalho da componente prática, da unidade curricular de projeto final de arquitetura, com o tema “Sines e seus limites face à indústria” teve como principal objetivo intervir nesta cidade, quebrando barreiras e criando um percurso vivido com vários programas que o potenciam, e desenvolver um deles.

Numa primeira fase, fez-se uma aproximação ao local em estudo, conhecimento histórico e urbanístico e Biofísico de Sines. Desenvolveu-se uma proposta geral em grupo, que consiste no pensar a cidade desde a escala da linha de costa de Portugal à cidade de Sines, e perceber as valências dos parques naturais adjacentes, que potenciam a existência do percurso habitável, criando uma ligação entre a zona norte e sul, onde potenciamos cinco propostas. O percurso é feito a nível rodoviário e pedonal/ciclável, sendo que a norte e sul funcionam em separado, para potenciar a circulação dos moradores e dos novos usuários.

A segunda fase, é o desenvolvimento da proposta individual de uma das áreas da proposta de grupo. A proposta que venho a desenvolver é uma Pousada e um restaurante. Surge da falta de alojamentos na cidade de Sines, e a necessidade de criar um apoio de estadia e restauração aos usuários, e turistas, na parte sul do percurso proposto. O local de implantação do projeto é no limite superior da pedreira, onde existe uma quebra no percurso, que gere a forma do projeto. A pousada é desenvolvida desde a distribuição programática ao sistema construtivo.

2. Análise urbana

2.1 História

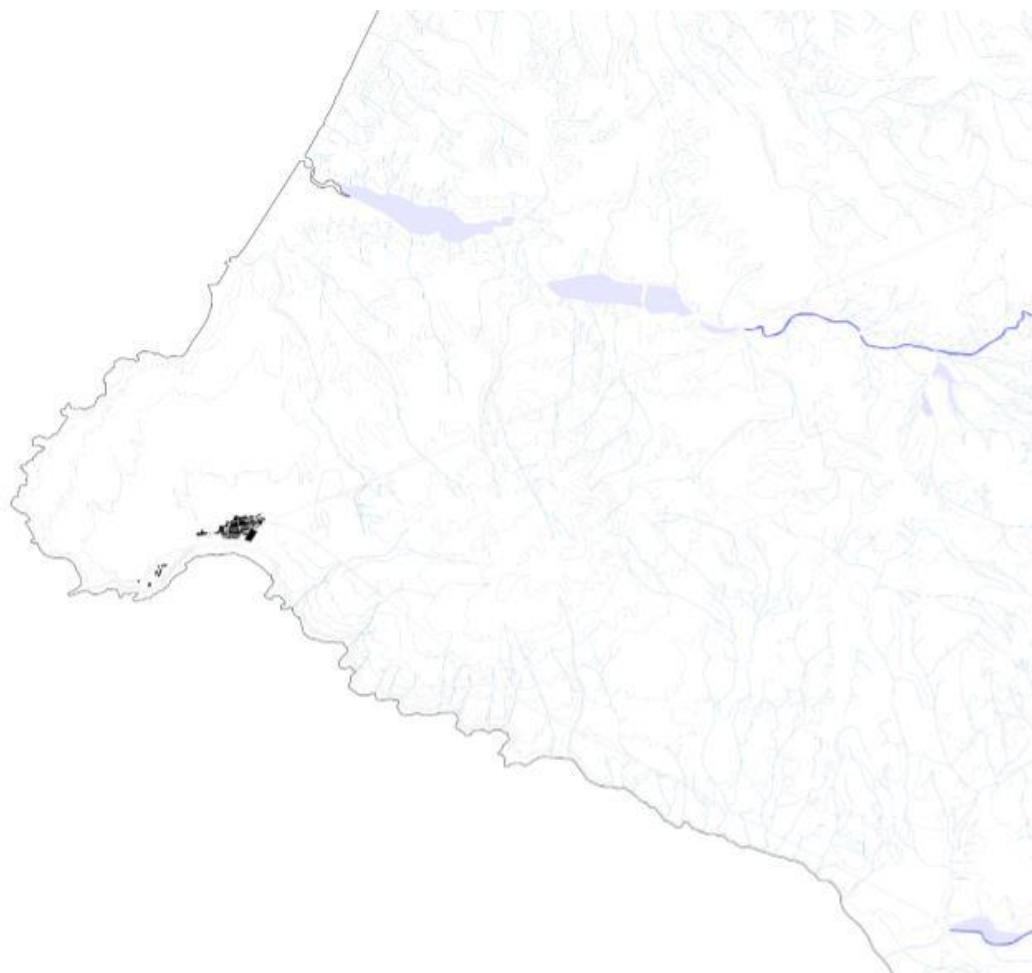
Para melhor se perceber o que aconteceu com Sines ao longo do tempo, e o que possui atualmente, fizemos enquanto grupo um levantamento da história, dos mapas evolutivos da cidade.

No ano de 1914 é feita uma restauração do município, a indústria da cortiça, a pesca e alguma agricultura eram as bases de vida de Sines. O desenvolvimento da vila de Sines é interrompido entre a II Guerra Mundial e a década de 70. O que levou que durante esse período a indústria corticeira ganha-se novos concorrentes para o fabrico de materiais idênticos, o porto e as acessibilidades não sofreram obras de monta. E Sines torna-se então a praia de banhos do Alentejo.

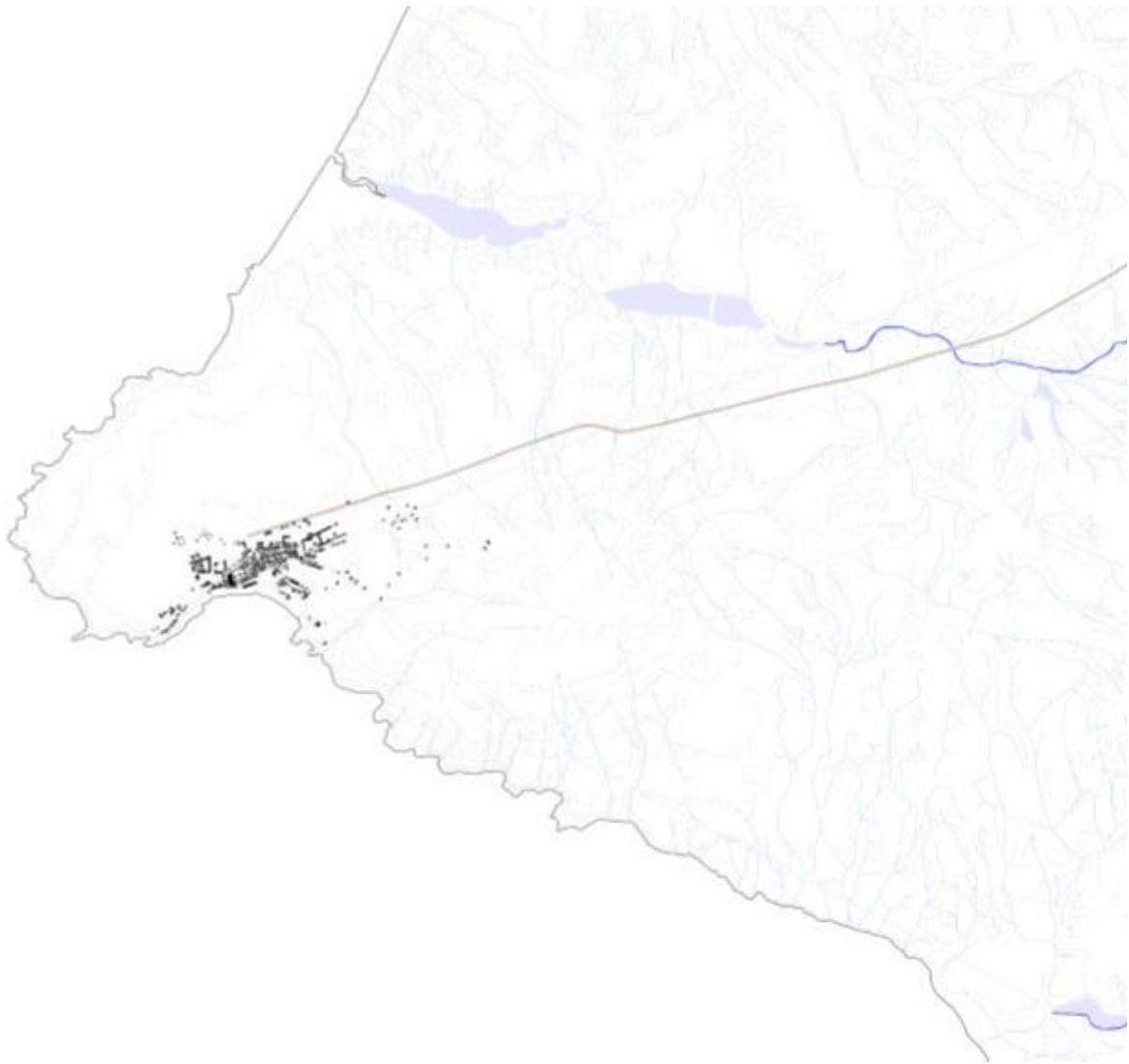
Com a chegada da década de 70, a vida em Sines sofre alterações a todos os níveis. O governo de Marcelo Caetano resolve criar um grande complexo portuário e industrial, com a intenção de dotar Portugal de autonomia em sectores de grande importância como a energia e a transformação de matérias-primas. Sines é a localização escolhida, sobretudo pelas águas profundas que detém, ideais para a atracagem de barcos de grande calibre. (Câmara Municipal de Sines)

Gerido pelo Gabinete da Área de Sines (criado em 1971 e extinto em 1988), o complexo é abalado com a crise do petróleo de 1973 e outros acontecimentos (como a destruição do porto de abrigo, em 1978) fazem com que não se consiga afirmar na escala prevista.

A instalação do complexo muda a paisagem humana do concelho. Entre os anos 1972 e 1981, a população da área de Sines cresce 92 por cento, recebendo famílias de todo a parte do país e portugueses regressados das ex-colónias de África. A cidade sofre intensa pressão urbanística e sobre as infraestruturas, que o poder local democrático enfrenta a partir de 1976. O nível médio de rendimentos cresce significativamente, mas os pescadores (pela pressão ambiental sobre os recursos marinhos) e pequenos e médios proprietários agrícolas (pelas expropriações) são prejudicados. Vários episódios de poluição industrial mobilizam a população. Em 1982, Sines realiza a primeira "Greve Verde" do país, na sequência de descargas de efluentes na costa norte de Sines. Desde o final dos anos 90 e início do século XXI assiste-se a um relançamento do complexo, em especial, na componente portuária, fase que ainda hoje se vive, marcada pelo crescimento do Porto de Sines na sua componente comercial.



1790



1960



1988



2015



Localização dos Planos Urbanos de expansão.

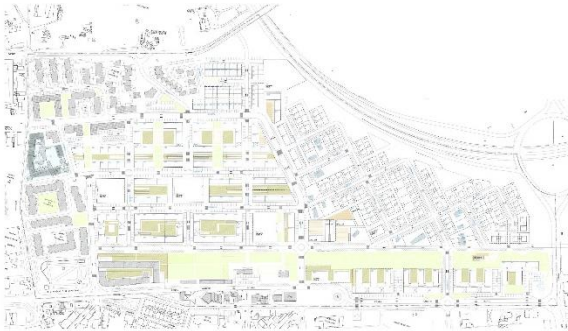
2.2 Planos Urbanos



PU – Cova do lago



PU – Campus Desportivo



PU - Norte



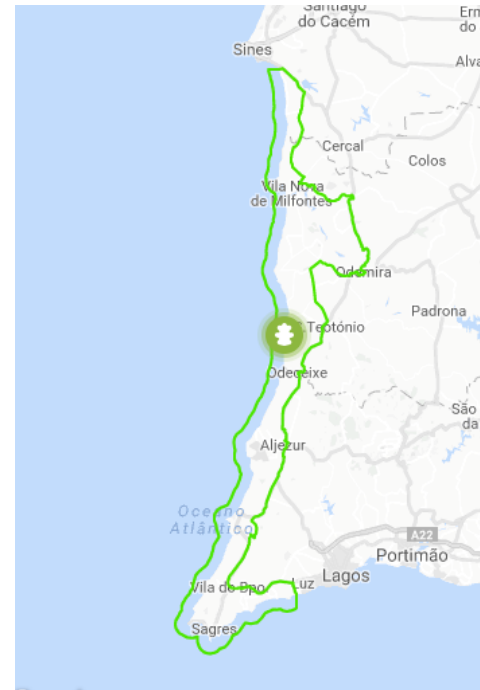
PU - Sul



Planta do território de Sines

2.3 Análise Biofísica

Fez-se uma análise da localização de Sines e sua envolvente, para se perceber as características locais. Com um levantamento dos parques naturais, a fauna e flora, as características geológicas, a orientação dos ventos; e aproximando a escala da cidade de Sines, dos espaços públicos e da estrutura rodoviária.



Parques naturais: Reserva natural das lagoas de santo André e da Sancha.
Parque natural do sudoeste alentejano e costa vicentina. (<http://natural.pt/portal/pt/Home>)

PLANTAS NOS SISTEMAS HÚMIDOS



CANIÇAIS



JUNCOS

PLANTAS RARAS



SILENE ROTHMALERI



SAMOUÇO



SORVEIRA

PLANTAS ENDÊMICAS



BISCUTELLA VICENTINA



GENTAUREA VICENTINA



DISTUS PALHINHAE



DIPLOTAXIS VICENTINA



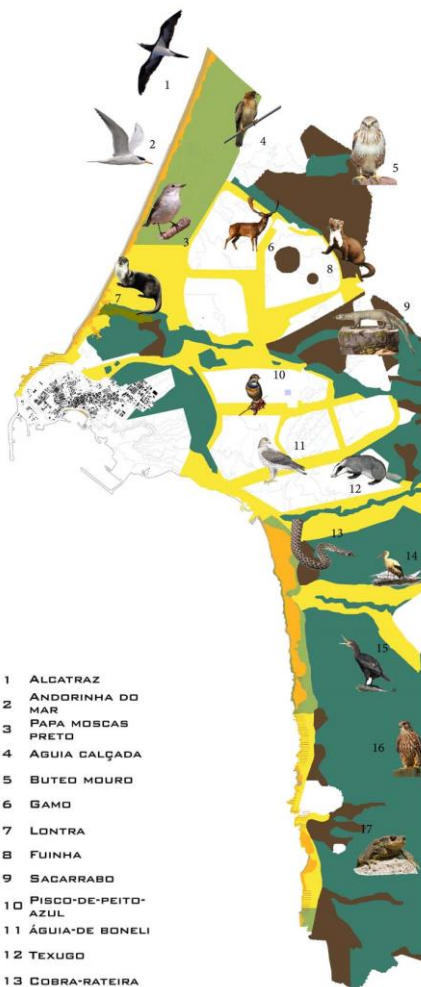
HYACINTHOIDES VICENTINA



PLANTAGO ALMOGRAVENSIS



SCILLA VICENTINA



- 1 ALCATRAZ
- 2 ANDORINHA DO MAR
- 3 PAPA-MOSCAS PRETO
- 4 ÁGUIA-CALÇADA
- 5 BUTEO NEGRO
- 6 GAMO
- 7 LONTRA
- 8 FUINHA
- 9 SACARRABO
- 10 PISCO-DE-PEITO-AZUL
- 11 ÁGUIA-DE-BONELI
- 12 TEXUGO
- 13 COBRA-RATEIRA
- 14 CEGONHA BRANCA
- 15 CORVO MARINHO
- 16 FALCÃO DA RAINHA
- 17 SAFO-COMUM

PLANTAS COMUNS



ACACIA



ARMERIA PUNGENS



CAMARINHEIRA



CHORÃO



ESPINHEIRO-PRETO



ESTEVA



EUCALIPTO



HELICHRYSUM SP.



LENTISCO



PINHEIRO BRAVO



PINHEIRO MANSO



PITORNO-BRANCO



ROSMANINHO



SABINA DAS-PRAIAS



SALGADEIRA



SEDUM SEDIFORME



STAUACANTHUS
SPECTABILIS



ULEX SP.



TÔJO-CHAMUSCO

PLANTAS DUNARES



CORDEIROS-DA-PRAIAS



COUVE-MARINHA



ESTORVO



FENO-DAS-AREIAS

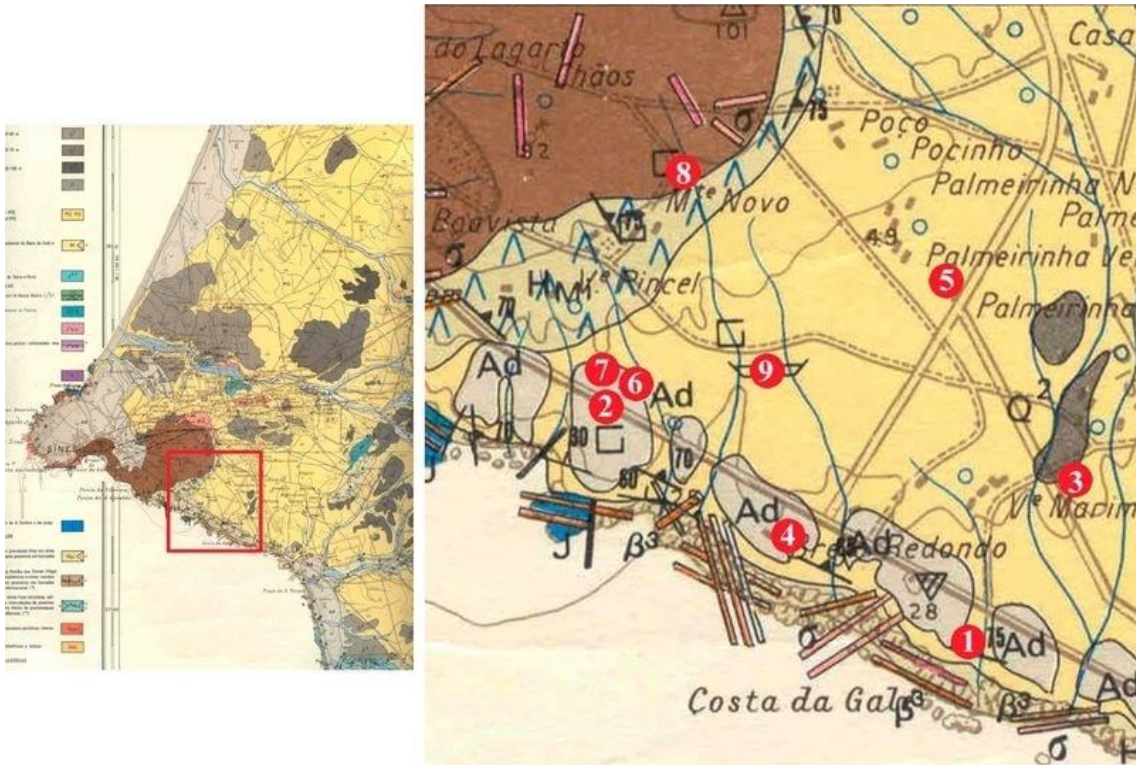


GRANZA-MARITIMA



TOMILHO



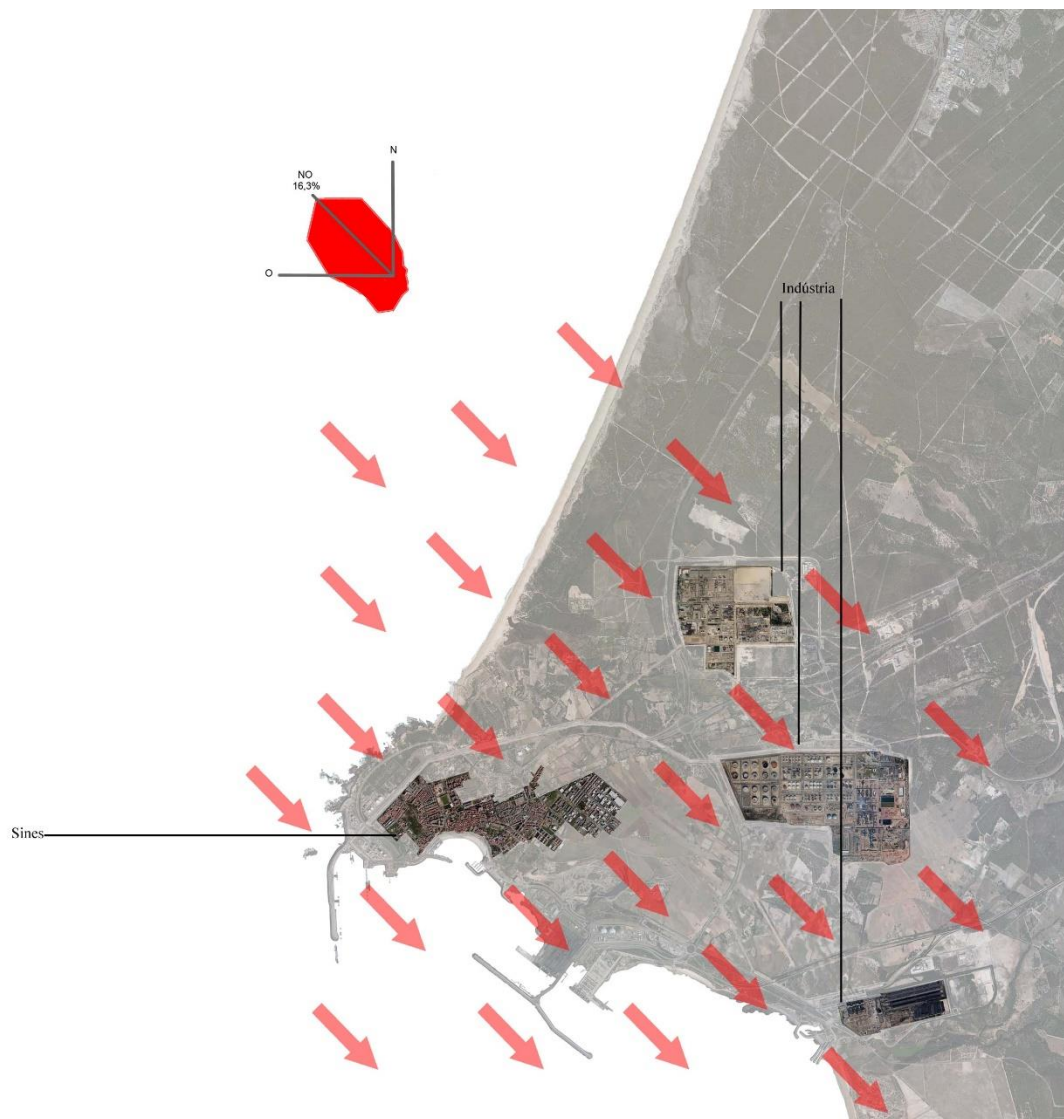


Chãos de Sines. Carta geológica. (<http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/352>)

Na carta geológica pode-se observar a presença de gabro dioritos (castanho) na área onde se encontra atualmente a pedreira. Este tipo de rocha provém de um maciço ígneo dos chãos de Sines, com o terreno fértil nesta zona.



Geologia. Localização da pedreira em Sines.



Direção predominante dos ventos (NO)



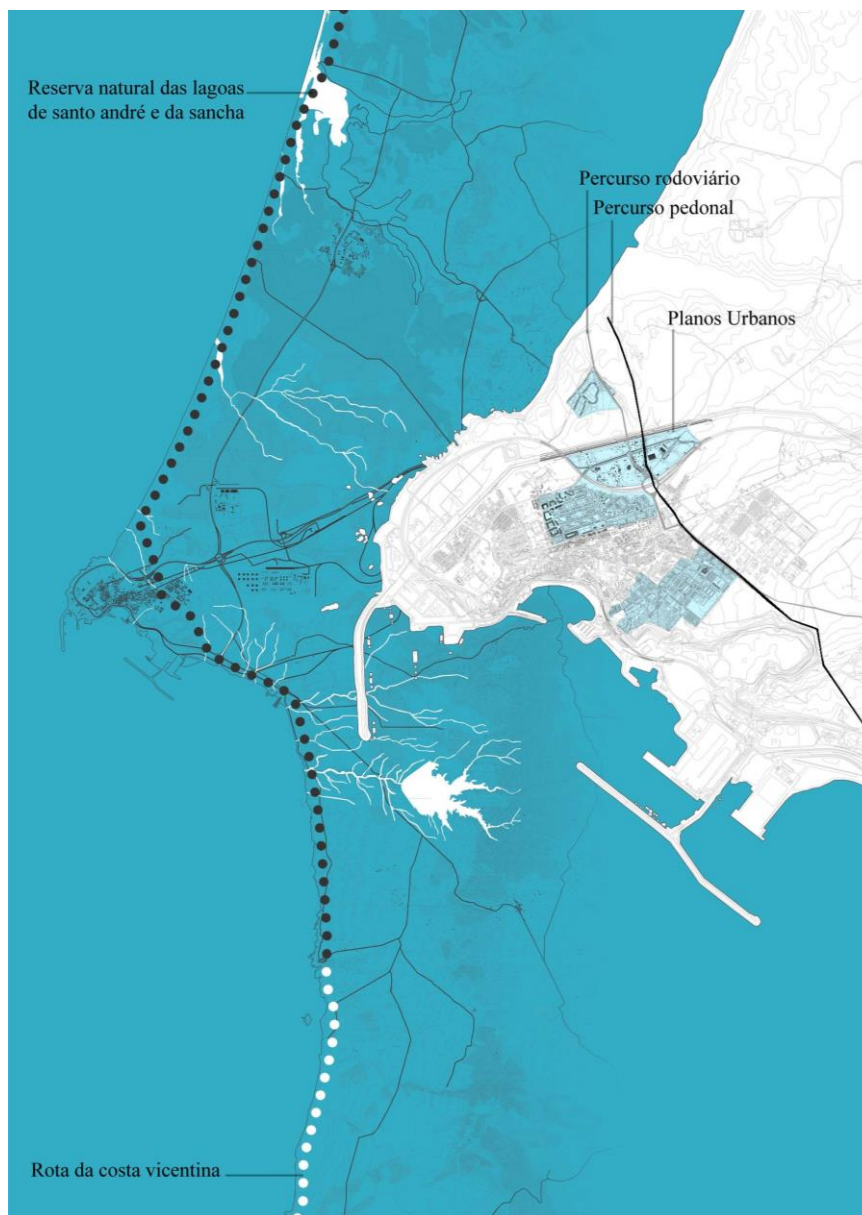
Parque eólico, com 12 turbinas.



Espaços públicos



Estrutura rodoviária principal



3 Proposta de grupo

A cidade de Sines na primeira metade da década de 70 iniciou o seu processo de industrialização que com o passar do tempo levou a que a cidade então conhecida como vila piscatória fosse remetida para segundo plano, e surgisse assim desse modo a cidade industrial. E é sobre essa perspectiva que a cidade crescia, e se desenvolvia sobre esses novos paradigmas, o que levou a que a cidade perdesse o seu caráter de vivência permanente.

A industrialização trouxe para a cidade não só o progresso, como também afetou a qualidade de vida das pessoas e da cidade enquanto crescimento urbanístico. Porém a indústria não trouxe apenas aspetos negativos para a cidade, pois a mesma constitui a principal fonte de rendimento da população residente.

Com a expansão das indústrias sobre o território de Sines a morfologia da mesma ficou fortemente afetada, pois a sua expansão sobre a cidade criou barreiras e limites à mesma, fragmentando-a desse modo, impedindo as ligações da parte norte a parte sul da cidade. O que levou a que estas infraestruturas desenhassem a paisagem urbana da cidade, com formas pouco convidativas e descontínuas, que quebram as regras do bom funcionamento e do fluxo da cidade e dos seus habitantes.

Foram vários os fatores que influenciaram que Sines fosse uma cidade de poucos habitantes, e pouca afluência turística. A poluição da água do mar, e do ar, são um desses fatores. Próximo à cidade existem instalações indústrias de grandes dimensões, que criam riscos de poluição

atmosférica à cidade. Já a nível do mar, a praia de Vasco da Gama, viu sobre o seu território, perder qualidade espacial, identidade piscatória, e zona balnear, e deixou de ser um ponto fulcral na vida da cidade, devido a construção do porto naquela zona costeira. Com a construção do porto, foi necessário a extração de pedra para criar os pontões, o que levou à origem da pedreira em Sines, pegada marcante no território.

Apesar de todos os aspetos que abonam contra Sines e seu território, é importante referir que o território de Sines apresenta importantes características biofísicas. Este território é objeto de estudo pela presença de numerosas espécies vegetais endémicas e pela riqueza da fauna. No território da costa portuguesa, encontra-se a norte de Sines a reserva natural das lagoas de Santo André e da Sancha, e a sul o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

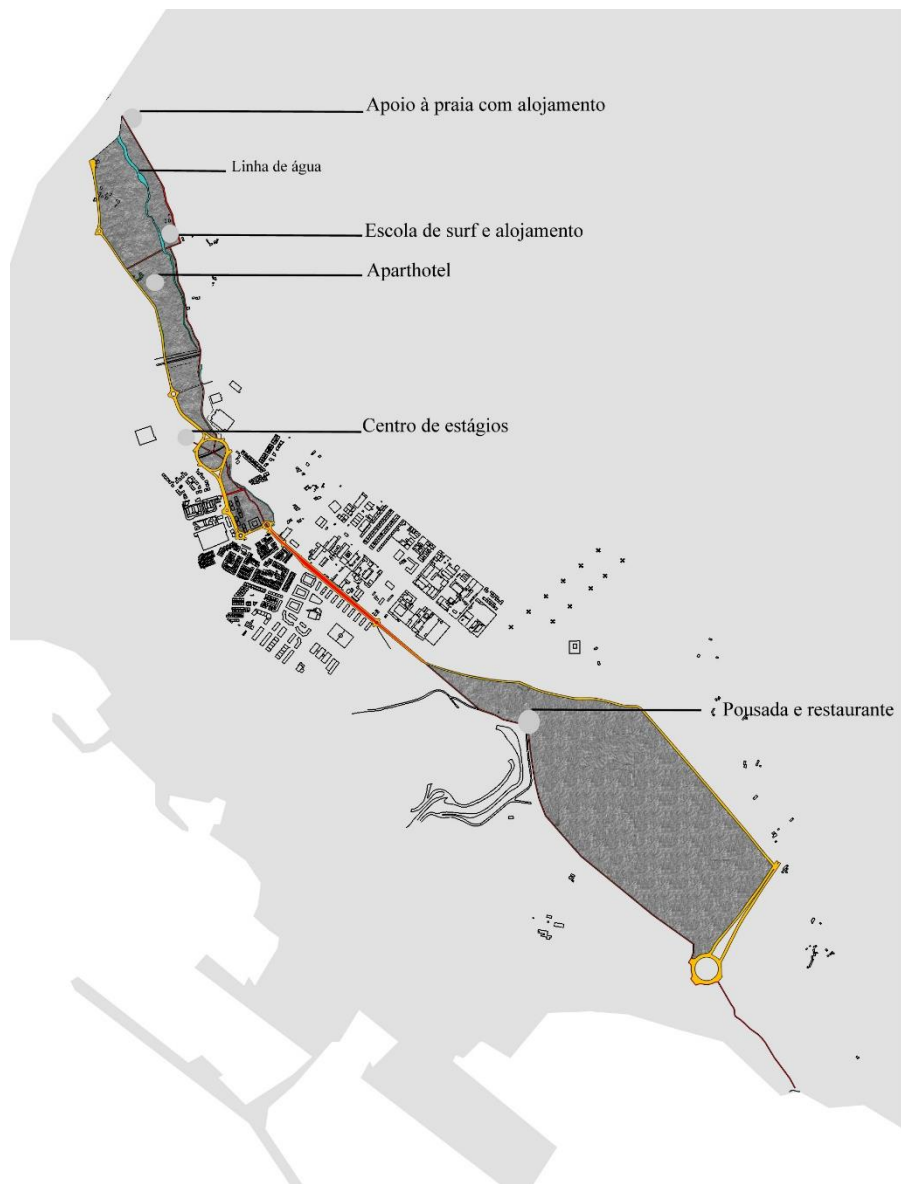
O concelho de Sines a nível da sua morfologia, divide-se em três grandes unidades: a planície, a escarpa oriental, e o relevo residual do maciço vulcânico de Sines. Porém é também de salientar e apontar a relevância que tem a sua costa arenosa norte, o cabo de Sines e a costa rochosa sul, parques protegidos e importantes para esta região.

Sobre todos esses pressupostos que fazem de Sines a cidade que é, nasce a nossa proposta de grupo que surge da necessidade de resolver uma falta de ligação, causada pela imposição da indústria sobre a cidade.

A ligação proposta por nós enquanto grupo seria de ligar por um percurso pedonal, e cicável, e um outro alternativo por estrada, a cidade e a zona periférica de Sines, ou seja a zona norte e sul. Estes dois percursos, pedonal e rodoviário, fazem a ligação entre os parques naturais de

maneira a potenciar, principalmente, o fluxo de pessoas que fazem o percurso da rota vicentina. Os percursos percorrem o terreno próximos um ao outro, sendo que na zona norte se encontram próximos a uma linha de água, que destacamos, e a sul de um campo de trigo e estaleiro da pedreira; sendo que na zona central e urbana de Sines os percursos unem-se criando uma “rambla” onde o percurso pedonal se faz entre as vias rodoviárias, que separam a zona urbana de habitação da zona ZIL (zona industrial ligeira) de Sines.

O objetivo principal desta proposta é facilitar as ligações entre o ambiente urbano, e os vários percursos que por eles se atravessam, tanto por quem os percorre como para os moradores de Sines. Nesta proposta de habitar o percurso surgem 5 diferentes intervenções. A norte, junto à praia do Norte, encontram-se duas propostas: uma escola de surf e alojamentos; e um apoio à praia e percurso pedonal, com alojamento; um aparthotel um pouco mais no interior junto à linha de água; mais centrado e junto à rotunda que permite o principal acesso à cidade, onde o percurso pedonal é remetido por uma ponte, um centro de estágio de apoio ao pavilhão desportivo; e mais a sul, junto ao percurso pedonal e inserido no topo da pedreira, uma pousada da juventude. Estas propostas visam fortalecer cinco pontos no percurso e melhorar as suas vivências, criando novos alojamentos e promovendo o desporto na cidade de Sines.





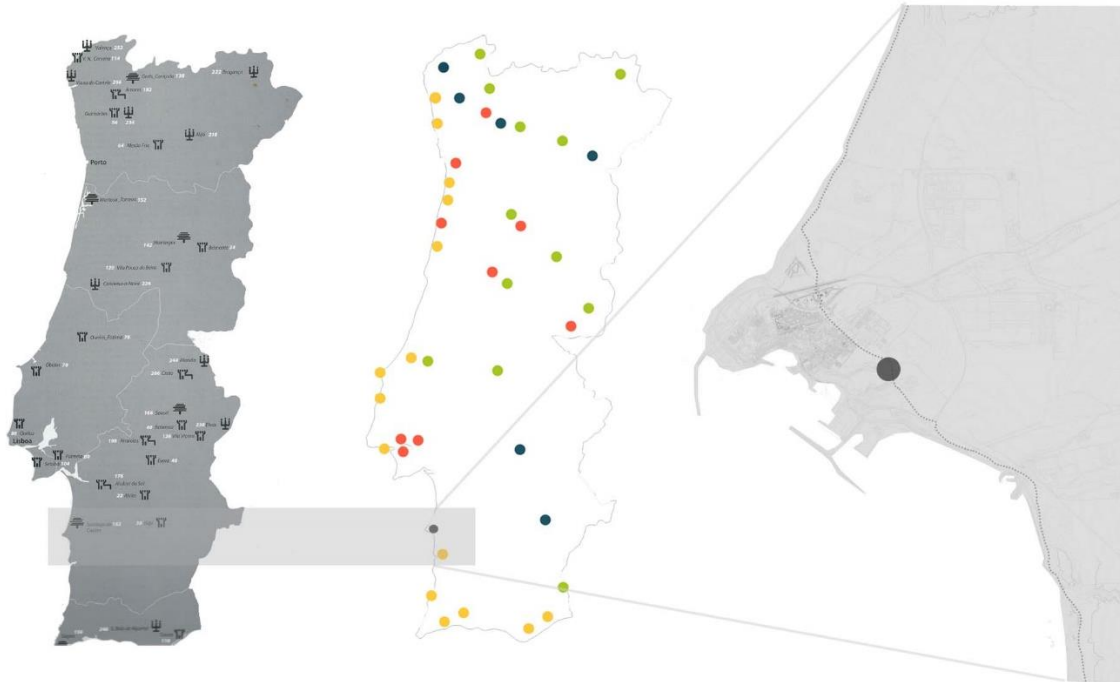
Zonas ao longo do percurso. Arenoso, linha de água, urbano, pétreo.



Fotomontagens. Ponte pedonal na rotunda. Pontes que passam por cima do viaduto (pedonal e rodoviária).
Percurso pedonal ao longo da pedreira.



Fotomontagens da proposta.



Pousadas de Portugal (1). Pousadas da Juventude (2); legenda: azul – histórico cultural; verde- natureza aventura; amarelo-praia; laranja-urbana. (<http://www.pousadasjuventude.pt/pt/>). Sines, localização da proposta (Pousada) (3).

4 Proposta Individual

Programa

O programa proposto para a zona sul do percurso, é uma Pousada e um restaurante, que podem funcionar de maneira independente. Surge da falta de alojamentos neste local, e na inserção da proposta de grupo.

Local

A proposta situa-se no limite superior da pedreira que é acompanhado pelo percurso pedonal. A presença dos ventos de noroeste neste sitio é marcada pela presença de um moinho de vento que pontua esta zona plana de campos de trigo até à descida dos socalcos da pedreira.

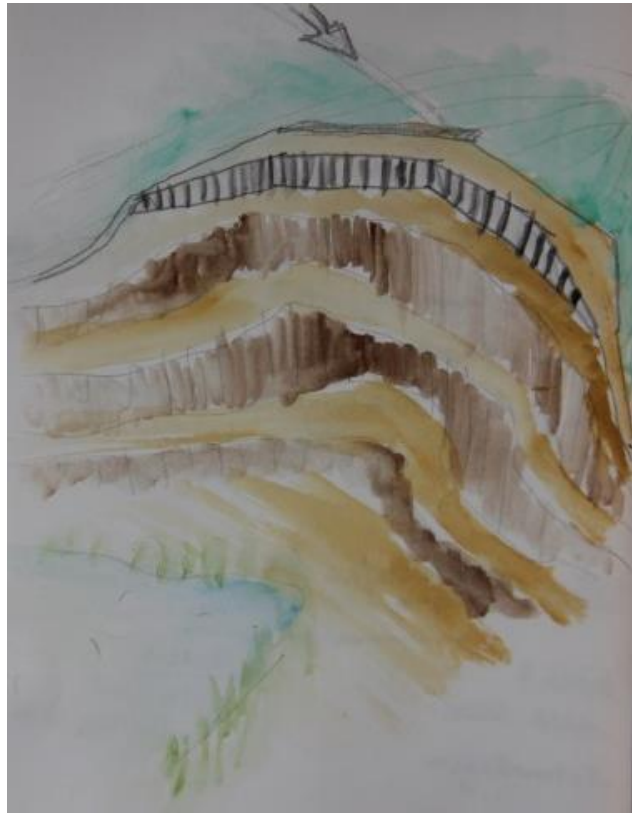
Ideia

A ideia surge da quebra do percurso, no topo da pedreira, onde o edifício se insere com essa forma e criando um novo plano horizontal onde assenta a arquitetura, mas neste caso é onde está marcada a entrada aos patamares inferiores do edifício. Como uma pedreira, onde a linha do horizonte esconde a extração feita no terreno maciço em pedra.



Planta do local da proposta da pousada e restaurante. A vermelho o percurso pedonal e a amarelo o rodoviário.





Esquissos

4.1 Evolução

O processo de evolução da proposta passou por 5 fases de desenvolvimento.

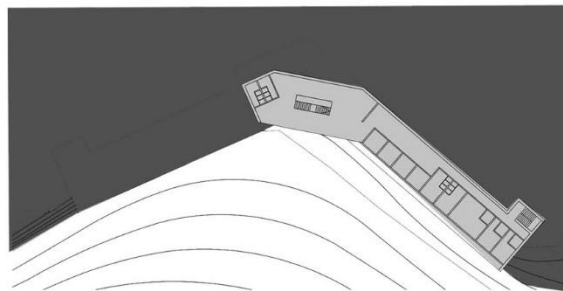
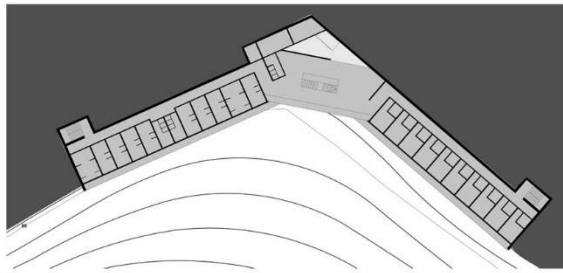
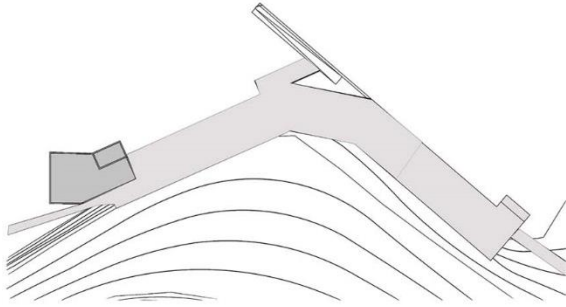
1 Localização da pousada no topo da pedreira, enterrada, com acesso por rampa, que permite a descida lenta no interior do solo, até à entrada. O restaurante encontra-se na extremidade mais próxima face à implantação da cidade de Sines, e cria um movimento para o interior do terreno com ligação visual aos campos verdes e ao moinho.

2 Acesso à pousada feito por rampa lateral paralela ao edifício, e escada. O restaurante passa a ficar suspenso na pedreira, como uma varanda para o mar.

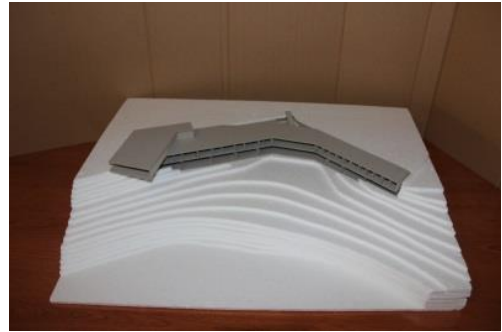
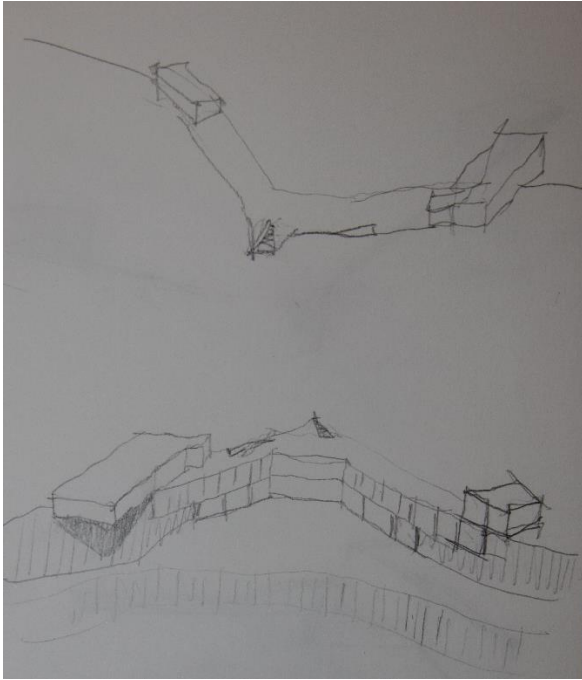
3 Acesso à pousada por elevador e receção na cobertura. Aqui tenta-se marcar no terreno a entrada de ambos os programas, tentando que nenhum seja mais evidente na aproximação superficial ao local de entrada.

4 O restaurante passa a ficar na ‘rótula’ de entrada do edifício, junto à entrada principal da pousada. Assim fica a presença de um único volume na linha do horizonte, que marca a entrada.

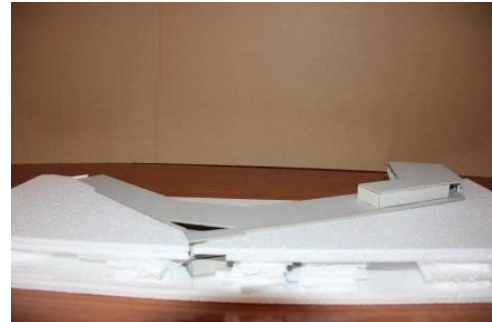
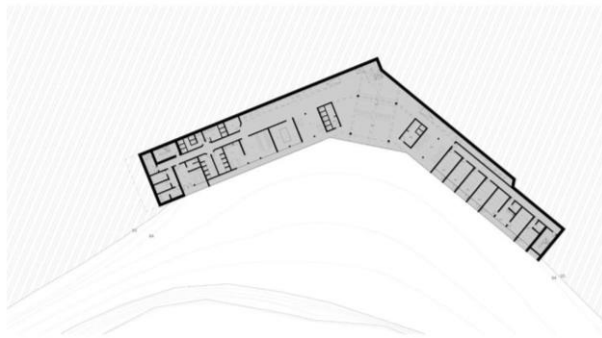
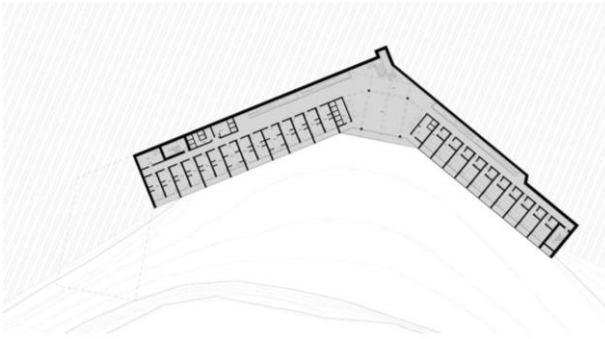
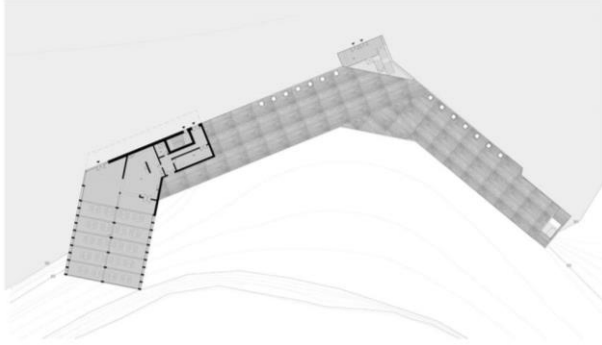
5 O restaurante passa para o nível inferior, da pousada. Com esta proposta fica mais claro a linha de horizonte do topo da pedreira, onde passa o percurso pedonal, marcando assim na paisagem escavações que permitem o acesso à ‘pedreira’ pelo interior do projeto.



Proposta 1. Desenhos e Maquete 1.200

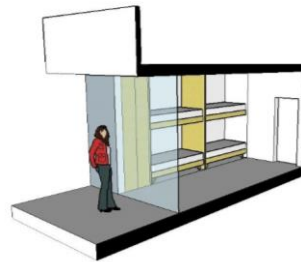
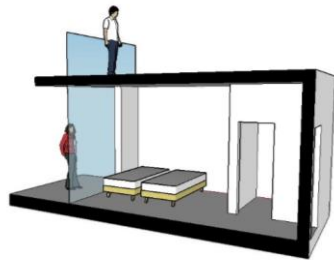


Proposta 2. Esquisso e Maquete 1.200

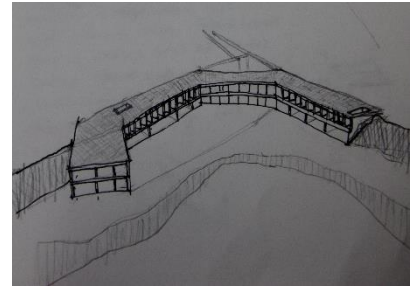
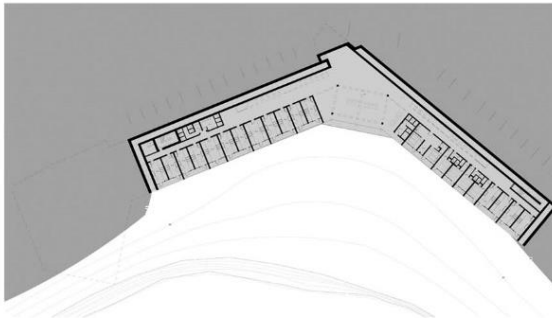
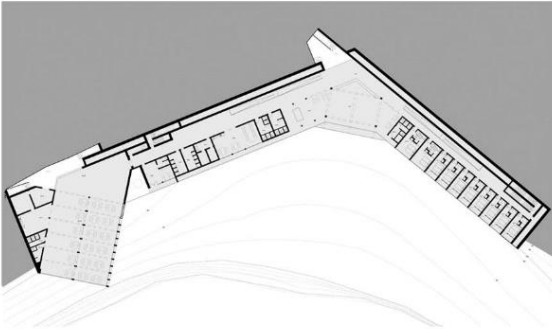
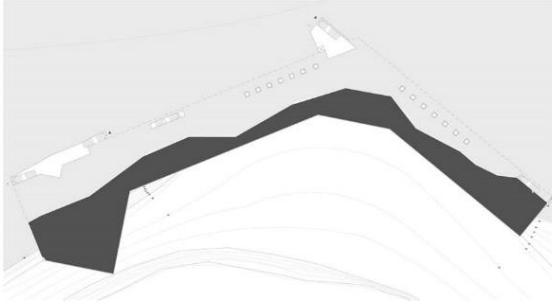


Proposta 3. Desenhos e Maquete 1.200

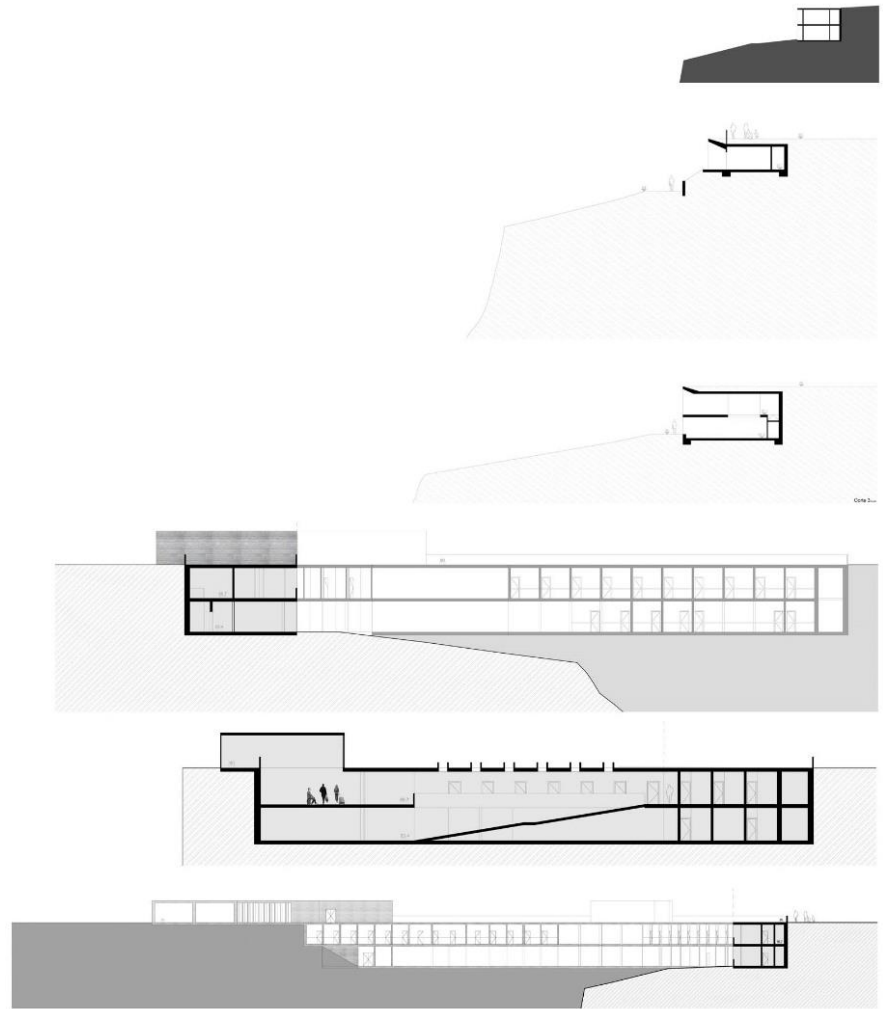
Proposta 4. Maquete 1.200



Teste quanto ao acesso na cobertura e privacidade aos quartos



Proposta 5

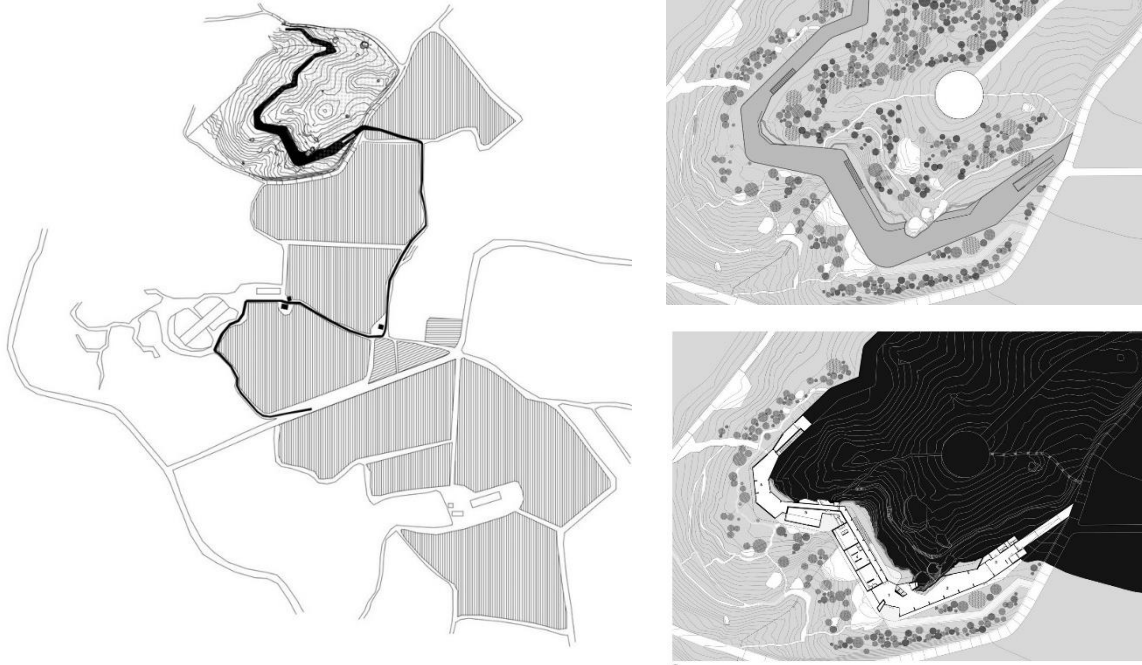


Proposta dos cortes



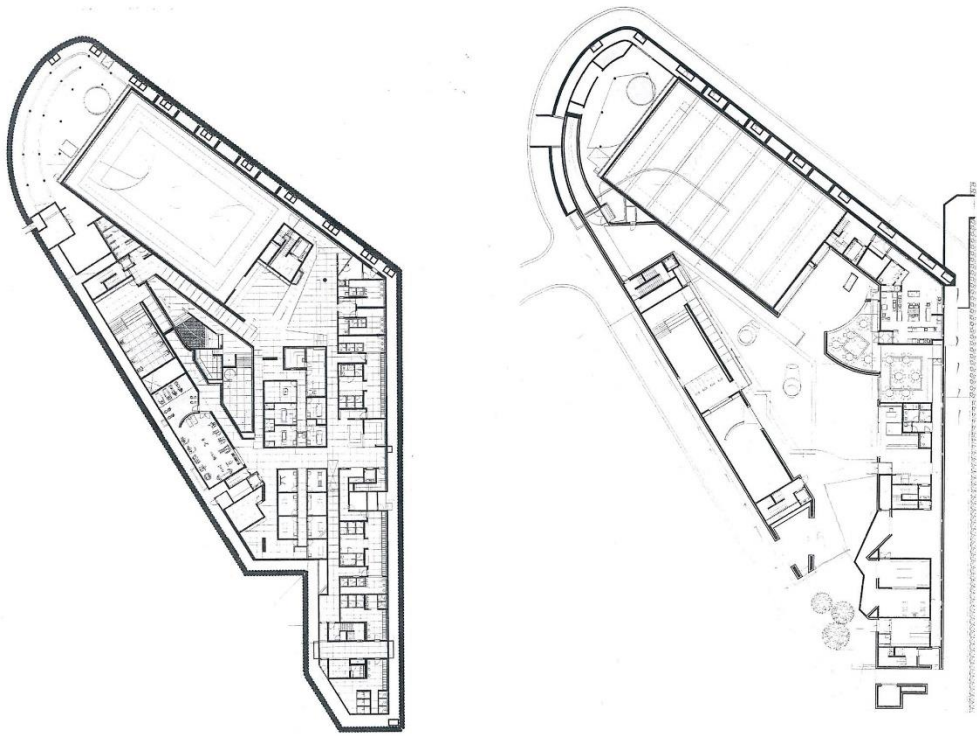
Restaurante Gourmet de Lemos, Viseu

4.2 Referências

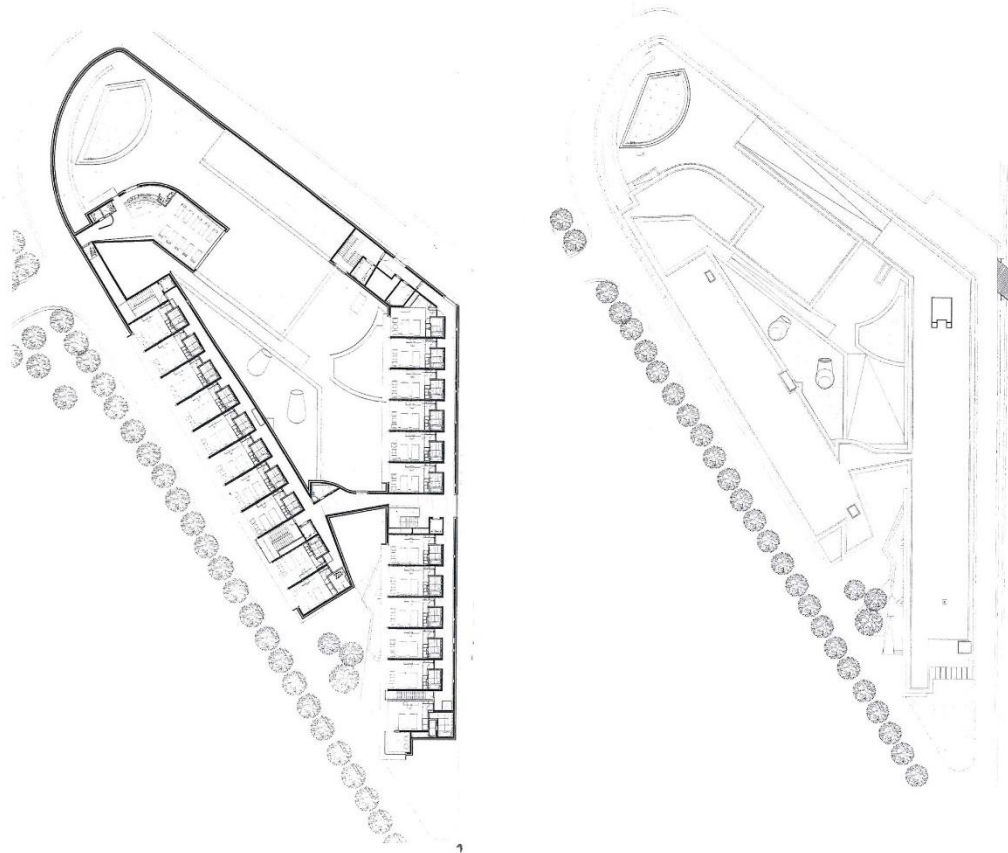


Planta de localização. Planta de cobertura. Planta pavimento térreo. (<http://www.archdaily.com.br/br>)

De Lemos | Carvalho Araújo
Restaurante gourmet, Viseu

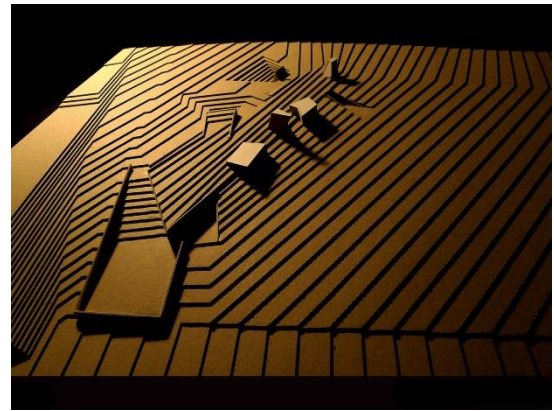


Plantas piso -1 e 0. (El croquis, 2008)



Planta 1 e cobertura. (el croquis, 2008)

Hotel desportivo ‘victoria’ en Panticosa l Siza Vieira
Hotel em Espanha



Perspetivas e maquete. (<http://www.archdaily.com/795684/archeopark-pavlov-kvet-architects>)



Plantas e cortes.
<http://www.archdaily.com/795684/archeopark-pavlov-kvet-architects>)

**Archeopark Pavlov I Architektonicka kancelar Radko Kvet
 República checa**

4.3 Memória descritiva

A proposta consiste numa pousada e restaurante, que se insere em Sines de acordo com a ideia de grupo, face à existência de dois percursos, pedonal e rodoviário, que potenciam a circulação entre a zona norte e sul da cidade, às praias, e a ligação entre os parques naturais na linha de costa. Na zona sul há a separação dos percursos, sendo que o percurso pedonal é desenhado no limite superior da pedreira, onde se insere a proposta. Com esta proposta propõe-se um espaço de vivência no percurso, onde atualmente não existe qualquer atividade, e permite uma vivência de alojamento numa zona de vista privilegiada que se abre sobre o mar.

A implantação encontra-se na quebra do percurso, no topo dos patamares da pedreira de Sines, que gera a forma do projeto. A construção redesenha a forma orgânica do último patamar da pedreira, e cria uma ligação visual marcada pelo moinho. O percurso pedonal percorre a cobertura da proposta, onde se encontram as aberturas na linha do horizonte que permitem o acesso à pousada e ao restaurante, de maneira independente; e o percurso rodoviário serve de acesso ao estacionamento exterior.

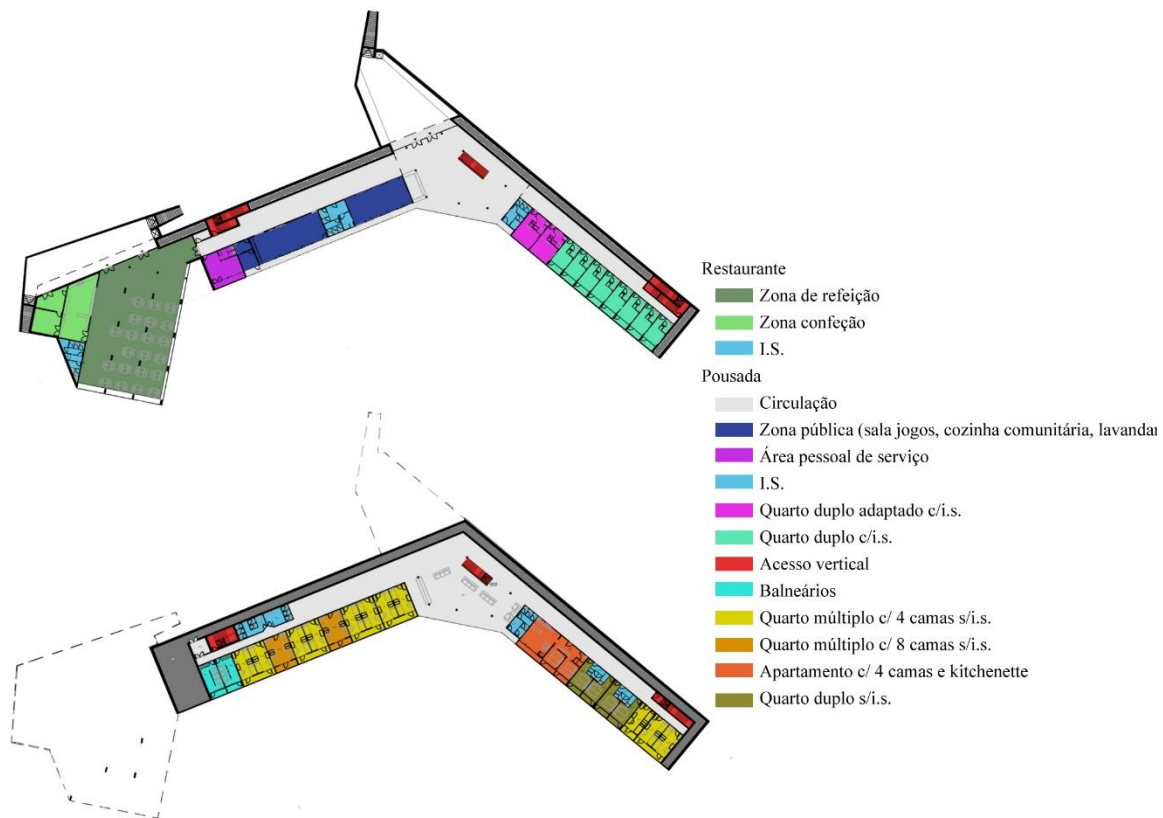
O projeto foi pensado como um socalco, que faz parte da pedreira, um bloco de pedra que é perfurado na superfície, para permitir o acesso ao seu interior. Deste modo os acessos à pousada e ao restaurante são feitos no sentido inverso. Estas aberturas no terreno são visíveis da superfície, pelas paredes em betão que sobressaem, e marcam acontecimentos na paisagem; o elevador, de acesso à pousada é outro dos elementos que pontuam o acesso.

O acesso à pousada é feito por uma escada e um elevador, que dão para um pátio de entrada, envidraçado, e que permite um vislumbre sobre a paisagem da costa de Sines, através do hall de receção e do espaço de estar comum. No piso 0, na ala sul estão oito quartos duplos com instalação sanitária (i.s.), sendo que existem mais dois que são adaptados, que permitem uma estadia de forma privada; enquanto a ala norte é composta por um corredor de maiores dimensões que permite o acesso à zona pública e comum do projeto: a sala de jogos, cozinha comunitária e sala de refeições, bem como uma zona de lavandaria. Este corredor permite o acesso ao restaurante, sendo que é do interesse haver uma ligação entre os usuários da pousada e do restaurante. O acesso ao piso -1 da pousada é feito por uma escada, no núcleo central da proposta, que permite o acesso a uma zona comum de estar, leitura e multimédia. Este piso é direcionado para os quartos com mais usuários, sendo que na ala sul está um apartamento para 4 pessoas com kitchenette, quatro quartos duplos s/i.s., e três quartos múltiplos com 4 camas s/i.s.; na ala norte estão oito quartos múltiplos com 4 camas s/i.s. e dois com 8 camas, sendo que existem instalações sanitárias e balneários para ambos os sexos. No total proponho um alojamento com 27 quartos e um apartamento. Em ambas as extremidades das alas do projeto, encontram-se as escadas de emergência necessárias para manter a segurança no edifício, e que marcam a paisagem, com novas aberturas. O edifício é encostado ao terreno através de um corredor de área técnica.

O restaurante encontra-se suspenso na pedreira, na extremidade norte do edifício, criando uma ligação territorial com a aproximação à cidade de Sines, e a entrada próxima à presença do moinho. O acesso é feito por duas escadas, uma que está ligada ao percurso de chegada face à

cidade de Sines, e a outra ao percurso vindo de sul, e ao estacionamento que permite o fácil acesso rodoviário; e por um monta-cargas, para a mercadoria que abastece o restaurante, e serve como acesso adaptado. Chegando ao piso 0, de entrada no restaurante, é possível ter uma observação por entre os pilares marcantes da sala de refeições sobre o mar. A zona de cozinha e armazém encontra-se com acesso pelo pátio de entrada, e desenvolve-se em dois espaços, de zona fria e zona quente, bem como zona de lavagem da loiça. Este restaurante permite uma experiência de levitação sobre a pedreira, e uma vista deslumbrante.

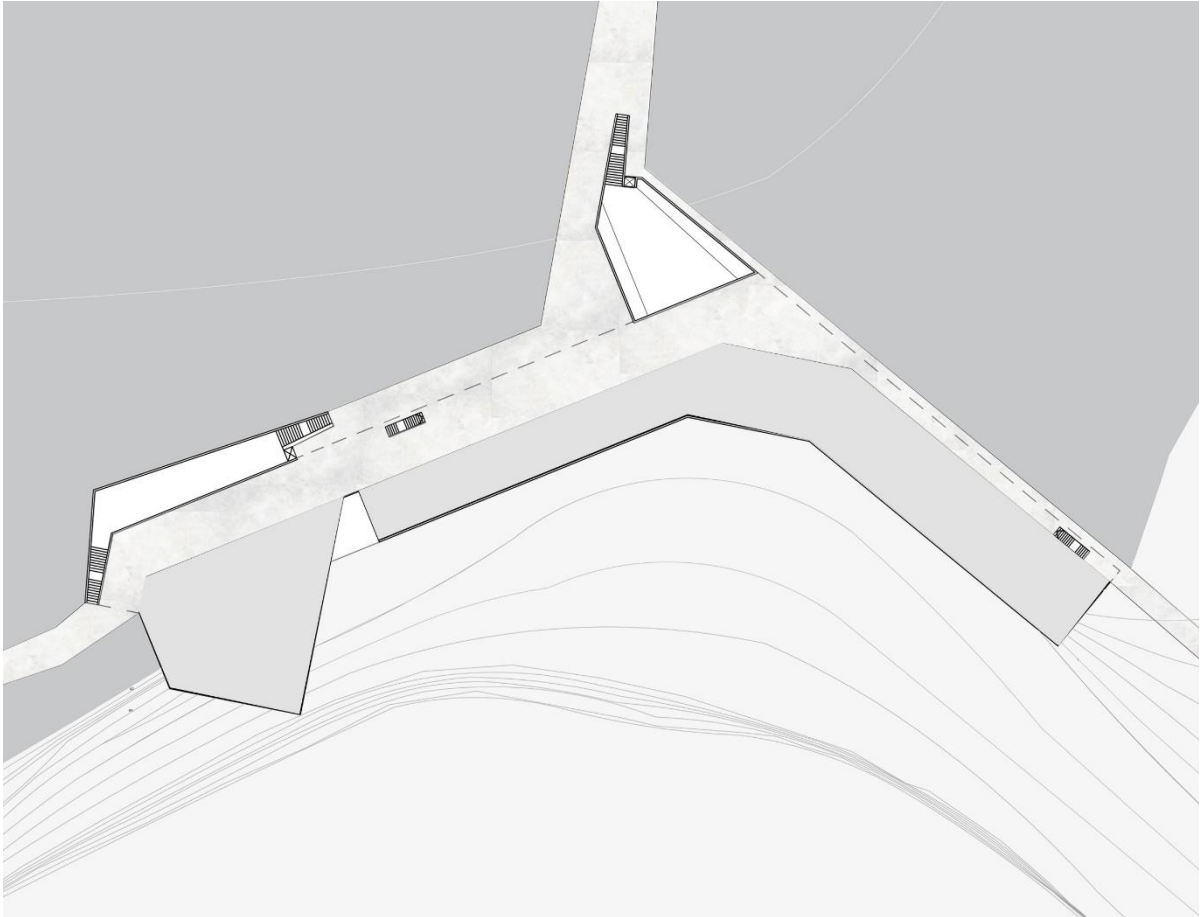
No local onde assenta o edifício, é extraída pedra, que é usada na construção. O sistema construtivo deste edifício consiste em pilares e lajes em betão armado. Parte do revestimento é em betão armado à vista, em tons escuros.



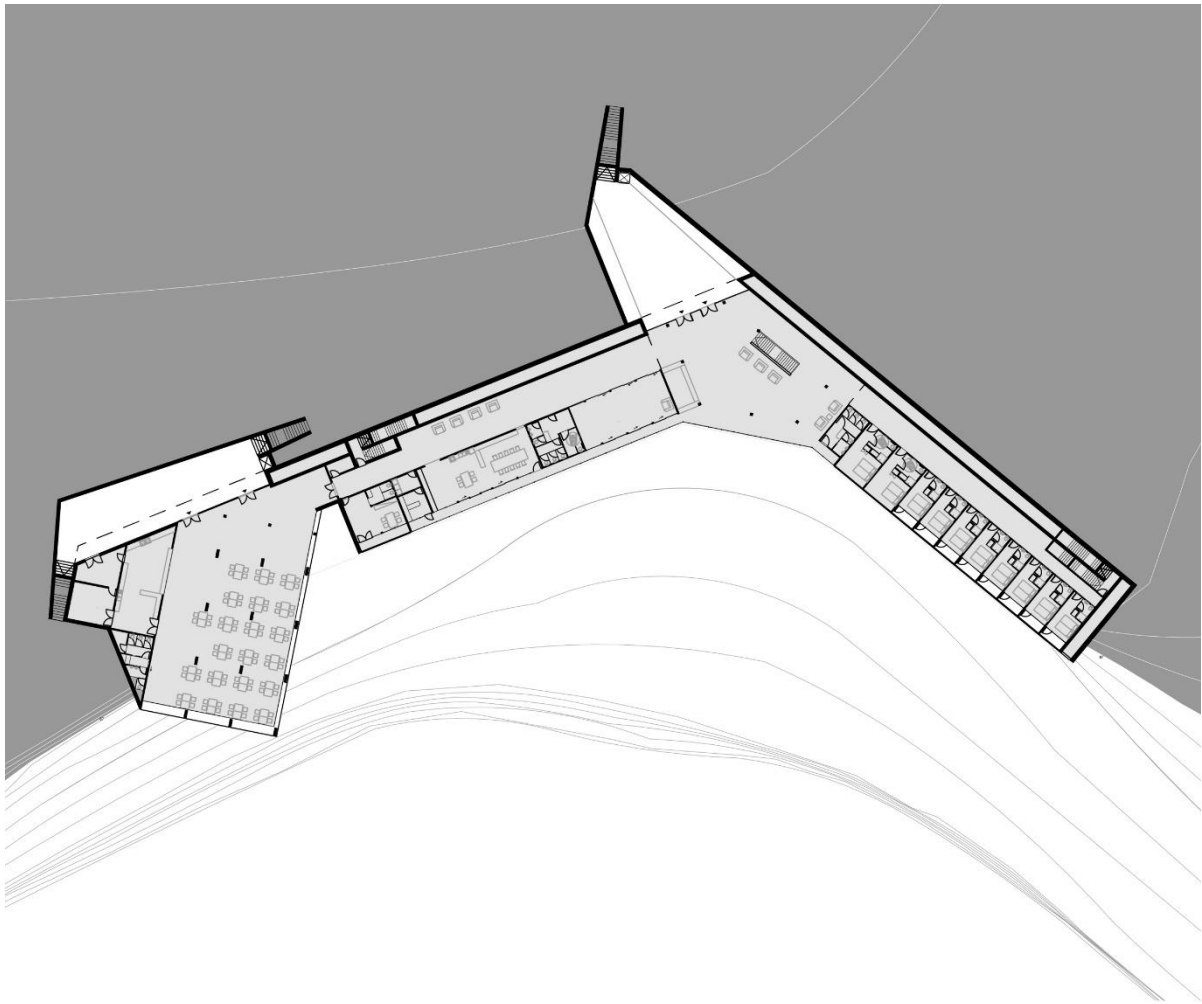
Plantas programáticas dos pisos 0 e -1.



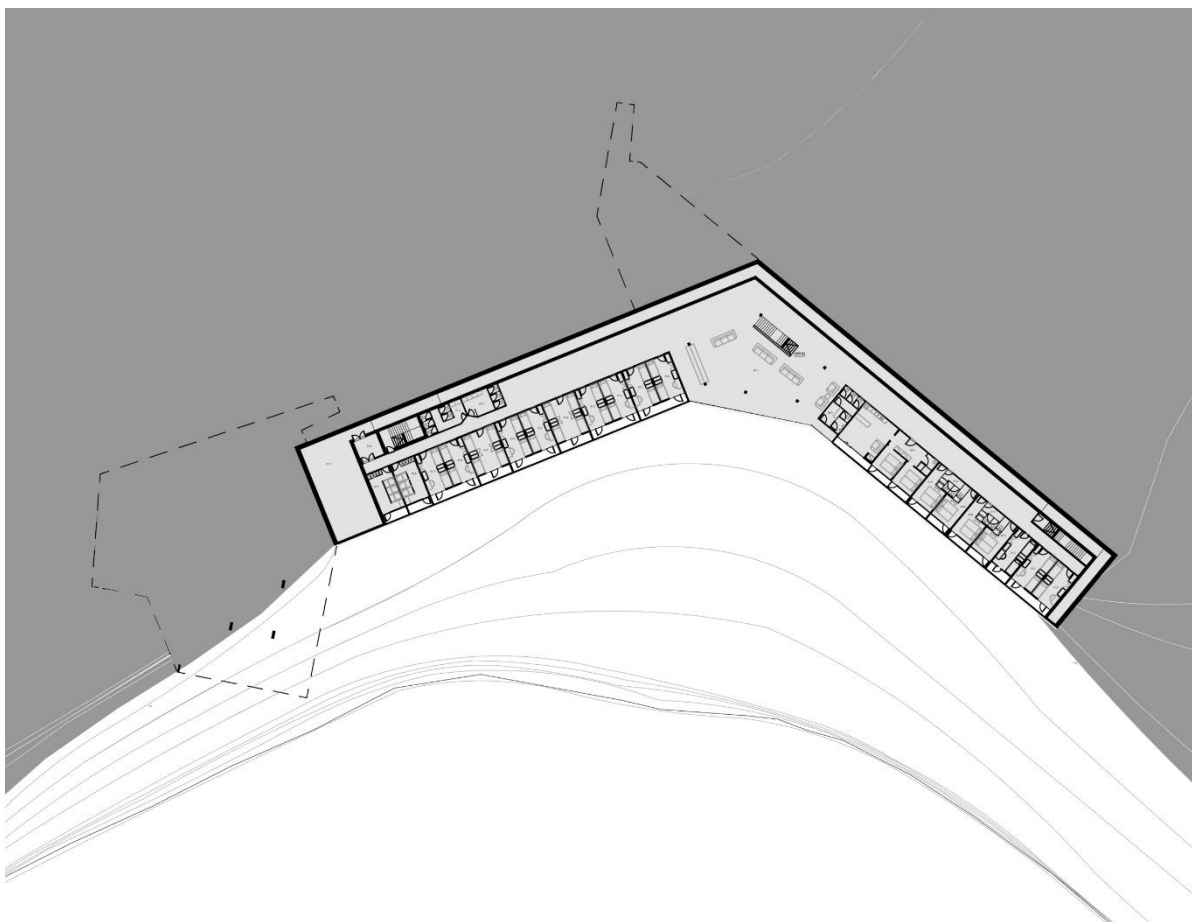
4.4 Desenhos técnicos



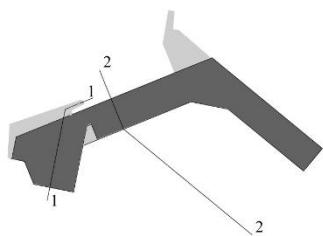
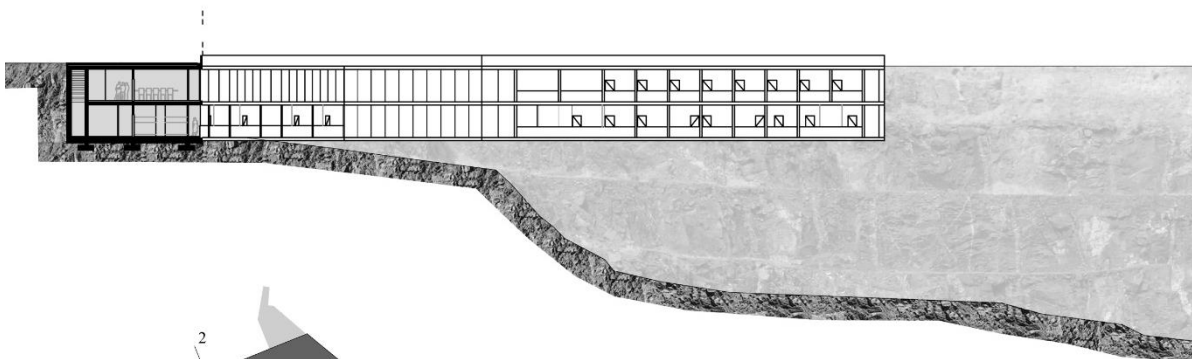
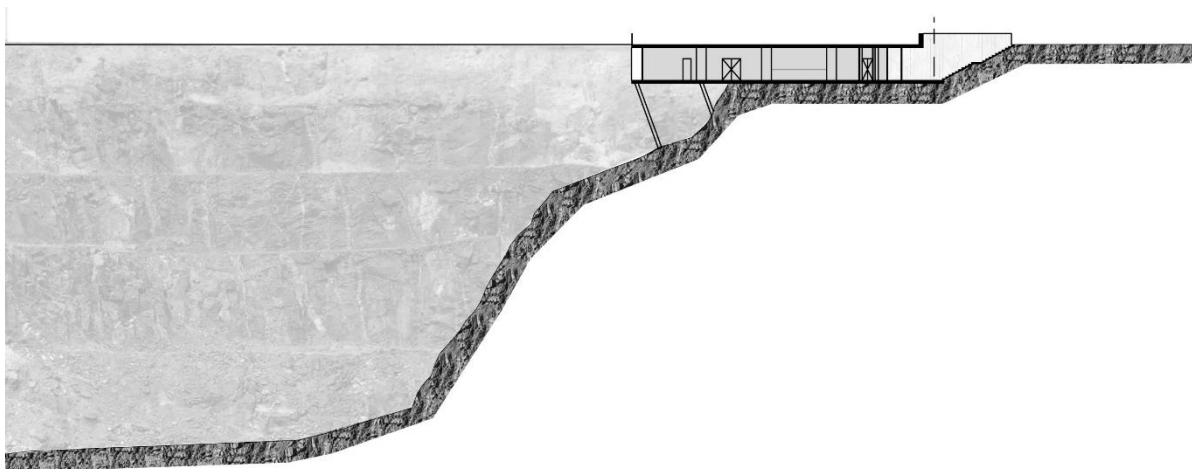
Planta de cobertura



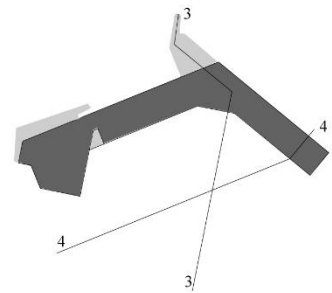
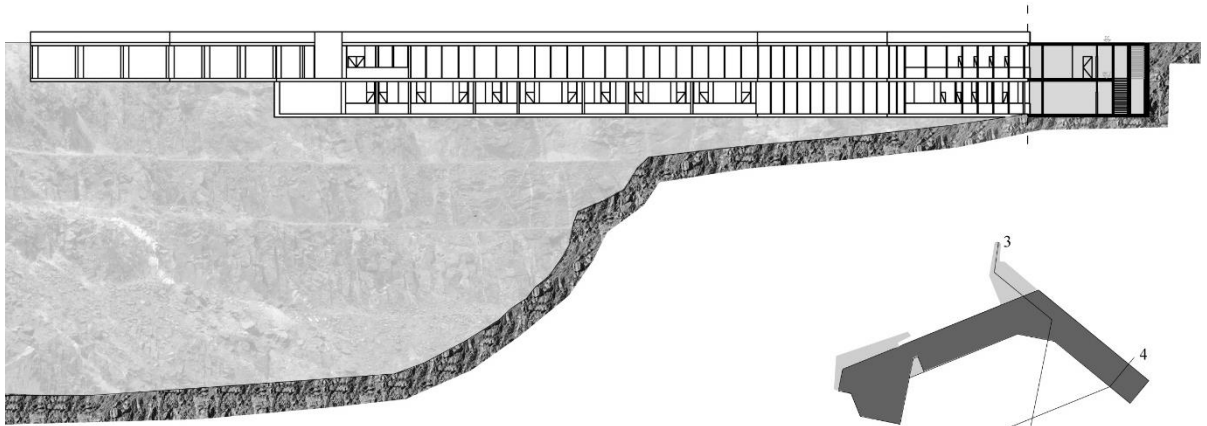
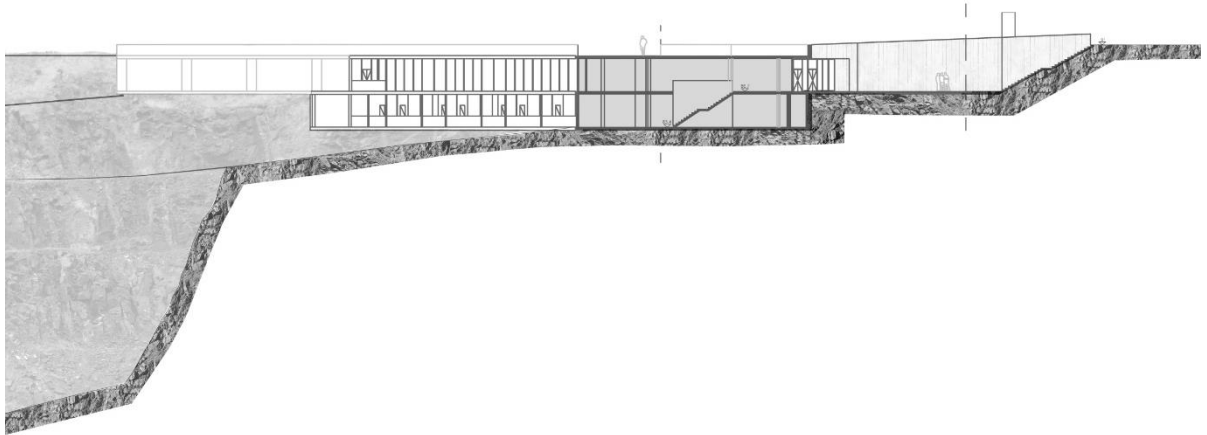
Planta do piso 0 (cota 86.7)



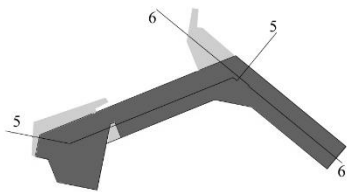
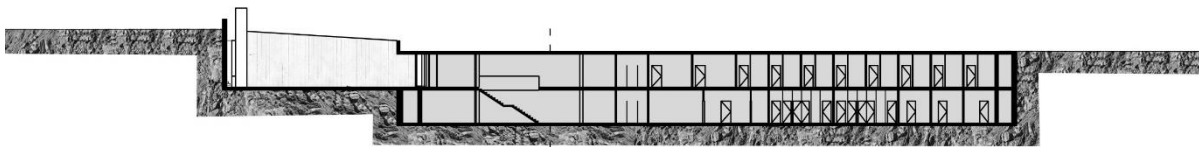
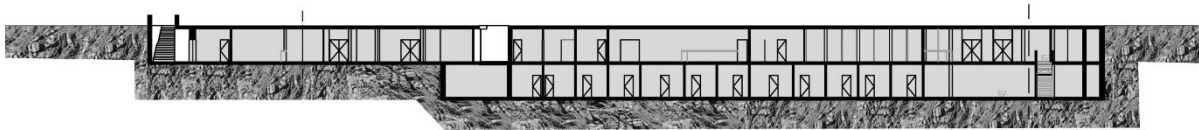
Planta do piso -1 (cota 83.4)



Corte 1 e Corte 2



Corte 3 e Corte 4



Corte 5 e Corte 6

5 Bibliografia

Pesquisa bibliográfica

El croquis. Hotel desportivo ‘victoria’ en Panticosa. Espanha, Huesa. 2001/2008

El croquis. Alvaro Siza. 2001/2008. Nº140. 2008. El croquis editorial. Madrid, espanha.

Sites consultados:

Natural pt. Instituto da conservação da natureza e das florestas
<http://natural.pt/portal/pt/Home>

Atlas do sudoeste Português. Comunidade intermunicipal Alentejo litoral (CIMAL).
<http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/352>

Pousada da juventude
<http://www.pousadasjuventude.pt/pt/>

Câmara Municipal de Sines
<http://www.sines.pt/>

